

# Revista Ensaios

ISSN 2175-0564

V. 10

JAN - JUL 2017

PUBLICAÇÃO DO CORPO DISCENTE DO PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA (PPGS) E  
DAS GRADUAÇÕES DE CIÊNCIAS SOCIAIS E  
SOCIOLOGIA DA UFF

## **CORPO EDITORIAL DA REVISTA ELETRONICA ENSAIOS**

### **Editora Responsável**

Lígia Dabul

### **Editores Adjuntos**

Wallace Cabral Ribeiro

Taynã Martins Ribeiro

Bruna Navarro

Andreza Cunha

Priscila Brandão

Tathiane Vitorino

Demian Sousa

Juliana Morais

### **Consultores**

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho

Rodrigo Lopes Cavalcanti Ribeiro

### **Consultor Gráfico**

Philippe Costa

### **Colaboradores**

Camilo Frade

Natália Mendes

Giulia de Jesus

### **Comissão Editorial**

André Dumans Guedes

Alessandro Andre Leme

Christina Vital

Cristiano Monteiro

Daniel Hirata

Jair de Souza Ramos

Jorge de La Barre

Lígia Dabul

Luiz Antonio Machado da Silva

Luis Carlos Fridman

Marcos Otávio Bezerra

Raphael Lima

Valter Lúcio de Oliveira

**Conselho Editorial**

Ana Rosas Mantecón (Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, Mexico)

Andrea Roca (University of British Columbia, Canadá)

Anni Raw (Durham University, Grã-Bretanha)

Antoine Hennion (Centre de Sociologie de l' Innovation de l'Ecole Nationale Supérieure des Mines de Paris, França)

Arturo Morato (Universidade de Barcelona, Espanha)

Cornelia Eckert (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glaucia Villas Bôas (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Howard Becker (Pesquisador e autor independente que vive em São Francisco)

Irlys Barreira (Universidade Federal do Ceará)

José Vicente Tavares (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Maria Antonietta Trasforini (Università degli Studi di Ferrara, Itália)

Mariza Peirano (Universidade de Brasília)

Sergio Miceli (Universidade de São Paulo)

Paula Guerra (Universidade do Porto, Portugal)

Vera Zolberg (*in memoriam*)  
(The New School for Social Research, EUA)

Voica Puscasiu (Universitatea Babeş-Bolyai, Romênia)

REVISÃO TÉCNICA  
Wallace Cabral Ribeiro

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Wallace Cabral Ribeiro

Imagem de capa: Série "O grito da guerreira", de Andreza Cunha  
Diagramação de Capa: Andreza Cunha

REVISTA ELETRÔNICA ENSAIOS  
Publicação do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFF) e das graduações de Ciências Sociais e Sociologia da Universidade Federal Fluminense.  
Niterói V.10. 2017-Jan/jul  
ISSN 2175-0564

REVISTA ELETRÔNICA ENSAIOS

Niterói - Vol. 10. p. 114 - Jan-jun. 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello  
Vice-Reitor: Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA (ICHF)  
Diretor: Alessandra Siqueira Barreto  
Vice-diretor: Marcos Otávio Bezerra

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-UFF  
Coordenadora: Lígia Maria de Souza Dabul

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (GSO)  
Chefe: Valter Lúcio de Oliveira  
Sub-chefe: Sérgio Ricardo Rodrigues Castilho

NÚCLEO DE ESTUDOS CIDADANIA, TRABALHO E ARTE (NECTAR)  
Coordenadora: Lígia Maria de Souza Dabul

REVISTA ELETRÔNICA ENSAIOS  
Publicação do corpo discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) e das graduações de Ciências Sociais e Sociologia da UFF

Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais (GSO)  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF)  
Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, Sala 305  
São Domingos, Niterói – RJ – CEP 24210-201.

## **Apresentação**

A Revista Ensaios trata-se de um periódico cuja especialização é o campo das Ciências Sociais. Mas uma Ciência Social em constante diálogo com espaços relativos à *práxis* humana e que produzem uma compreensão de si e do mundo, afirmando seu caráter interdisciplinar, com o rigor necessário a uma produção acadêmica. Nesse sentido, sua proposta visa afirmar e veicular o olhar criterioso das Ciências Sociais à convivência com diversos espaços, estabelecendo conexões entre os múltiplos níveis e instâncias da realidade social.

Pretendemos, assim, contribuir e estimular para a produção de trabalhos científicos de discentes e docentes vinculados aos programas de graduação e de pós-graduação das áreas das ciências humanas e sociais. É com esse propósito que apresentamos aos leitores e as leitoras o décimo volume deste periódico. Nele, contamos com cinco artigos e um ensaio, os quais abordam temas variados que dialogam com a Sociologia, Filosofia, Literatura, Cinema, História, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Educação, dentre outros campos de saberes, e que atravessam o mundo contemporâneo e seus principais desafios.

O primeiro artigo, **Classes e Conservadorismo nas Manifestações Pró-impeachment**, do autor Wendel Alves Damasceno, visa analisar a relação entre o caráter moderadamente conservador das manifestações *pró-impeachment* de 2015 e 2016 e as questões estruturais de classe, a partir de pesquisas estatísticas, entrevistas e outras fontes, buscando identificar, assim, aspectos ideológicos e de classe presente nesses eventos.

O segundo artigo, **O Proletariado em *Eles Não Usam Black-Tie* (1981)**, de **Leon Hirszman**, da autora Quézia Maria Lopes Gomes da Silva Ribeiro, mergulha no universo do cinema, no contexto de abertura política, para analisar a representação da classe operária que se faz presente no filme *Eles não usam Black-tie* (1981), do cineasta brasileiro Leon Hirszman, a partir da concepção marxista da obra de arte como expressão da realidade e criadora de realidade (KOSIK, 1976).

O terceiro artigo, **Metropolização e desigualdades: notas sobre a dinâmica de crescimento populacional e a produção do patrimônio cultural da cidade de Ribeirão das Neves (MG - Brasil)**, da autora Nayara de Amorim Salgado, propõe um estudo de caso em torno da cidade de Ribeirão das Neves, refletindo sobre a relação entre o processo de crescimento demográfico e a construção de uma identidade negativa da cidade e de seus moradores, e, por conseguinte, o abandono do patrimônio cultural.

O quarto artigo, ***Habemus Papam: Surge uma nova identidade para o catolicismo***, do autor Tiago Fernando Hansel, apresenta o surgimento de uma nova perspectiva identitária para o catolicismo a partir de uma análise sobre a vida do Papa Francisco, o qual traz consigo e repassa para o mundo um estilo próprio, quebrando paradigmas, culturas e identidades seguidas até então pela igreja romana.

O quinto artigo, ***Diálogo entre Tocqueville e Weber em torno da democracia, da racionalidade e da religião nas origens dos EUA***, das autoras Monalisa Lima Torres, Mônica Dias Martins e do autor Hermano Machado Lima, propõe verificar a importância da inter-relação entre a ética do puritanismo, a racionalidade, as ideias de liberdade e igualdade para o estabelecimento do capitalismo ocidental moderno, bem como para a democracia liberal nos Estados Unidos.

Já o ensaio, ***O Pathos dionisíaco manifestado em Lavoura Arcaica de Raduan Nassar***, da autora Pâmela Bueno Costa, apropria-se da filosofia nietzschiana para analisar o *pathos dionisíaco*, exaltado no personagem André, do romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, que rompe com os padrões da época e de sua família em busca de seu eu no mundo, amor e desejos.

Além das produções textuais, contamos também com imagens fotográficas de autoria de Andreza Cunha e Bruna Navarro, que retratam ao longo deste número cenas que expressam as tensões sociopolíticas ocorridas no Brasil durante o ano de 2016. Imagens que revelam a intensidade das lutas políticas pelos direitos sociais em manifestações de rua das grandes metrópoles brasileiras.

A capa desta edição, inclusive, conta com a fotografia “O grito da guerreira”, da autora Andreza Cunha. Essa foto compõe a 13ª edição da Vitrine, intitulada “Feminismos”, do Ateliê da Imagem, e foi premiada junto com outras duas fotografias. Essa imagem foi extraída da manifestação de rua “NI UNA MENOS-RJ”, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 25 de outubro de 2016, onde as fluminenses prestaram solidariedade às mulheres argentinas para dizer “Basta de Femicídios”.

O comitê editorial da Revista Ensaios deseja a todos e a todas uma ótima leitura e que os textos e as imagens deste volume sejam de grande valia. Esperamos a sua contribuição no próximo número.

## Sumário

**Apresentação ..... 5 - 6**

### Artigos

**1 - Classes e Conservadorismo nas Manifestações Pró-*impeachment***

Wendel Alves Damasceno ..... 9 - 28

**2 - O Proletariado em *Eles Não Usam Black-Tie* (1981), de Leon Hirszman**

Quézia Maria Lopes Gomes da Silva Ribeiro ..... 29 - 49

**3 - Metropolização e desigualdades: Notas sobre a dinâmica de crescimento populacional e a produção do patrimônio cultural da cidade de Ribeirão das Neves (MG - Brasil)**

Nayara de Amorim Salgado ..... 50 - 71

**4 - *Habemus Papam*: Surge uma nova identidade para o catolicismo**

Tiago Fernando Hansel ..... 72 - 83

**5 - Diálogo entre Tocqueville e Weber em torno da democracia, da racionalidade e da religião nas origens dos EUA**

Monalisa Lima Torres/Mônica Dias Martins/Hermano Machado Lima ..... 84 - 96

### Ensaio

**6 - O *Pathos* dionisíaco manifestado em Lavoura Arcaica de Raduan Nassar**

Pâmela Bueno Costa ..... 98 - 105

**Fotografias ..... 107 - 114**

“Ato contra Pec em Brasília” - ©Bruna Navarro

“NI UNA MENOS-RJ”, - © Andreza Cunha

# Artigos



## **Classes e Conservadorismo nas Manifestações Pró-*impeachment***

Wendel Alves Damasceno<sup>1</sup>

**Resumo:** O seguinte artigo busca tratar da relação entre o caráter moderadamente conservador das manifestações pró-*impeachment* de 2015 e 2016 e questões estruturais de classe, cuja as características de renda e desigualdades são bastante diferentes em relação a outros períodos. Pesquisas estatísticas, entrevistas e outras fontes foram combinadas para esclarecer sobre aspectos ideológicos e de classe, que moveram muitos debates acadêmicos e virtuais e posicionamentos durante o período.

**Palavras-chave:** Conservadorismo; Desigualdades sociais; Política; Classe média.

### **Classes and Conservatism in the Pro-*impeachment* demonstrations**

**Abstract:** The following article seeks to address the relationship between the moderately conservative character of the pro-*impeachment* protests of 2015 and 2016 and class structural issues, which the income characteristics and social inequalities are quite different when compared to other periods. Statistics, interviews and other sources were combined to clarify ideological and class aspects, which moved academic and virtual debates as also political positioning during this period.

**Keywords:** Conservationism; Social inequalities; Politics; Middle class.

#### **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo analisar como o equilíbrio de forças entre os diversos interesses de classes e setoriais pode ser afetado quando o Estado promove redistribuição de recursos financeiros e políticos para áreas habitualmente negligenciadas, com indivíduos sujeitos a discriminação racial ou a ciclos de pobreza que se reproduzem a décadas no Brasil.

O indicador deste desequilíbrio de interesses, aqui analisado, são as manifestações

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista pela Capes. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista *latu sensu* em Ensino de Sociologia pela Universidade Cândido Mendes. E-mail para contatos: wendeldamasceno@yahoo.com.br

*pró-impeachment*, 2015 e 2016, cujas as pautas e reivindicações moderadamente conservadores se entrelaçam com as mudanças econômicas que elevaram o poder aquisitivo das classes baixas.

A base de pesquisa deste artigo se constitui na análise de resultados de pesquisa sobre perfis dos manifestantes *pró-impeachment*, 2015 e 2016, e também na análise do trabalho de Antônio Flávio Pierucci na década 80 sobre conservadorismo e classe média.

O aspecto marcadamente recente dos fatos implicou num largo uso de referências jornalísticas, já que pouco pode ser citado de pesquisas ou livros como referências. Mas em todo caso, todas as notícias têm links para as versões on-line, onde podem ser conferidas. Foi utilizado também dados de pesquisas estatísticas sobre distribuição de renda e desigualdades sociais no Brasil.

Durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), seus 13 anos no poder, vivenciamos as famosas *Jornadas de Junho de 2013*, seu caráter apartidário no início se tornou foco para expressão e manifestações de ideologias e grupos de direita. Neste mesmo período, principalmente após o período mais próspero da nossa economia, vimos não só projetos de leis, outrora desprezados e esquecidos no congresso, ganharem a agenda política com suas reivindicações por parte de diversos setores e grupos sociais.

Questões tais como redução da maioria penal, limitação da atuação do professor, agora visto como uma ameaça doutrinária, maior controle sobre atuações políticas nas redes sociais e possível tipificação como terrorismo de movimentos sociais e protestos nos mostram como o cenário social se tornou propício ao que antes seria visto como retrocesso político.

É importante deixar claro que veículos de imprensa como a Revista Veja e similares atuam com um discurso de oposição ao Partido dos Trabalhadores bem antes da atual crise, assim como a Rede Globo de televisão e outros canais. Da mesma forma, conservadores que antes eram pouco conhecidos como Olavo de Carvalho e o deputado Jair Bolsonaro ganharam destaque público como heróis e referências políticas nos últimos anos.

A crise não atingiu igualmente todas as classes sociais e foi vivenciada de formas diferentes a medida em que ela foi alcançando os diversos estratos sociais. Os programas sociais e o próprio direcionamento das políticas sociais do referido governo permitiram proteger as camadas mais baixas da crise econômica, diferente da classe média que começou a

sofrer com achatamento de renda e a valorização do salário mínimo aproximando o padrão de consumo do trabalhador dos setores mais baixos da classe média.

Estes setores de classe média, afetados com redução de oportunidades de trabalho e achatamento de renda, viram esta valorização e proteção do trabalhador das classes mais baixas como um projeto de governo comunista, nos termos mais típicos um projeto de *governo bolivariano*. Foi neste contexto em que ideias e personagens outrora condenáveis e desprezados voltaram a cena, como os clamores pela volta da ditadura militar, pela maior repressão policial e medo da ameaça comunista.

Símbolos e plataformas políticas do governo do Partido dos Trabalhadores como promoção da igualdade de oportunidades, inclusão de minorias sociais em universidades e outros meios de proteção social como políticas de direitos humanos, se tornaram o alvo da desta reconfiguração ideológica. Era preciso deslegitimar estas políticas em seu caráter constitucional e ressignificá-las como um projeto comunista de empoderamento de uma classe e grupos minoritários contra outra.

Se antes esta desconstrução se dava no interior de alguns partidos de oposição e de grupos políticos e ideológicos pouco expressivos, a situação econômica enfrentada pela classe média era associada ao cenário descrito pelo conservadorismo. Em outras palavras, as condições concretas em que vivia esta classe média permitiam esta interpretação econômica e social dos fatos que a cercavam.

O encontro de ideologias de direita com os questionamentos econômicos e sociais da classe média em geral prepararam terreno para que criassem uma pauta comum organizada que poderia ser incorporada por qualquer grupo de pressão organizado. As marchas pró-*impeachment* eram questão de tempo.

É importante deixar claro logo no início que antes mesmo que as acusações e investigações contra o PT e demais partidos, inclusive de oposição, ganhassem força tanto concreta quanto inflada pela mídia, este caráter de oposição da classe média ao governo já estava tão forte a ponto de vivenciarmos o episódio em que a própria presidente Dilma Rousseff fora vaiada e ofendida na abertura da Copa do Mundo no Brasil. Não havia nesta época a relevância que tem hoje a operação investigativa da Lava Jato.

### **Aproximação das Classes Baixas em Direção às Classes Médias**

Segundo a cientista política Marta Arretche, em uma entrevista dada ao jornal Valor Econômico (KLEIN, 2016), o significativo investimento do governo do PT em áreas sociais, através de programas como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, entre outros, demanda recursos financeiros que se tornaram mais escassos com a crise internacional e queda de valores de *commodities* como petróleo que auxiliavam no seu financiamento.

A fonte alternativa de recursos para a manutenção destes programas seria o aumento de impostos, o que contava com pouco apoio de diversos setores em geral (KLEIN, 2016). Sem apoio do próprio partido para fazer os ajustes necessários (KRAKOVICS, 2015) e sem a confiança do mercado financeiro, o segundo mandato de Dilma Rousseff se viu num dilema que deixou seu governo vulnerável a interesses partidários de aliados quem em outros momentos não encontravam força para se fazerem presentes na pauta política.

Se por um lado o cenário econômico internacional dificultou a arrecadação nas fontes habituais para estes programas, por outro não havia nem o apoio suficiente para o aumento da arrecadação de impostos e nem para reduções nos investimentos em programas sociais (BECK; DAMÉ, 2015). Este impasse, que enfraqueceu a governança da presidente, permitiu que grupos secundários e fisiológicos de outrora ganhassem força e espaço tanto na mídia quanto no congresso. Se beneficiando inclusive de um aumento no número de congressistas em 2015 considerados conservadores segundo pesquisa feita pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar – DIAP (CARAM; SOUZA, 2014).

Segundo Marta Arretche (KLEIN, 2016) haveria certa *vingança social* da classe média expressa pelo desprezo e culpabilização dos programas sociais efetivados pelo PT dado que no período mais próspero do governo houve escassez de trabalhadores não qualificados e uma contínua política de valorização do salário mínimo. Como explica Marta Arretche “o mal-estar da classe média baixa — dos que estão ligeiramente acima dos pobres, e que não podem mais arcar com os custos do aumento do poder de barganha do andar de baixo — continuará, prevê Marta, mesmo com o fim da era PT no poder federal” (KLEIN, 2016).

Embora de forma mais emblemática do que representativa, as vaias e ofensas dirigidas a então presidente Dilma Rousseff durante a abertura da Copa das Confederações e

Copa do Mundo de Futebol em 2014 não foram no contexto atual marcado pelas denúncias de corrupção contra o PT, aliados e oposição, mas num outro contexto pré-eleição e de acirramento ideológico que levariam a reeleição por 53% dos votos de Dilma Rousseff

Em outras palavras, o aumento do poder aquisitivo dos setores antes empobrecidos não foi acompanhado de um proporcional aumento nos ganhos da classe média. Como sintetiza Scalon e Salata:

Entre 2002 e 2009, a participação da “Classe C” – que vem sendo chamada de nova classe média –, no recorte estudado, passou de 45,4% para 54,2%. A “Classe A & B” correspondia a 13% do recorte, em 2002, passando para 17%, em 2009. A “Classe D”, que, em 2002, respondia por 15,5% do recorte, em 2009 cai para 12,2%. Por fim a “Classe E” apresentou uma substantiva diminuição, indo de 26,1%, em 2002, para 16,5%, em 2009. Desse modo, percebemos uma melhora na distribuição de renda, com os grupos de menor renda diminuindo sua participação e os grupos de renda média e alta intensificando sua presença. Devemos destacar a notável queda da participação da “Classe E” e também o correlato aumento da “Classe C”. (2012:394)

Como afirma Marta Arretche, com o aumento do ganho destes setores aumentou também os custos de vida da classe média, contratante de serviços como de pedreiros, mecânicos, empregadas domésticas e outros (KLEIN, 2016). O que produz um aparente efeito de empobrecimento da classe média as custas de uma valorização de setores anteriormente mais pobres. O que significa também que os custos sociais e educacionais para se adquirir certos bens como automóveis e casas se tornaram acessíveis as demais classes via programas sociais e política salarial.

Desigualdade - De acordo com a PNAD, a desigualdade de renda no Brasil vem caindo continuamente desde 2001. Entre 2001 e 2011, a renda *per capita* dos 10% mais ricos aumentou 16,6% em termos acumulados, enquanto a renda dos mais pobres cresceu notáveis 91,2% no período. Ou seja, a do décimo mais pobre cresceu 550% mais rápido que a dos 10% mais ricos. Os ganhos de renda obtidos aumentam paulatinamente, na medida em que caminhamos do topo para a base da distribuição de renda. (IPEA, 2014: 6)

Outra fonte que convém citar, apresentada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), reforça esta redução das desigualdades sociais no Brasil, o que não quer dizer aumento quantitativo da classe média (via mobilidade social), mas uma redução da

distância entre médias de renda entre as classes.

Segundo a Unesco, dois terços dos países do mundo vivenciaram aumento de desigualdade no período recente. A exceção são os países da América Latina, o continente com maior desigualdade, onde a mesma apresenta tendência de queda generalizada no período. Nos demais BRICS, a desigualdade, embora mais baixa, subiu entre 2000 e 2007. O crescimento da renda dos 20% mais ricos no Brasil foi inferior ao de todos os BRICS, enquanto o crescimento de renda dos 20% mais pobres supera o de todos os demais, com exceção da China. (IPEA, 2014: 7)

É importante ressaltar que as desigualdades sociais são características diversas que as diferentes estratificações sociais podem apresentar. Ela pode resultar de diferenças de renda e status social entre os estratos, pela diferença entre os ocupantes de posições mais valiosas e daquelas menos valiosas, assim como nível de mobilidade social.

Segundo Fred Hirsch (1976), os bens e serviços utilizados em uma competição posicional sofrem o que o autor chama de *escassez social*. Isto se deve ao fato de que o valor de um bem, por exemplo, educação formal, possui seu valor pela escassez. De forma que se for alcançado por certa quantidade de pessoas, ele perde seu valor de escassez (no caso garantias e reserva de mercado). É a ideia de que um bem por todos almejado, quando por todos alcançados perde o valor de escassez e os benefícios a isto ligado. Como explica o próprio Hirsch:

A escassez social é um conceito básico nesta análise. Ela expressa a ideia de que boas coisas são limitadas não só pelas restrições físicas a sua produção, mas também pelos limites absorventes de seu uso. Quando o ambiente social tem uma capacidade limitada de ampliar o uso sem deteriorar a qualidade, impõe limites a satisfações que não dependem do produto ou facilidade isoladamente, mas das condições que cercam seu uso. (1976:16)

Estas condições que “cercam seu uso” é o cenário em que a posição da classe média não garante a mesma exclusividade de antes a certos bens e serviços, que passam a ser acessíveis aos demais e mais custosos para ela. Não é de se estranhar que esta oposição aos programas e políticas sociais do governo tivesse fundamento nesta sensação de maior igualdade ameaçando bens defensivos, educação por exemplo, e posicionais que outrora asseguravam o acesso restrito a recursos por uma classe que não proprietária de capital, mas que também não se identifica com o trabalhador comum (SCALON; SALATA, 2012:389).

Eles apontam que segundo os conceitos e modelos sociológicos de classe social, não houve mudanças significativas na estratificação que permitam falar em uma *nova classe média* ou no aumento da classe média tradicional (SCALON; SALATA, 2012). Estes autores não consideram que só o aumento de renda possa implicar em mobilidade de classes ou mesmo suficiente para se definir classes e os elementos econômicos e sociais que as constituem (SCALON; SALATA, 2012: 388).

A pesquisa apresentada por Scalon e Salata (2012) é muito enfática ao ressaltar que a distância em termos de remuneração entre classe média e trabalhadores manuais foi reduzida. Tomando como base informações estatísticas compiladas pela Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), comparando 2002 e 2009, a pesquisa apresentada possui ainda mais informações que não foram sintetizadas aqui, mas que confirmam a ideia principal que é a aproximação entre estratos mais baixos e os médios e, como defende este artigo, a tensão disto decorrente.

### **Perfis Sócio Econômicos dos Manifestantes de 2014 e 2015**

Por ocasião dos protestos de 2014 e 2015, contra corrupção e contra o governo, alguns institutos de pesquisa privados e pesquisadores ligados a universidades, investigaram através de entrevistas o perfil social, político e econômico dos manifestantes. Nesta seção serão sintetizados alguns resultados, mais relevantes para o objetivo do artigo que é a posição política e comportamentos que poderiam ser considerados conservadores e a relação com mudanças econômicas e de renda implementadas durante o governo do Partido dos Trabalhadores.

Segundo a pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisas Data Folha (2015), no dia 15 de março de 2015, dia de uma das maiores manifestações diretamente contra o governo já realizadas, a maioria dos entrevistados tem mais de 36 anos (58%). A pesquisa aplicou métodos de amostragem que permitem extrapolar estas informações para o conjunto dos manifestantes.

Em relação a preferência partidária, 51% se declararam sem preferência, enquanto 37% declararam ter preferência pelo PSDB. Em relação a ligação com os grupos organizadores dos protestos, 91% declaram não ter nenhum tipo de ligação. 82% votaram no

candidato Aécio Neves para presidente. 47% alegaram estar protestando contra a corrupção, enquanto o restante alegou protesto por *impeachment* (27%) e contra o PT (20%). 85% declararam que democracia é a melhor forma de governo sempre. Posicionamentos mais extremos, numa escala elaborada pela pesquisa, 27% se posicionaram pela direita e 6% por esquerda.

Analisando esta pesquisa, é possível notar que o posicionamento contra a corrupção divide os apelos com o posicionamento contra o PT e contra a presidente Dilma Rousseff. A maioria são de eleitores do candidato à presidência Aécio Neves. Mas metade não tem preferência por partido algum e 37% preferem o PSDB. O posicionamento pela democracia em qualquer circunstância foi de 85%.

Embora falte alguns dados que seriam relevantes para a pesquisa é possível notar que não se tratam de manifestantes predominantemente a favor de ditadura, ainda que metade não se posicione por qualquer partido. Características mais acentuadas de posicionamento a esquerda ou à direita não chegaram a 35%. O caráter seletivo das manifestações é menos evidente do que seu caráter diversificado. 77% afirmaram que o trabalho dos deputados e senadores é ruim ou péssimo. No geral a visão de que a corrupção existe em só partido não é predominante. Nem se trata de predominância do eleitorado do PSDB e demais partidos de oposição.

A Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG, 2015) também promoveu uma pesquisa, coordenada pelo Grupo Opinião Pública, sobre perfis dos manifestantes de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, na manifestação do 16 de agosto de 2015. Foram realizadas 435 entrevistas de caráter amostral, cujos resultados serão sintetizados aqui.

Uma das questões colocadas sobre quais seriam os dois maiores problemas do Brasil, a *corrupção* apareceu com 55,1% das respostas mencionadas e as outras 22 respostas dividiram o restante das menções. Respostas como *comunismo* e *desigualdades sociais* aparecem com 0,5% e 0,9% respectivamente, o *PT* aparece 2,1%.

Em relação ao que seria no momento a melhor opção para o país, alternativas como renúncia e *impeachment* somam 77,2% das respostas, enquanto intervenção militar apresenta



13,1%. Embora 29% dos manifestantes declarem preferência pelo PSDB, a preferência por nenhum é de 51,4%. O restante dos resultados se dispersam por outros partidos. A questão sobre a situação econômica pessoal apresentou 66,6% de pior e muito pior do que a 10 anos atrás. Enquanto 16% apontou respostas afirmando melhoria. Para 15,4 % não houve mudanças.

Esta pesquisa também realizou perguntas que apontariam mais especificamente para o perfil ideológico dos participantes. Nem todas serão apresentadas aqui, mas é possível perceber que posições mais pontuais como aborto, redução da maioridade penal, Bolsa Família, uso e legalização de maconha, não possuem mais que 40% de posicionamento totalmente contra, mas somados aos parcialmente contrários conseguem em média 60% em relação aos indiferentes ou a favor de uma posição menos conservadora. Infelizmente, os dados disponíveis da pesquisa não permitem perceber a predominância de respostas totais, de forma que não sabemos o que é totalmente contra o aborto é assim também em outras questões. É possível adiantar, a quem queira analisar com mais profundidade estes dados, que predominam respostas parcialmente conservadoras, embora as parciais e totalmente sejam, a maioria nos diversos casos.

47% são parcialmente a favor de intervenção militar em casos de caos social. 34% discordam totalmente, enquanto 18,2% concordam totalmente. Destacam-se a predominância de mais de 60% de respostas totalmente contrárias ao MST e a legalização do uso da maconha, ao contrário do união estável entre pessoas do mesmo sexo, tem 49% de respostas parcialmente favoráveis e 22,4% totalmente contrárias. Se declararam também eleitores atuais de Aécio hoje, 48,6%, enquanto de Jair Bolsonaro, 6,7%.

São a maioria brancos (58,8%) e 52% com curso superior. 12,2% tem formação superior incompleta, mas não há informações se isto se deve a abandono ou por estarem cursando. 56% possuem renda acima de cinco salários mínimos. De dois a cinco salários são 28,1%.

De acordo com os dados apresentados e considerando as perguntas e respostas como indicativos de caráter conservador, é possível dizer de forma geral que os manifestantes são predominantemente conservadores, de forma parcial ou acentuada. Não necessariamente

apologistas de intervenção militar ou ligados a partidos específicos. Concentram-se na faixa de cinco salários mínimos a nove (26%) e dez salários mínimos ou mais (30,6%). A pesquisa não apresenta dados que permitam que se especifique os perfis de renda com as respostas mais ou menos acentuadas do caráter ideológico.

Outra pesquisa sobre o perfil dos manifestantes de São Paulo (16 de agosto de 2015), conduzida por Esther Solano, Pablo Ortellato e Lúcia Nader (2015), respectivamente da Unifesp, USP e da ONG *Open Society*, apresentou resultados semelhantes. Os manifestantes contrários ao *impeachment* também foram entrevistados, mas com questionários diferentes o que dificulta algumas comparações.

Possuem escolaridade superior 65% dos entrevistados e 12% superior incompleto, que pode significar abandono ou em curso, a pesquisa não deixou claro isto. 73% considerados brancos. As rendas se concentram na faixa de 7.880 reais a 15.760 (28.9%) e R\$ 3 940 a R\$ 7 880 (22.5%).

Foi perguntado aos 405 entrevistados sobre o que considerariam uma boa solução para a crise. A opção *entregar o poder aos militares* teve 71% de respostas *não concordo* e 13.10% de *concordo totalmente*. Os que concordam parcialmente somam 15.10%.

Sintetizando algumas questões colocadas sobre impostos e investimentos públicos, a maioria acredita que paga impostos excessivos e que estes são mal utilizados. Acreditam que o estado deva prover estes serviços e com qualidade. É interessante como nesta e em outras pesquisas como o posicionamento contra o Programa Mais Médicos é predominante, nesta pesquisa foram 74.8%.

É possível afirmar que o posicionamento destes manifestantes em relação a temas como cotas raciais, relações homo afetivas, uso de maconha são muito parecidos como os captados pela outra pesquisa em Belo Horizonte. A forma diferente como as questões foram colocadas limita as comparações, mas de forma geral é possível dizer que repetem padrões de mais tolerância em relação aos homossexuais do que com as cotas raciais e uso da maconha. Em relação ao papel destinado aos militares na resolução da crise tanto numa pesquisa quanto em outra não há predominância de apoio, somados os que são totalmente favoráveis com os

parcialmente favoráveis não temos mais que 30%.

O grupo também conduziu outra pesquisa (SOLANO, 2016) também foi feita com manifestantes contra o *impeachment* (manifestação ocorrida em 31 de março de 2016), mais com algumas questões diferentes quanto a questões ideológicas, o que dificulta comparações. 58% dos entrevistados tem curso superior completo e 18,10% incompleto. 60,2% são brancos. A renda se situa nas faixas de 4.400 a 8.800 reais (31.9%) e 2.640 reais a 4.400 (22.6%). Possuem perfis de cor e escolaridade semelhantes aos outros manifestantes, mas são mais jovens e com menor renda, mas não se situam predominantemente nos perfis abaixo do que se poderia classificar como classe média – mas não há dados sobre ocupações o que limita a análise a renda e escolaridade. É possível afirmar comparando as rendas mais baixas tanto em uma quanto em outra manifestação, que o trabalhador com renda até 1.760 reais (faixa dos manifestantes contra o *impeachment*) e 1.576 reais foram respectivamente de 13% e 6%.

Infelizmente, as pesquisas foram feitas com metodologias e objetivos diferentes, sem que houvesse propósito de comparar grupos entre si. O aspecto conservador dos manifestantes contra a corrupção é evidente, mas o aspecto partidário é frágil, com a maioria não manifestando preferências. Não são predominantemente autoritários, no sentido de apoiarem intervenções militares e muito menos governos ditatoriais.

São tolerantes em relação a temas mais discutidos e debatidos como relacionamentos homo afetivos e mesmo uso de maconha, mas são mais resistentes a mudanças pouco adequadamente debatidas pela opinião pública como o Programa Mais Médicos e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, cotas raciais, embora apoiem a reforma agrária e melhorias na saúde pública.

É evidente nestas pesquisas que o caráter contrário ao Partido dos Trabalhadores se representa tanto pelas políticas a eles associadas, cotas raciais e apoio ao MST, quanto a corrupção associada aos mesmos. Embora haja um descrédito nos partidos em geral e no congresso, o PT foi selecionado como uma síntese de suas oposições: corrupção, direitos humanos, programas inclusivos e crise econômica (lida dentro das dificuldades concretas que enfrentam).

### **Velhas Ideologias para Novos Problemas**

As análises sociológicas e da ciência política sobre o conservadorismo no Brasil perpassam a história da implantação destas disciplinas no Brasil. Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, Raymundo Faoro são exemplos destas vertentes que aprofundaram aspectos diversos deste conservadorismo nos costumes, na política e na própria estrutura social. Os clássicos estudos de Florestan Fernandes e outros nomes se debruçaram sobre o caráter conservador das oligarquias e as vias modernizadoras por eles moldadas ou negociadas.

O espaço e objetivos deste artigo não permitem o aprofundamento nesta rica sociologia interpretativa do Brasil. Por questões mesmo de tempo, política de financiamento de pesquisa e campo acadêmico, as pesquisas hoje precisam se situar sobre dados mais concretos sejam por pesquisas diretas via entrevistas e observação de campo ou inferências estatísticas.

Antônio Flávio Pierucci (1999) conduziu no final da década de 1980 uma pesquisa na região metropolitana de São Paulo com o intuito de traçar as características do conservadorismo, expresso nos posicionamentos sobre políticas, mudanças sociais e costumes.

Conduzido através de entrevistas diretas *vis a vis*, a pesquisa nos legou informações e relações interessantes para falarmos sobre este conservadorismo hoje. Foram 150 entrevistas, sendo a escolha condicionada a opção do entrevistado por Maluf ou Jânio Quadros (PIERUCCI, 1999:59). As entrevistas foram registradas e analisadas em gravações.

É interessante para começarmos uma comparação com as informações da seção anterior, é que os entrevistados não apresentavam opiniões que pudessem ser classificadas como liberais nem no sentido político nem econômico (Op. Cit.: 60). Segundo autor isto seria a visão de outra direita, que não a dos entrevistados.

A questão dos direitos humanos é vista por muitos deles como forma de incentivar a *vagabundagem* e a *bandidagem*. Compartilham discordâncias em relação ao posicionamento da Igreja Católica em relação a precariedade dos presídios e de maior humanidade no

tratamento dos presos (PIERUCCI,1999: 61).

A questão da criminalidade era vista como um problema gerado por quem não gosta de trabalhar. O *paulista*, visto como afeito ao trabalho, não precisaria roubar e nem matar. Enquanto o nordestino que buscava vida fácil é visto como potencialmente criminoso. A questão do aumento das penas como forma de reprimir e diminuir a criminalidade é sempre posta.

Existe uma visão do paulista, do tipo trabalhador, classe média, que se deu bem trabalhando duro, e daquele que não se insere, dado o inchaço da cidade que não em tantos empregos assim e dos vagabundos que rejeitam o trabalho. O autor ressalta disto o caráter do preconceito social. Na verdade, é uma visão da perspectiva da classe média, que tende a analisar o mundo do trabalho como homogêneo e semelhante as vias disponíveis aos mesmos de inserção no mercado de trabalho.

É interessante notar que tanto na época quanto nos dias de hoje, o comunismo não representava um aspecto preocupante no pensamento conservador dos perfis pesquisados. Como nas pesquisas tratadas na seção anterior, ele não aparece como constituinte das preocupações e discursos contra o Partido dos Trabalhadores. Como bem descreve Pierucci “E a falta de referência politicamente tensionada aos adversários de classe, de que é emblema o nome comunismo, facilita enormemente a contaminação (desastrosa sob todos os aspectos) do julgamento político pelos juízos moralizantes. Que predominam” (1999: 70).

Da mesma forma, conforme nas pesquisas citadas não temos uma polarização predominante em torno de uma ideologia partidária. As manifestações contra o governo não foram contra o comunismo ou o socialismo, mas direcionadas em primeiro lugar às práticas de corrupção no Estado e programas sociais vistos por eles como contrários a ideologia do trabalho e da meritocracia. Não há uma síntese destes aspectos em nome como comunismo, pelo menos não na maioria.

De acordo com a pesquisa de Pierucci, embora os entrevistados apoiassem candidaturas de uma direita conservadora, não aceitavam e nem se identificavam com o que o termo *direita* pudesse significar. Na verdade, o termo na época se associava a política

dominante na ditadura militar em termos de autoritarismo e repressão, se dizer de direita significava se atrelar aos valores e ideias do regime militar. “Mas são casos raríssimos, tal a carga pejorativa e a ressonância desagradável que a designação direita passou a ter no país nas últimas décadas: é como se tudo, daquele lado, estivesse marcado de infâmia” (PIERUCCI, 1999: 73).

Como mostrado nas pesquisas anteriores, não predominava entre os manifestantes esta auto identificação política com direita ou esquerda. Nos entrevistados da época, havia uma diversidade muito grande entre os selecionados pela posição janista ou malufista, de partidários a sem partidos definidos, mais ou menos liberais em um outro aspecto moral, apologistas da ditadura militar, etc. (*Op. Cit.*: 79). São na maioria dos casos favoráveis a maior participação do Estado e poucos os que pudessem ser identificados como neoliberais, como também apontado nas pesquisas atuais citadas.

O autor aponta a importância da família como aspecto importante de defesa e proteção por parte das leis e dos costumes (*Op. Cit.* : 80). Segundo o autor a família teria mais prioridade do que a empresa. As desigualdades sociais, políticas e justiça social eram vistos sob a ótica da proteção à família. É importante notar que a família articula o trabalho e a profissão. O modo de vida de uma família resulta da profissão e das remunerações a ela relacionadas. O trabalho é o meio de proporcionar a continuidade de uma família e como tal a rejeição ao liberalismo, no sentido de transformá-lo ou reduzi-lo a uma mercadoria, é vista com ressalvas.

Trata-se de condições de trabalho da relação entre as regras conhecidas e habituais com as condições de retribuição estabelecidas e o medo da ameaça a estas regras, que podem vir tanto de um *Estado Mínimo* quanto de uma maior equalização de oportunidades na disputa e conservação de ocupações.

É importante ressaltar que em relação a temas como sexualidade houve uma mudança muito grande em relação a aceitação das relações homoafetivas. Visto que na época, conforme descreve o autor (*Op. Cit.*: 83), todos falavam em maior necessidade de intervenção do Estado em termos de legislação moralizante.

Tanto a direita quanto esquerda mais ativas tinham esta preocupação com a moralidade. O que implica em uma visão menos sistêmica em relação aos problemas econômicos e sociais e mais morais, no sentido costumes, instituições e hábitos. Isto resulta da aceitação e conformação com a estrutura social e econômica. Quando as pessoas vão às ruas contra aumento na passagem de ônibus não estão apresentando questões contra o sistema, mas quanto aos ajustes. Da mesma forma com a corrupção, não se trata de uma luta contra o sistema político e econômico, mas de um ajuste e de um combate de seu desvirtuamento. Afinal, seria a má aplicação dos recursos o responsável pela má qualidade da saúde e da pobreza – como concorda a maior parte dos atuais manifestantes e provavelmente os conservadores da década de 1980.

É muito importante considerar o contexto econômico do final da década de 1980 para compararmos com a situação atual no que se refere a classes sociais. Para isto, o estudo de Carlos Antônio Ribeiro (2004) sobre estruturas de classe e condições de vida no Brasil são muito pontuais. Segundo o pesquisador, embora as condições de vida no geral tenham melhorado no Brasil entre 1973 a 1996, não houve mudanças significativas em relação às desigualdades de condições de vida (RIBEIRO, 2004: 397).

Em relação a renda, especificamente, as desigualdades não se alteram no período de 1982 a 1996 (*Op. Cit.*: 398). O que implica que os aumentos são proporcionais, não havendo um distanciamento ou aproximação significativas entre as classes sociais.

É interessante ressaltar que o acesso à educação básica ampliou significativamente entre 1973 e 1982, mas quanto ao ensino superior, o acesso não só não aumentou significativamente como a desigualdade no acesso também não foi alterada (*Op. Cit.*: 400). O que implicava que o acesso ao ensino superior ficou por muito tempo restrito a certas classes sociais.

Esta pesquisa baseada em estatísticas oficiais sobre renda, consumo de bens e ocupação nos dá um panorama básico das desigualdades e estruturas de classe no Brasil nestas duas décadas. Como sintetiza o próprio autor:

A pequena diminuição na desigualdade de oportunidades observada entre 1973 e 1996 está ligada apenas ao declínio do trabalho rural e ao aumento do

trabalho no setor informal urbano (concentrado, em grande parte nas classes IVa e IVb). Todas as outras chances relativas de mobilidade social, envolvendo outras classes, permaneceram inalteradas entre 1973 e 1996. (*Op. Cit.*: 414)

Enfim, embora os conservadores da classe média compartilhem muitas visões negativas a respeito de direitos humanos, valor da família, meritocracia e intervenção do Estado, não viveram os anos 1980 a situação, por mais tímida que fosse, alterações na estrutura de classe. Não viveram uma significativa política de valorização de salário mínimo, aumento de consumo de bens e oportunidades de estudos por parte das classes mais baixas, antes relegadas a posição de origem.

Também não viveram juntamente com o processo descrito um achatamento constante de suas remunerações e redução de oportunidades de emprego, dado ao agravamento da crise econômica. Talvez tenham sido os primeiros a sofrerem a crise econômica antes que ela reverberasse em aumento de desemprego nas classes mais baixas.

A articulação entre estruturas sociais que constituem as classes e seus mecanismos de reprodução e as formas como a legitimação da desigualdade é promovida é o ponto chave na compreensão das colocações aqui apresentadas. Este antagonismo, tal como conceitualizava Bourdieu (2010), se dava tanto no conflito direto pela distribuição dos recursos produzidos quanto no campo da legitimação, isto da hegemonização de uma visão de mundo que comporte as desigualdades que favorecem uma classe em relação a outra.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”. (BOURDIEU, 2010: 11)

O que se observa é que a mídia e outros grupos de interesses tiveram grande papel na formação de certa consciência contra o governo. Mas sem que as condições de classe não estivessem sob ameaça de mudanças e descontinuidades, elas não seriam potencializadas a ponto de converter em ação e mobilização estes pensamentos em atitudes e posicionamentos, tal como foram vistos nas diversas marchas e manifestações contra o governo.



Mesmo a persistente moral conservadora da classe média não foi suficiente para sozinha desencadear as reações e manifestações que deram fundamento político ao processo de *impeachment* que levou ao afastamento da presidente Dilma Rousseff. Mas é importante deixar clara que a concepção de Bourdieu, ainda que bem menos radical do que a interpretação marxista comum, em relação ao papel determinante das estruturas sobre a superestrutura, nunca desconsiderou de fato a força predominante daquelas.

### **Conclusão**

Pelo alcance da proposta do artigo e dos materiais que estavam disponíveis, é possível afirmar que os movimentos de rua de 2015 e 2016, contra o governo, apresentam características ideológicas e morais semelhantes à classe média da década de 1980, pelo menos àquela pesquisada por Pierucci (1999).

Não se trata de uma maioria de manifestantes radicalizados por discursos contra o comunismo ou de apelo aos militares por solução política. Conforme a análise das diversas pesquisas citadas acima, como as de Esther Solano (2015) sobre o perfil destes manifestantes. A pauta contra o Partido dos Trabalhadores pode ser compreendida pelos seguintes aspectos da classe média que foram de muitas formas ameaçados ou alterados pelo governo petista:

- a) A política inclusiva do Partido dos Trabalhadores em relação a cotas raciais implica aparentemente numa ruptura da meritocracia, no valor do trabalho e do esforço. Na leitura da classe média, as cotas servem para garantir vagas aos que não tiveram capacidade e esforço.
- b) A promoção de direitos humanos, bandeira clara não só do governo petista, mas na atuação de muitos dos seus congressistas, soam enganosamente como proteção de bandidos e algo responsável pelo aumento da criminalidade. O que está em oposição a ideia de que é pelo trabalho e esforço que a vida deve ser ganha. A resistência a redução da maioridade penal, assim como outros aspectos relacionados foram muito evidentes nas ações tanto do governo federal como dos seus congressistas. Isto conforme o perfil estudado por Pierucci (1999) e apresentado nas páginas anteriores desta pesquisa.
- c) Maior acesso via cotas e mesmo abertura de vagas a formação técnica e superior

às camadas mais baixas da população. O que implica em desvalorização das vantagens da classe média, antes com acesso quase exclusivo a estas vagas. O que implica de acordo com o conceito de Bens Posicionais (HIRSCH, 1976) em desvalorização das vantagens posicionais desta classe.

- d) Aumento do consumo de certos bens, antes limitados a classe média, como automóveis, moradias, vestuários e turismo. O que implica em redução da exclusividade e mesmo de elementos distintivos de classe. Conforme o que foi exposto aqui das análises de Bourdieu (2010) e Hirsch (1976).
- e) Aumento do custo de serviços como de pedreiros, empregadas domésticas e outros prestadores, e achatamento da própria renda e de oportunidades de empregos e maiores salários em meio à crise econômica, como descreve Marta Arretche (KLEIN, 2016). De acordo com as análises aqui apresentadas sobre renda e consumo dos pesquisadores Scalon e Salata (2012).
- f) A unificação de programas sociais do governo anterior, constituindo o Bolsa Família e ampliando os recursos destinados, soou para o conservadorismo da classe média como desestímulo ao trabalho e sustento de “vagabundos”. A sua leitura limita a visão a respeito das trajetórias das outras classes ao modelo próprio de inserção no mundo do trabalho – onde garantidas a educação, motivação e preparação antes da vida adulta só esforço ou capacidade explicaria os sucessos e fracassos. O que está longe de ser a trajetória comum e possível às classes baixas. Conforme análise aqui apresentada de Antônio Pierucci sobre perfis conservadores e as pesquisas de opinião diversas anteriormente descritas aqui.

É importante ressaltar que problemas com corrupção e certa resistência a política inclusiva do Partido dos Trabalhadores não foram suficientes antes da crise econômica para levar as classes médias à rua. Sem que antes questões estruturais se constituíssem ensaiando certa ameaça a vantagens e privilégios de classe, tais movimentos não se configuraram.

Os radicais de direita, tanto conservadores como neoliberais, na sua vertente virtual e de arregimentação via redes sociais, estavam presentes desde o início dos anos 2000, sem que

conseguissem sozinhos alguma mobilização significativa. Não se encontra predominantemente entre os manifestantes seus valores e objetivos programáticos – conforme exposto em outra seção. Eles se correspondem mais com o conservadorismo da classe média estudada por Pierucci do que pelos valores da chamada *nova direita*. Políticos ícones da direita militarista como o deputado Jair Bolsonaro, não apresentam mais que 9% de apoio em todas as pesquisas aqui utilizadas.

Não é negada a evidente propaganda da mídia impressa e televisionada contra o governo do Partido dos Trabalhadores, com certeza influenciando e ajudando a acentuar antagonismo. Com certeza a associação entre corrupção e Partido dos Trabalhadores não teria sido tão propagada sem a atuação destes grandes grupos como Rede Globo e Editora Abril. Mas sozinhas, isto é, sem que as condições de reprodução de classe fossem ameaçadas pela crise e pelas políticas sociais do referido governo, não conseguiriam potencializar as manifestações – como não conseguiram em episódios como do *mensalão* e da reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Época em que as condições econômicas permitiam promover justiça social sem ameaçar as vantagens dos já assegurados por suas posições de classe.

## Referências

BECK, Martha; DAMÉ, Luiza; GRANJEIA, Julianna. Em reação ao PT, ministro da Fazenda estuda novos cortes. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 fev. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/em-reacao-ao-pt-ministro-da-fazenda-estuda-novos-cortes-15303431>>. Acesso em 01 junho de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARAM, Bernardo; SOUZA, Nivaldo. Congresso Eleito em 2015 é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 6 out. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>>. Acesso em: 01 junho. de 2016.

DATAFOLHA. **Manifestação na Avenida Paulista**: 15 de março de 2015. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>>.

**Revista Ensaios**, Vol.10, janeiro – junho de 2017. ISSN 2175-0564

Acesso em 02 de junho de 2016.

DILMA é hostilizada durante abertura da Copa do Mundo em São Paulo. **G1**, São Paulo, 12 jun. 2014. Disponível em: <[http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma -e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html](http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html)>. Acesso em 01 jun. de 2016.

HIRSCH, Fred. **Limites Sociais do Crescimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Comunicados do IPEA**, n.155, 25 set. 2014. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/120925\\_comunicadodoipea155\\_v5.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/120925_comunicadodoipea155_v5.pdf)>. Acesso em: 28 maio. de 2016.

PIERUCCI, Antônio F. **Ciladas das Diferenças**. São Paulo: ed. 34, 1999.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Estrutura de Classes, condições de vida e oportunidades de mobilidade social no Brasil. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle (orgs). **Origens e Destinos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. cap. 10, p.381-430.

SALATA, André; SCALON, Celi. Uma nova classe média no Brasil da última década? o debate a partir da perspectiva sociológica. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 387-407, ago. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922012000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000200009)>. Acesso em 01 junho de 2016.

SOLANO, Esther (coordenação). **Pesquisa Manifestação Política 16 de Agosto de 2015**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://gpopai.usp.br/pesquisa/160815/>>. Acesso em: 02/06/2016.

SOLANO, Esther (coordenação). **Pesquisa na manifestação contra o impeachment do dia 31 de março de 2016**. São Paulo. 2016. Disponível em: <<http://gpopai.usp.br/pesquisa/310316/>>. Acesso em 02 junho de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Grupo Opinião Pública. Pesquisa **Perfil Ideológico e Atitudes Políticas dos Manifestantes – Resultados**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0Bw3seZUv\\_\\_5uWmdBemhsOGE1SnM/view](https://drive.google.com/file/d/0Bw3seZUv__5uWmdBemhsOGE1SnM/view)>. Acesso em 01 de junho de 2016.

KLEIN, Cristian. “Vingança Social” de classe média corroeu apoio a PT, diz cientista. **Valor Econômico**, São Paulo, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/4527533/%3Fvinganca-social%3F-de-classe-media-corroeu-apoio-ao-pt-diz-cientista>>. Acesso em 01 de junho. 2016.

KRAKOVICS, Fernanda. Lindbergh afirma que MP’s editadas por Dilma para endurecer benefícios trabalhistas são “tiro no pé”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 fev. 2015. Seção Brasil. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/lindbergh-afirma-que-mps-editadas-por-dilma-para-endurecer-beneficios-trabalhistas-sao-tiro-no-pe-15303129>>. Acesso em: 01 de junho. de 2016.

## O Proletariado em *Eles Não Usam Black-Tie* (1981), de Leon Hirszman

Quézia Maria Lopes Gomes da Silva Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** O principal objetivo deste trabalho é analisar a representação da classe operária no filme *Eles Não Usam Black-tie* (1981), de Leon Hirszman, no contexto do cinema da abertura política. Para compreender com mais profundidade essa representação, serão levadas em consideração as concepções políticas do movimento cinemanovista, do qual participou Leon Hirszman; bem como as influências do neorealismo italiano e do cinema revolucionário soviético (construtivismo russo), e a concepção marxista segundo a qual a obra de arte, enquanto práxis criadora, é entendida, em caráter indissolúvel, como expressão da realidade e criadora de realidade (KOSIK, 1976).

**Palavras chaves:** Proletariado; Cinema Novo; *Eles Não Usam Black-tie*; Leon Hirszman; Lutas de Classes.

### The Proletariat in *Eles Não Usam Black-Tie* (1981), by Leon Hirszman

**Abstract:** The main objective of this paper is to analyze the representation of the working class in the film “*Eles Não Usam Black-tie*” (1981), directed by Leon Hirszman, given the political opening cinema background. To deeply understand this representation, it will be taken in account the political conceptions of the “cinemanovista” movement, which Leon Hirszman was part of. As well as the influences of international movements such as the Italian neorealism, the revolutionary Soviet cinema (Russian constructivism) and the Marxist conceptions in which the work of art, while a creative praxis is understood, with indissoluble character, as an expression of reality and with a potential to construct reality (KOSIK, 1976).

**Keywords:** Proletariat; Cinema Novo; *Eles Não Usam Black-tie*; Leon Hirszman; Class struggles.

### Introdução

(...) A estrutura de significação do texto filmico não é dada apenas por seus componentes internos, já que os filmes estão intimamente vinculados ao universo cultural em que são vistos e produzidos.

(...) é preciso, então, cruzar os diferentes sistemas de significação dos filmes com os elementos de significação que estão presentes nas culturas em que eles são vistos e produzidos, ou seja, procura-se identificar e descrever o(s) significado(s) de narrativas filmicas no contexto social de que elas participam. (DUARTE, 2002: 99)

---

<sup>1</sup> Bacharela em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bacharela em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), licencianda em Cinema e Audiovisual (UFF) e bolsista da Rede Proprietas.

Qualquer produção artística e cultural, portanto, não pode ser analisada de forma isolada de seu contexto social, político e cultural, na medida em que entendemos que há uma relação dialética entre sociedade, cultura e seus produtos artísticos e culturais, e entendemos a arte como uma totalidade subordinada à totalidade da realidade social ("unidade do diverso" para Marx). Considerando a "realidade social como unidade dialética de base e de supraestrutura, e o homem como sujeito objetivo, histórico-social" (KOSIK, 1976: 44), entende-se que a totalidade é a "realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido" (KOSIK, 1975: 35, os grifos são do autor).

O cinema, segundo Pasquale Iaccio, possui uma capacidade proeminente de "criar mitos, positivos e negativos, formar ou reforçar estereótipos, funda por influenciar a realidade" (S.n.t.). Desse modo, não é apenas o contexto histórico-político-social que influencia e intervém sobre a arte enquanto atividade humana de significação e interpretação do mundo, mas também a arte que, dialeticamente, "funda por influenciar a realidade". "O caráter dialético da *práxis* imprime uma marca indelével em todas as criações humanas. Logo também sobre a arte. (...) Toda obra de arte apresenta um duplo caráter em indissolúvel unidade: é expressão da realidade, mas ao mesmo tempo cria a realidade" (KOSIK, 1976: 115, os grifos são do autor).

Partindo dessa reflexão, o principal objetivo deste trabalho é analisar a representação da classe operária no filme *Eles Não Usam Black-tie* (1981), de Leon Hirszman, no contexto do cinema da abertura política. Para compreender com mais profundidade essa representação, serão levadas em consideração as concepções políticas do movimento cinemanovista, do qual Leon Hirszman fazia parte; bem como as influências do neorrealismo italiano e do cinema revolucionário soviético (construtivismo russo), e a concepção marxista segundo a qual a obra de arte, enquanto *práxis* criadora, é entendida, em caráter indissolúvel, como expressão da realidade e criadora de realidade (KOSIK, 1976).

Assim, considerou-se o contexto político-social da época e sua influência sobre o cinema, em especial na obra analisada, e alguns valores políticos-culturais do Cinema Novo, enquanto movimento cinematográfico e político, e do diretor. Preocupou-se também em analisar a representação e suas relações com o cinema como, primeiramente, um ato político – na perspectiva do diretor –, uma vez que, enquanto cinemanovista, Leon Hirszman preocupava-se em intervir sobre a realidade, utilizando o cinema como forma de expressão – por isso também sua referência ao neorrealismo italiano e ao cinema soviético e a Eisenstein.

Buscou-se também identificar, no filme, a representação e caracterização dos personagens, principalmente na contradição operário sindicalista e operário fura-greves.

O método de pesquisa empregado foi o bibliográfico e documental, e os procedimentos de análise, bibliográfico, documental e do discurso. Como o viés é político, a abordagem teórica que fundamentou a análise foi a teoria marxista e, no que diz respeito à discussão sobre o cinema brasileiro e à temática proletária no âmbito do cinema da abertura política, os estudos do teórico e crítico Ismail Xavier.

O trabalho compõe-se por quatro subcapítulos. O primeiro volta-se para a teoria política e os conceitos de proletariado e luta de classes. O segundo aborda o contexto do cinema da abertura política, compreendido em pouco mais de uma década, entre 1974 e 1985. O terceiro apresenta uma breve caracterização do cinema de Leon Hirszman e sua formação cinemanovista. Por fim, o quarto subcapítulo ocupa-se propriamente da análise da representação do proletariado no filme *Eles Não Usam black-tie*.

## **O Proletariado**

O proletariado é aquela classe da sociedade que tira o seu sustento única e somente da venda do seu trabalho e não do lucro de qualquer capital; [aquela classe] cujo bem e cujo sofrimento, cuja vida e cuja morte, cuja total existência dependem da procura do trabalho e, portanto, da alternância dos bons e dos maus tempos para o negócio, das flutuações de uma concorrência desenfreada. (ENGELS, 1847, s.p.)

Engels explica que sempre houve pobres e trabalhadores, isto é, as classes trabalhadoras, que geralmente eram pobres, mas nem sempre existiram os operários vivendo nas condições assinaladas acima, como nem sempre houve concorrência livre e desenfreada.

O proletariado surgiu com a Revolução Industrial – ocasionada pelo advento da máquina a vapor, de fiar, do tear mecânico e de uma série de outros aparelhos mecânicos –, na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, e, a partir de então, em todos os países ditos civilizados do mundo. Todo o modo de produção anterior foi modificado pelos grandes capitalistas, únicos a dispor de capital necessário para adquirir as novas máquinas. Assim, os operários (da manufatura e do artesanato) foram suplantados pelas máquinas, capazes de baratear a mercadoria e melhorar sua qualidade. A produção (industrial), portanto, passou a concentrar-se inteiramente nas mãos dos capitalistas, e os operários passaram a dispor apenas de sua força de trabalho, pois suas rodas de fiar e teares imperfeitos foram substituídos por outros mecânicos ou a vapor, perdendo, com isso, o valor que antes possuíam.

O sistema fabril, da confecção de tecidos, estendeu-se a todos os ramos da indústria e o trabalho foi cada vez mais dividido entre cada um dos operários, para otimizar o tempo, baratear as mercadorias e maximizar os lucros. O artesanato e a manufatura foram suplantados pela grande indústria e a situação da antiga classe média e dos operários foi inteiramente transformada, fazendo surgir duas classes: a dos grandes capitalistas, proprietários “de todos os meios de existência e das matérias-primas e dos instrumentos (máquinas, fábricas) necessários para a produção dos meios de existência” (ENGELS, 1847, s.p.), a burguesia; e o proletariado, que nada possui, sendo obrigado “a vender o seu trabalho aos burgueses a fim de obter em troca os meios de existência necessários ao seu sustento” (*Ibidem*).

São, portanto, duas classes antagônicas, que, por seu caráter inconciliável, em razão das contradições de classe, têm como produto o Estado, que é justamente a manifestação desse caráter. O Estado é, portanto, a prova de que essas contradições são inconciliáveis. “Para Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma ‘ordem’ que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão das classes” (LÊNIN, 2007: 25, os grifos são do autor).

O proletariado é a classe produzida pelo desenvolvimento das forças produtivas, forçada a uma posição de antagonismo em relação às outras classes e que sustenta e suporta os fardos da sociedade sem gozar das vantagens que produz, sendo expulsa desta mesma sociedade, embora seja maioria (MARX e ENGELS, 2009: 56). É desta classe que “deriva a consciência sobre a necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista” (*Ibidem*).

Portanto, a revolução não é só necessária porque a classe *dominante* de nenhum outro modo pode ser derrubada, mas também porque a classe *que a derruba* só numa revolução consegue sacudir dos ombros toda a velha porcaria e tornar-se capaz de uma nova fundação da sociedade. (*Op. cit.*: 57, os grifos são dos autores)

### **Uma Década de Cinema: o Cinema da Abertura (1974 – 1985)**

Em 1974, inicia-se o processo de abertura política, no governo do general Ernesto Geisel – estendendo-se ao de Figueiredo –, com vistas à redemocratização do país, em razão da crise econômica e do descontentamento popular cada vez mais crescente.

A produção do cinema nesse período caracteriza-se, essencialmente, por duas temáticas: a experiência política dos anos da ditadura e representação naturalista relacionada ao corpo – envolvendo sexo ou violência, como o filme policial-político. As questões sociais são abordadas sob diversos aspectos: a questão da mulher; do negro; os movimentos sociais –



à medida que vão ganhando força com a reorganização da sociedade civil –, abordados na forma de documentário; a biografia de figuras políticas, no documentário de arquivo; os direitos humanos; a lei de anistia; a crítica ao sistema carcerário; a política habitacional; a discriminação das minorias; as lutas sindicais; a questão do operário; os temas da industrialização; a luta de classes no Brasil urbano (cf. XAVIER, 2001).

Dentre os filmes políticos que começam a surgir em meados da década de 1970, destacam-se *Crônica de um Industrial* (Luis Rozemberg, 1978), *A Queda* (Ruy Guerra e Nelson Xavier, 1978), *O Homem que Virou Suco* (Batista de Andrade, 1980) – estes três metalinguísticos, trazendo a reflexão do cineasta diante de seu objeto e em sua relação com o público – e *Tudo bem* (Arnaldo Jabor, 1978). Os filmes seguintes aproximam ainda mais o cinema político da militância sindical, configurando o que ficou conhecido como cinema militante. Alguns filmes são, inclusive, co-produzidos por entidades sindicais – particularmente em São Paulo –, abordando principalmente as greves trabalhistas, em sua maioria, documentários, produzidos no final da década de 1970 e início de 1980 como: *Acidentes de Trabalho* (1978); *Que Ninguém nunca Mais Ouse Duvidar da Capacidade de Luta do Trabalhador* (1979) e *Linha de Montagem* (1982), todos de Renato Tapajós; *Trabalhadoras Metalúrgicas* (Olga Futemma, 1978); *Greve* (1979) e *Trabalhadores, Presente* (1979), ambos de João Batista de Andrade; *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* (Sérgio Toledo e Roberto Gervitz, 1979); *Santo e Jesus, Metalúrgicos* (Cláudio Kahns, 1983). Entre eles, destacou-se o filme de ficção *Eles Não Usam Black-tie*.

O cinema militante e político do período da abertura é, majoritariamente, documental, preocupado, principalmente, com as questões ligadas ao movimento sindical e à classe operária. Com a abertura política e flexibilização da censura, o grito contido começa a ganhar voz por meio do cinema.

Nesses filmes, como questões secundárias, ligadas aos efeitos do avanço do capitalismo, aparecem também a urbanização, modernização – muitas vezes padronizada pela televisão, como em *Bye Bye Brasil* (Carlos Diegues, 1979) –, a metáfora da construção civil – em *Tudo Bem* –, a transformação da cultura em mercadoria, o consumo, etc., justamente no momento histórico das grandes construções – como a dos metrô e as obras de reestruturação do espaço urbano – e do endividamento do país com o capital estrangeiro – e consequente aumento da inflação e da dívida interna. É nesse período que Glauber realiza seu último filme, *A Idade da Terra* (1980), que também aborda as consequências do avanço capitalista. Como outro aspecto desse avanço, são abordadas também algumas mudanças na condição social da

mulher, como em *Iracema* (Bodansky e Senna, 1974), *Perdida* (Prates, 1976) e *A Opção ou as Rosas da Estrada* (Candeias, 1981).

Ismail Xavier afirma que o cinema moderno brasileiro tem como marco final o drama biográfico de Nelson Pereira dos Santos, *Memórias do Cárcere* (1984), que, ao narrar o período em que Graciliano Ramos esteve preso no Brasil sob as ordens do Estado Novo, metaforiza a prisão do período “linha dura” da ditadura militar e sua posterior abertura política. É no cinema da abertura, portanto, que chega ao fim mais um ciclo do cinema brasileiro, ao mesmo tempo em que chega ao fim mais um ciclo de transição política do país, da ditadura militar para a democracia.

### **O Cinema de Leon Hirszman**

Na década de 1950, Leon Hirszman ligou-se ao grupo do Teatro de Arena, em São Paulo, formado por Augusto Boal, Gianfrancesco Garnieri e Oduvaldo Viana Filho, que exerceu grande influência em sua formação. No final da década (1958-59), participou dos encontros que viriam a fundar o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, em 1961, que produziu seu primeiro filme, *Pedreira de São Diogo* (1962).

A produção cinematográfica de Leon Hirszman, até então apenas um cineclubista, emerge juntamente com uma produção mais consistente do Cinema Novo, a partir de 1962. *Pedreira de São Diogo*, marcadamente influenciado pelas teorias eisensteinianas, foi um capítulo dos cinco episódios do único longa-metragem produzido pela UNE, *Cinco vezes favela* (1962). O drama aborda a luta de operários de uma pedreira carioca para impedir uma explosão mais forte que pode por em risco a vida da população residente nos barrancos à beira do alto do morro. Hirszman insere-se, portanto, na produção do Cinema Novo no momento (a partir de 1962-63) em que este

adquire sua feição definitiva, não só ao nível de sua constituição enquanto grupo, mas também como portador de um discurso ideológico próprio. Abandona progressivamente o radicalismo em torno dos vários significados atribuídos então ao termo “alienação” e avança em direção a uma forte autocrítica, que o coloca como elemento integrante do condenável universo burguês. (RAMOS, 1987: 346)

O Cinema Novo, de *Arraial do Cabo* (Mario Carneiro e Paulo César Saraceni, 1959) a *Aruanda* (Linduarte Noronha, 1959), foi marcado por uma produção de documentários. “A maior parte de seus diretores iniciou-se no curta-metragem realizando este gênero de filmes” (RAMOS, 1987: 362), influenciados pelas ideias em torno do “cinema-verdade” – inspirado

pelo Kino-Pravda de Vertov –, em voga na Europa no final da década de 1950. Esta influência foi sentida em filmes posteriores, entre 1962 e 1968, entre eles, o média metragem *Maioria Absoluta* (1964), segundo filme de Hirszman – interrompido pelo golpe militar de 1964.

Com a associação do Cinema Novo à política cultural estatal, a partir da Política Nacional de Cultura (PNC), lançada em 1975, Hirszman e os cinemanovistas passam a defender a colaboração entre Estado e cultura em torno da identidade nacional, do desenvolvimento da cultura – e do cinema – nacional-popular. Hirszman defende a substituição do nacional pelo popular, marcando sua diferenciação. Em um debate no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro, em 1975, ele aponta para a “necessidade de uma ‘efetiva abertura democrática’ para o desenvolvimento da cultura” (ORTIZ, 1983: 126). Ortiz identifica como objetivo central dessa reivindicação “a necessidade de continuar mantendo, mesmo diante da diversidade gritante de produção e da crise do projeto nacionalista, uma ‘frente ampla’ no interior do cinema brasileiro” (*Ibidem*). Com vistas à “independência nacional”, Hirszman se propõe, inclusive, a apoiar a possibilidade de uma ação econômica estatal que servisse a ela, sem questionar, contudo, a especificidade do Estado ditatorial, profundamente comprometido com o grande capital nacional e internacional, que reduzia suas propostas de independência ao campo cultural.

Os filmes realizados pelo cineasta envolvem, geralmente, uma temática social, política, e seus personagens estão sempre em luta contra o ambiente social hostil – além de uma produção diversa destas características (sem, no entanto, excluir o popular), a dos documentários sobre música brasileira, como *Nelson Cavaquinho* (1969), *Caetano/Gil/Gal* (1969), *Partido Alto* (1976-82), *Rio, carnaval da vida* (1978) e *Bahia de todos os sambas* (1984/96). Realizou vinte e um filmes, entre longas e curtas-metragens de ficção e não-ficção – alguns interrompidos.

Dentre seus filmes com temática em torno do trabalho e da classe operária estão: *Pedreira de São Diogo* (1962), *Maioria absoluta* (1964), *Cantos de trabalho no campo: mutirão* (1975), *Cantos de trabalho no campo: cacau* (1976) e *Cantos de trabalho no campo: cana-de-açúcar* (1976) – trilogia sobre cantos de trabalhadores rurais –, *ABC da greve* (1979/90) e *Eles Não Usam Black-tie* (1981). De modo geral, sua obra caracteriza-se por um realismo, com influências do neorrealismo italiano e dos filmes e teorias de Eisenstein. Segundo Lauro Scorel, diretor de fotografia e operador de câmera de *Black-tie* e *São Bernardo*, para Hirszman, “valia mais encontrar uma forma de atuar como um cineasta militante e participar daquilo que estava nascendo” (*apud* SALEM, 1997: 250)

Seu longa-metragem *Garota de Ipanema* (1967), com argumento de Glauber Rocha, gerou polêmica na época de lançamento, isto porque, se tratando de um filme do Cinema Novo, apresentava uma mudança de universo que excluía completamente a imagem do popular, evidenciando a emergente preocupação do Cinema Novo em encontrar fórmulas para atingir o grande público. Glauber Rocha atribuiu este fato ao ressentimento de Hirszman pelo fracasso de crítica de *A falecida* (1965) – que deu a Fernanda Montenegro seu primeiro papel no cinema. Em uma entrevista de Hirszman a Arnaldo Lorencato e Carlos Augusto Calil, o cineasta esclarece:

Houve muita discussão na esquerda a respeito da natureza do “nacional” e do “popular”. Parece-me que o verdadeiro caminho para ambos passa pela valorização da emoção popular. Não se deve manipular a emoção popular à maneira da cultura de massa, isto é, à maneira das telenovelas, dos melodramas do rádio, do cinema convencional. Mas sem emoção não se pode comunicar as ideias. Deve haver dialética entre razão e emoção. Existe uma crise internacional na dramaturgia, e ela tem a ver com uma confusão na maneira de lidar com o problema da emoção, como se a escolha tivesse que ser simplesmente entre manipulá-la ou explorá-la. (HIRSZMAN, 1995: 65)

A “abertura” iniciada pelo diretor com *Garota de Ipanema* não é seguida por todo o Cinema Novo, mas este acaba elaborando uma estratégia intermediária para conquistar o grande público por meio de cenários grandiosos. Este aspecto caracteriza a produção do Cinema Novo no final da década de 1960, que, dessa forma, consegue conciliar o interesse do grande público e alguns traços mais agressivos de sua linguagem experimental.

### **Análise Fílmica de *Eles Não Usam Black-Tie* (1981), de Leon Hirszman**

*Eles Não Usam Black-tie*, com roteiro de Gianfrancesco Guarnieri e Leon Hirszman, foi adaptado da peça homônima de Gianfrancesco Garnieri, escrita para o Teatro de Arena, em 1958. O filme, realizado 23 anos depois – produzido e distribuído pela Embrafilme –, foca-se também no movimento operário e grevista, mas do período que lhe é contemporâneo, durante a ditadura militar – enquanto que o contexto político da peça, na década de 50, é o modelo industrializante do Estado brasileiro, no governo de Juscelino Kubitschek.

Em 1978 a onda grevista pegou de surpresa as classes dominantes. Demonstrando uma disposição insuspeitada, o movimento deflagrado em São Bernardo logo se estenderia por todo o Estado de São Paulo e, no correr do ano, também se manifestaria em outros estados. Além de não esperar tal disposição por parte dos operários, a equipe do governo estava operando

uma remodelação do sistema político que não aconselhava o uso de uma repressão generalizada, como teria feito no passado. (SADER, 1988: 303)

Assim, a adaptação sofre outras alterações, como a inserção das cenas de repressão dos grevistas e o assassinato do líder sindical Bráulio (Milton Gonçalves), como reflexo do momento político atravessado pelo país.

A oposição entre operário e burguês, assim como entre operário consciente/militante e fura-greves, não recebem apenas um enfoque político, marxista, mas também moral, maniqueísta. O tema central, do movimento operário grevista, entra em conflito com a questão familiar patriarcal, ao passo em que o filho Tião (Carlos Alberto Ricelli), em detrimento da luta grevista dos operários da fábrica em que o pai Otávio (Gianfrancesco Guarnieri) e ele trabalham, volta-se para preocupações individualistas.

No filme, o trabalho é abordado sob um discurso de exaltação, retratado como enobecedor do indivíduo e de suas habilidades. Otávio orgulha-se de ser um operário capaz, que executa bem seu trabalho. Da mesma forma, o pai de Maria (Bete Mendes), Jurandir (Rafael de Carvalho), diz sentir-se um homem útil ao conseguir emprego em uma construção. Sobre a relação homem e trabalho, Marx e Engels afirmam que, com a indústria, o trabalho assume um caráter monótono, enfadonho e retira toda autonomia do operário.

O crescente emprego de máquinas e a divisão do trabalho, despojando o trabalho do operário de seu caráter autônomo, tiram-lhe todo atrativo. O produtor passa a um simples apêndice da máquina e só se requer dele a operação mais simples, mais monótona, mais fácil de aprender. Desse modo, o custo do operário se reduz, quase exclusivamente, aos meios de manutenção que lhe são necessários para viver e perpetuar sua existência. Ora, o preço do trabalho, como de toda mercadoria, é igual ao custo de sua produção. Portanto, à medida que aumenta o caráter enfadonho do trabalho, decrescem os salários. (1951, s.p.)<sup>2</sup>

O indivíduo, na medida em que não é proprietário de nenhum meio de produção, não tem nenhuma escolha a fazer a não ser dispor sua força de trabalho – física ou intelectual – à venda, não tem escolha a fazer, a não ser ter extraída de sua capacidade produtiva a mais valia. O modo de produção capitalista, que sustenta-se gerando exclusão, marginalizando, priva uma grande massa de homens do trabalho e cria um exército industrial de reserva de mais valia – os desempregados. O trabalhador assalariado, por outro lado, é alienado do

---

<sup>2</sup> Interessante ressaltar que Engels, em sua obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1844/45), foi o grande pioneiro na elaboração dessas ideias ao afirmar que “a revolução industrial apenas levou tudo isso às suas consequências extremas, completando a transformação dos trabalhadores em puras e simples máquinas e arrancando-lhes das mãos os últimos restos de atividade autônoma” (2010: 47).

próprio produto que produz, sendo obrigado “a vender o seu trabalho aos burgueses a fim de obter em troca os meios de existência necessários ao seu sustento” (ENGELS, 1847, s.p.). Portanto, o trabalho, que o proletariado precisa vender aos burgueses, “é uma mercadoria como qualquer outra, e daí que o seu preço seja determinado precisamente pelas mesmas leis que o de qualquer outra mercadoria” (*Ibidem*).

O trabalho faz parte da condição humana de transformação da natureza. Em todas as sociedades que se caracterizam pela divisão de classes sociais, o trabalho estava submetido a uma força alheia - como à necessidade de escravidão nas sociedades escravocatas; à escravidão e ao sistema de pilhagem, na romana e espartana; à servidão, no feudalismo; ao capital, na sociedade capitalista. Somente em uma sociedade sem classes, o trabalho de fato pode ser livre, sem estar submetido a nenhuma força estranha.

Na sociedade burguesa, portanto, o trabalhador está condenado ao trabalho forçado e alienado:

Se a atividade produtiva livre é o máximo prazer que conhecemos, o trabalho forçado é o tormento mais cruel e degradante. Nada é mais terrível que fazer todos os dias, de manhã até a noite, um trabalho de que não se gosta. (...) o operário, tanto mais odeia seu trabalho, porque sente os constrangimentos que implica e sua inutilidade para si mesmo. Afinal, por que trabalha? Pelo prazer de criar? Por um instinto natural? Nada disso: trabalha apenas por dinheiro, por uma coisa que nada tem a ver com o trabalho mesmo; trabalha porque é forçado a trabalhar, um trabalho exaustivo, em longas jornadas, um trabalho ininterruptamente monótono que, só por isso, (...) desde as primeiras semanas se torna uma tortura. E, ademais, a divisão do trabalho multiplicou os efeitos embrutecedores do trabalho forçado. (ENGELS, 2010: 157-8)

Ainda que a concepção enobrecedora do trabalho, apresentada pelos personagens, nada tenha a ver com a concepção marxista sobre a relação homem e trabalho na sociedade capitalista, ela é utilizada, no filme, no sentido de reforçar o sentimento coletivo de pertencimento a uma classe que de fato produz as riquezas da humanidade e é oprimida.

A crítica à exploração de uma classe sobre a outra aparece, principalmente, no discurso dos grevistas. Há dois diálogos consideravelmente importantes para exemplificar isso. O primeiro é proferido por Otávio, que quando vê seu filho Tião furar a greve, entrando na fábrica e estimulando outros operários a entrar também, grita ao alto-falante: “Companheiros, a greve é nossa arma de luta. É de nossas mãos que ‘sai’ as riquezas desses poucos que ‘tão’ aí, e nós que produzimos isso aí, nós vivemos na miséria, porra! Greve é um direito! ”. Assim, o filme toca a questão de que, apesar de produzidas socialmente, as riquezas e bens concentram-se nas mãos de uma minoria. O trabalhador não desfruta da própria

riqueza, produto ou bem que produz, tendo extraída a mais valia para servir ao lucro, ao capital e aos interesses dos proprietários dos meios de produção. O proletariado, a classe produzida pelo desenvolvimento das forças produtivas e forçada a uma posição de antagonismo em relação às outras classes, é quem sustenta e suporta os fardos da sociedade sem gozar das vantagens que produz, é expulso dessa mesma sociedade, marginalizado, embora seja maioria. É, por isso, desta classe que "deriva a consciência sobre a necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista, a qual, evidentemente, também se pode formar no seio de outras classes por meio da observação da posição desta classe" (MARX e ENGELS, 2009: 56).

O segundo diálogo aparece quando alguns grevistas batem em Tião por ter furado a greve e Bráulio intervém, advertindo-os: “ele não é nosso inimigo, nosso inimigo é quem explora a gente, nosso inimigo é a repressão que arrebenta com a gente”. Assim, a greve é caracterizada não apenas como um direito, mas, frequentemente – principalmente na conjuntura histórico-social do filme –, como a única forma de diálogo com o capitalista, explorador da força de trabalho. Isto se verifica em uma fala de Santini (Francisco Milani): “diálogo com patrão é máquina parada, produção parada”. Sade elucida que, no contexto político-social das greves trabalhistas desse período, “os temas da liberdade de greve, da autonomia sindical, da política salarial, foram trazidos ao debate político a partir da própria luta dos trabalhadores. **As greves haviam se tornado a modalidade principal de expressão dos assalariados**” (1988: 306, os grifos são meus).

A crítica ao fura-greves é também, antes mesmo de política, uma crítica moral. Tião não desenvolve uma consciência de classe – representa a geração dos “filhos do AI-5”, traumatizados pela prisão dos pais em razão das lutas políticas e sindicais; seu pai Otávio ficou preso por três anos e o filho teve que viver com os padrinhos – e, pressionado pela gravidez da namorada e pelo casamento precoce, é “seduzido” pela ideologia burguesa e seus valores individualistas. Em vez de seu pai e Maria (Bete Mendes), sua namorada, lhe dirigirem uma crítica política e conduzi-lo a um processo de construção de consciência política e de classe, a crítica que lhe é feita é exclusivamente moral, maniqueísta. Assim, o problema político estende-se aos problemas familiares, à relação entre pai e filho, noivo e noiva.

Da mesma forma, sua namorada lhe atribui um julgamento moral, acusando-o de covarde e não humano:

Eu não queria que tu “fosse” herói, queria que tu “fosse” gente. Qual é teu ideal na vida? É uma mulherzinha fazendo comidinha gostosa? É um filho estudando num “coleginho” legal e limpo? Eu também quero limpo e gostoso, também quero uma vida descente, mas não a esse preço. Eles “tão” “fudendo” a gente e “tu” ajudando a “fuder”. Que vergonha, Tião, que vergonha!

Maria desiste do noivado e nega a paternidade de Tião, afirmando que a criança será apenas neta de Otávio. O pai o expulsa de casa, afirmando que sua casa não é, nunca foi, nem será a casa de um fura-greve, e pede-lhe que o deixe se sentir responsável pelo comportamento do filho para não pensar que ele é “um safado de nascença”. Assim, o fura-greve, alienado de sua condição de trabalhador, do conflito entre classes e do sentimento de pertencimento a uma classe, em vez de ser conscientizado politicamente, é moralmente expulso do grupo – enfrentando não apenas o desprezo da categoria, mas da família também. Da mesma forma, lutar pelos interesses da classe trabalhadora torna-se, antes de tudo, uma escolha moral e não política; e a crítica à classe burguesa e à luta de classes também acaba se tornando uma questão moral.

Na maioria de seus diálogos, Tião é caracterizado dessa forma, o que pode ser exemplificado em dois diálogos em especial, que apresentam sua justificativa para não participar da greve: “greve é defesa de um direito. Se você não quer usar esse direito, ninguém tem nada a ver com isso”. Ele encara, portanto, o movimento grevista não como algo coletivo, mas como uma escolha individual, opcional. Os posicionamentos de Tião não são particulares, ou seja, não se trata de uma opinião pessoal, trata-se da reprodução da ideologia dominante. Em uma sociedade de classes, a produção e difusão ideológica são inerentes à esfera política e luta de classes. As ideias dominantes serão sempre as ideias da classe dominante, na medida em que, ao deter os meios de produção material, deterá também os meios de produção e difusão ideológica e simbólica, estabelecendo-se como ideologia dominante: “dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica” (MARX e ENGELS, 2009: 67).

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal [ideológica] das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações



que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõe a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época. (MARX e ENGELS, 2007: 47, os grifos são dos autores)

O segundo diálogo aparece nas sequências finais do filme, quando Tião discute com Maria: “quem leva vantagem é quem vê a merda que é isso aí e sabe se virar”. Portanto, a caracterização do personagem muda à medida que o filme avança: de bom rapaz, bom filho, Tião transforma-se em alguém profundamente individualista e egoísta, de conduta moral reprovável, capaz de ver o próprio pai ser preso e não fazer nada – essa mudança no caráter do personagem contribui para conduzir o espectador a um julgamento maniqueísta e de repulsa (antipatia) e reprovação do comportamento de Tião, legitimando, assim, a punição que ele recebe, sem direito à redenção, uma vez que não se arrepende.

A fala de Maria também remete à ideologia burguesa e pequeno-burguesa com sua preocupação individualista, hedonista, de ascensão e promoção pessoal e com as questões do indivíduo (assim consideradas pela moral burguesa), como formação de família, provimento do próprio sustento, busca individual por prazer, bem-estar, uma vida confortável e realização pessoal. Sua pergunta dirige-se também ao espectador: “qual é seu ideal na vida? ”. Isto é, você, espectador, deixou-se seduzir pela ideologia burguesa e pequeno-burguesa, pelos valores da sociedade capitalista? O que faz pelos interesses da classe? A qual Tião responde com uma escolha hedonista: “quem leva vantagem, é quem vê a merda que é isso aí e sabe se virar”.

A moral burguesa tem como princípio fundamental uma rigorosa individualização, deslocou princípios, que nas sociedades anteriores eram sociais, para “os estreitos limites da pequena família burguesa” (KOLLONTAI, 1979: 43), ou seja, para a esfera do privado, que, justamente por essa razão, não estaria passível de discussão ou questionamento pela sociedade, pela coletividade, cabendo apenas ao indivíduo. A moralidade burguesa dividiu estrategicamente os assuntos da vida em público e privado, empurrando para a esfera privada o que não lhe interessa que seja discutido, mas permaneça tal como está, sem grandes mudanças. Assuntos como a configuração da família, do matrimônio, do amor, do código e da moral sexual, das relações familiares e entre os sexos, são relegados, “hipocritamente, ao **arquivo das questões puramente privadas**” (*Ibidem*, os grifos são da autora). “Por que

negamos a este problema o auxílio da energia e da atenção da coletividade? ” (*Op. cit.*: 45). Entretanto, estas não são questões particulares, não são assuntos privados, restritos ao ambiente individual e familiar, como pretende fazer crer a ideologia dominante; ao contrário, são fatores sociais e psíquicos, cujos princípios estão relacionados aos interesses da coletividade. “O ideal burguês de amor [e a moral burguesa] não corresponde às necessidades da classe social mais numerosa, não atende às necessidades da classe operária. Tão pouco atende às aspirações da vida dos intelectuais” (*Op. cit.*: 117).

A personagem de Maria e suas colegas operárias remetem à presença feminina no movimento operário, a partir da crescente presença da mulher no mercado de trabalho, bem como em outros movimentos sociais e políticos de mulheres, como o feminismo:

Meus personagens não representam pessoas reais tanto quanto representam o processo de conscientização e de participação política. No Brasil e em todo o mundo, as mulheres estão se tornando mais reivindicantes de seus direitos e poderes, e o personagem de Maria celebra essa transformação. (HIRSZMAN, 1995: 56)

Há uma discussão entre Otávio e Tião, na mesa de jantar, na qual Tião acusa o pai de estar iludido, desprovido de uma percepção e crítica racional, fazendo uma escolha utópica. O pai, em contrapartida, enxerga que o filho não sabe fazer nada além de olhar para a ponta do pé, acusando-o de, mesmo tão jovem, ter tanto medo que acaba não se engajando em nada. Configura-se, assim, não apenas uma dissidência no seio da classe operária, em razão da falta de consciência de alguns – como Tião –, enquanto classe, mas um conflito de gerações, a dos pais, envolvida no movimento sindical e lutando pelos direitos trabalhistas da classe, e a dos filhos, desengajada dessa luta. No filme, a questão “confunde-se” entre o público e o privado, a coletividade e o indivíduo e a família.

Tião e Otávio metaforizam duas gerações: a geração engajada politicamente do pós-1968 e a geração dos “filhos do AI-5” – isto é, dos filhos dos militantes desse período, traumatizados pela privação, durante a infância, da presença dos pais, presos, torturados ou “desaparecidos” / mortos – e, em outra medida, também a geração que se formou a partir da abertura política, menos engajada e preocupada com uma militância.

Retomando o discurso de Bráulio para conter os desentendimentos entre grevistas e fura-greves, percebe-se, nele e no filme, a ausência de uma crítica direta ao Estado. Bráulio aponta a burguesia e a repressão como inimigas da classe operária, mas não o Estado diretamente. O Estado é um aparelho, um poder que existe porque as contradições de classes são inconciliáveis – contudo, o Estado não resolve essas contradições, apenas amortece o

conflito. Existe para assegurar os interesses da classe dominante, para legalizar sua opressão sobre a classe trabalhadora e garantir uma relação de subordinação entre as classes. O Estado, portanto, é “uma força especial de repressão”, como define Engels:

O Estado não é pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro; tampouco é “a realidade da ideia moral”, nem “a imagem e a realidade da razão”, como afirma Hegel. É antes um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento; é a confissão de que essa sociedade se enredou numa interminável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjurar. Mas para que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos colidentes não se devorem e não consumam a sociedade numa luta estéril, faz-se necessário um poder colocado aparentemente por acima da sociedade, chamado a amortecer o choque e a mantê-lo dentro dos limites da “ordem”. Este poder, nascido da sociedade, mas posto acima dela se distanciando cada vez mais, é o Estado. (1974: 191)

Enquanto Otávio é preso por liderar o movimento grevista, ele denuncia: “olha, gente, é assim que é tratado o proletário brasileiro”. O alerta transcende a tela e volta-se, primeiramente, para o espectador, principal plateia de Otávio. Há, no filme, uma crítica à polícia, chamada para reprimir o movimento grevista, mas, sem uma crítica direta ao Estado. A polícia parece servir apenas aos interesses do proprietário da indústria, sem caracterizar-se como um aparelho de repressão do Estado – contudo, enquanto a polícia reprime, a serviço do Estado, este, por sua vez, coloca-se a serviço da burguesia. Não se trata de uma escolha governamental, política (como produz e reproduz a ideologia dominante de que o governante poderia escolher entre “fazer um governo para o povo” ou “fazer um governo para a burguesia”), servir aos interesses da classe dominante é a natureza do Estado.

O segundo traço característico [do Estado] é a instituição de uma *força pública*, que já não mais se identifica com o povo em armas. A necessidade dessa força pública especial deriva da divisão da sociedade em classes, que impossibilita qualquer organização armada espontânea da população. (...) Esta força pública existe em todo Estado; é formada não só por homens armados como, ainda, de acessórios materiais, os cárceres e as instituições coercitivas de todo gênero... (ENGELS, 1974: 192, os grifos são do autor)

Essa força pública especial se traduz na polícia e no exército, e também nas prisões e qualquer outra instituição coercitiva, como o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), por exemplo, no período da ditadura militar. Há, em *Black-tie*, de modo um pouco tímido, uma referência ao DOPS, criado durante o Estado Novo para controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder, permanecendo durante o governo militar até início de 1983. A referência acontece quando uma das operárias diz a

Romana (Fernanda Torres) que Otávio foi preso e está no DOPS. Romana diz: “mas no DOPS? (...) Vai ver que já estão até mortos de tanto apanhar”. Contudo, essa visão sobre o DOPS é desconstruída logo em seguida, quando Otávio volta para casa sem marcas de espancamento ou surra. Romana pergunta se ele apanhou, primeiro afirma que não, depois diz: “se apanhei, nem senti”. Assim, o assunto não é bem esclarecido e a imagem de repressão rígida e linha dura do DOPS é, de certa forma, desconstruída, abrandada. Há de se levar em consideração, entretanto, que, apesar do filme ter sido realizado durante o período de abertura política, ainda tratava-se da ditadura. O AI-5 havia sido revogado três anos antes, em 1978, a ditadura enfraquecia e iniciava-se um lento processo de redemocratização<sup>3</sup>.

Em outra cena de violência policial, esta não relacionada ao movimento grevista, um menor foge armado, e é perseguido e morto pela polícia. Os personagens escutam os tiros e deduzem o homicídio, mas não fazem nenhum julgamento, aparentando certo conformismo – talvez pela banalização da situação –, como se nada houvesse que pudessem ser feito ou dito. Uma vez que o menor assassinado é um criminoso armado, talvez, aos olhos do espectador, a cena não chegue a se caracterizar como um excesso policial – só ouvimos os disparos, a ação é deslocada para o espaço fora-da-tela. Dessa forma, a cena está mais relacionada à violência urbana de modo geral do que aos excessos da polícia, guardando, portanto, relações com a sequência em que o pai de Maria é morto por um assaltante. Esses dois assassinatos, por outro lado, corroboram com a caracterização filmica das condições de vida do proletário moderno brasileiro: vivem em favelas, em condições de moradia e de acesso a serviços básicos precarizadas, em meio à violência urbana e policial (assaltos, fuga e perseguição policial, latrocínio, assassinato e execução pela polícia), além de outras mazelas como o alcoolismo e desemprego (vivenciados pelo pai de Maria) e a violência doméstica (relação entre Maria e o pai).

Em *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (2010), escrito entre 1844 e 1845, de modo semelhante, Engels também apresenta e descreve essas mazelas da “questão social” que acometem a classe trabalhadora: a criminalidade, o alcoolismo, os vícios, o pauperismo, a precarização das condições de moradia e trabalho, as relações de trabalho, a vulnerabilidade da condição social da mulher, a segregação espacial, o desemprego.

---

<sup>3</sup> No período de 1968 a 1978, mais de 600 filmes, 500 peças teatrais, diversas músicas, livros e assuntos escolares foram proibidos pela censura no Brasil. Fonte: PALMAR, Aluizio. Documentos da censura. Glauber Rocha, Ruth Escobar, Carlos Puebla e outros. *Documentos Revelados*, 11 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/policia-federal/documentos-da-censura-glauber-rocha-ruth-escobar-carlos-puebla-dia-da-graca-e-outros/>.

No filme, a legislação também não é questionada, apenas os padrões são criticados. Depois de voltar de uma das reuniões do sindicato, Otávio diz: “eu acho graça nesses caras, eles contrariam a lei numa porção de coisas, depois, na hora de pagar o aumento, querem se apoiar na lei”. Portanto, a legislação, mecanismo do Estado burguês, subordinada aos interesses da burguesia – como garantir o direito à propriedade privada –, não é questionada enquanto parte da ideologia dominante, opressora do trabalhador com sua injeção de “ordem”.

A representação do proletário no filme remete a um arquétipo cultural-social dominante: o operário pobre da linha de montagem, muitas vezes submetido a subempregos, com subsalários e poucos direitos trabalhistas, desempenhando funções ligadas ao esforço físico. Não é a pobreza, porém, que define a classe operária e sim o tipo de propriedade que possui – exclusivamente sua força de trabalho, seja física ou intelectual, de acordo com a função que executa. “O proletariado é aquela classe da sociedade que tira o seu sustento única e somente da venda do seu trabalho e não do lucro de qualquer capital” (ENGELS, 1847, s.p.), não importando se ele pertence à aristocracia operária ou as camadas mais baixas da classe.

*Eles Não Usam Black-tie* apresenta influências do neorealismo italiano – uma vez que Leon Hirszman é um cinemanovista: utiliza locações reais; personagens do povo, como o operário e morador de favela (dialogando também com o projeto cinemanovista nacional-popular para a cultura, que, entre outras questões, defendia o protagonismo popular nas telas); a câmera geralmente em movimento, apresentando a realidade social e acompanhando os personagens (diversos *traveling's* laterais); e, principalmente, muitas sequências de câmera na mão e planos ponto de vista (PPV). Percebe-se também a preocupação em dar um tom realista à narrativa, com vários planos e sequências que registram o cotidiano – como as cenas domésticas, principalmente, quando ao final, desolados, Romana e Otávio catam feijão em silêncio –, e diálogos num tom que, em muitos aspectos, lembra a improvisação, com uma linguagem bastante coloquial e popular, e jargões próprios da militância operária.

O cotidiano proletário é caracterizado pela fábrica (trabalho), trabalho na construção civil em uma das sequências do filme, reuniões na associação de bairro (como desdobramento da organização de classe), vida doméstica (família), bares (bebidas, música popular e jogos como sinuca; fuga da realidade e lazer), cinema aos finais de semana (lazer), transporte coletivo, igreja (religiosidade), passeios e lanche no parque (outro lazer operário) e as relações sexuais do casal Tião e Maria aos finais de semana no apartamento vazio, cedido pela amiga

(provavelmente enquanto esta visita a família no interior, por isso, talvez, a certeza de que o apartamento estaria livre na ocasião), remetendo, assim, aos jovens trabalhadores que migravam/migram sozinhos do interior para os centros urbanos em busca de novas oportunidades de trabalho (oportunidade de mobilidade social). A primeira sequência do filme nos apresenta o casal Tião e Maria voltando do cinema para casa, da cidade/centro urbano para a periferia/favela, evidenciando as contradições socio-econômicas e a marginalização do trabalhador, empurrados para as regiões periféricas e de difícil acesso - nessa sequência, os personagens se deslocam a pé pelas ruas da cidade, depois tomam um ônibus e, em seguida, percorrem mais um trecho de caminhada sob a chuva. Durante o percurso pelas ruas da cidade até o ponto de ônibus, Maria come uma espiga de milho e o casal admira as vitrines de lojas repletas de produtos, imersos em uma realidade caracterizada pelo baixo poder aquisitivo.

Uma vez que o critério da pureza é a aptidão de participar do jogo consumista, os deixados fora como um “problema”, como a “sujeira” que precisa ser removida, são *consumidores falhos* - pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser “indivíduos livres” conforme o senso de “liberdade” definido em função do poder de escolha do consumidor. São eles os novos “impuros”, que não se ajustam ao novo esquema de pureza. Encarados a partir da nova perspectiva do mercado consumidor, eles são redundantes - verdadeiramente “objetos fora do lugar”. (BAUMAN, 1998: 24, os grifos são do autor)

Novamente, deparamo-nos com questões presentes em *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*: as contradições sociais na coexistência entre abundância e miséria, bens de consumo e pauperismo, o individualismo, a insegurança, as incertezas, a religiosidade, a frequência aos bares e o consumo de álcool como fuga ou abrandamento da realidade, como fonte de lazer e entretenimento, as greves e manifestações.

Pouco depois de receber o prêmio FIPRESCI e o Grande Prêmio Especial do Júri, no Festival de Veneza, ainda em 1981, Hirszman declarou:

Claro que o Neo-realismo está presente em *Eles não usam black-tie*. Para todos nós do Cinema Novo, o Neorealismo italiano, o cinema social norte-americano e alguns cineastas franceses foram de grande importância. (...) O Neorealismo está presente em *Black-tie* como está em *A falecida* ou em *São Bernardo*, mas não é um Neo-realismo descritivo. Na verdade, utilizei no filme tudo a que tinha direito, de acordo com a disposição que se tem na hora de criar; a tal disposição não se nega nada, não se está preocupado se é desta ou daquela escola. (S.n.t.)

Os cinemanovistas estavam preocupados em discutir a realidade, e esta síntese entre fazer cinema e discutir a realidade foi encontrada no modelo do neorealismo italiano – que, como Hirszman aponta, está presente em outras de suas obras cinematográficas. Quando, em sua declaração, fala em utilizar no filme tudo o que tinha direito, refere-se também à inspiração na teoria e no cinema eisensteiniano e soviético, como pode-se verificar em alguns planos da sequência de concentração dos grevistas na porta da fábrica, quando Bráulio é morto – justamente por suas semelhanças com planos da sequência da escadaria de Odessa e o drama no tombadilho de *O Encouraçado Potemkin* (1925), de Sergei Eisenstein.

Hirszman (1981) continua:

Claro que o Neo-realismo italiano está presente em *Black-tie*, mas Eisenstein abarca tudo; ele nos marcou com sua força criativa e genialidade. Meu primeiro filme, *Pedreira de São Digo*, é uma homenagem à teoria de Eisenstein. É um exercício eisensteiniano sobre a composição e o ritmo, por meio da composição de planos. (S.n.t.)

A peça de Gianfrancesco Garnieri, de 1958, quando o Cinema Novo começava a formar suas bases, também buscou influência no neorealismo italiano. Em sua apresentação, não utilizou cenários, apenas elementos de cena indispensáveis, um cenário minimalista; e tem operários e moradores de favela como personagens centrais da narrativa.

### **Considerações Finais**

A relevância do filme reside, sobretudo, na preocupação em construir um cinema que não se limitasse ao entretenimento, mas que se preocupasse com as questões sociais e políticas. Enquanto cinemanovista, Hirszman acreditava na possibilidade de um cinema engajado, que buscava representar o popular, “personagem” e temática fundamental em sua obra. Para ele, portanto, o cinema era um ato cultural e político, capaz de intervir sobre a realidade, de criar uma forma própria de expressão em torno do popular, da cultura nacional, sem limitar-se à construção de um cinema burguês de entretenimento, mas que, ao contrário, buscasse o experimentalismo sem repetir exclusivamente fórmulas prontas. Um “fazer” cinematográfico alinhado à concepção de cinema dos revolucionários soviéticos e dos construtivistas russos: "Para vocês, o cinema é um espetáculo. Para mim, é quase um meio de compreender o mundo" (MAIAKOVSKI, 1922, s.n.t.), de transformá-lo.

*Eles Não Usam Black-tie*, produzido já em fins do ciclo do Cinema Novo e do período da ditadura militar, é produto de um período de abertura política e, nesse contexto, de um cinema preocupado com as questões sociais e políticas. É, portanto, a manifestação, na

cultura, da abertura democrática, do esgotamento do período “linha dura” e da censura ditatorial. Caracteriza-se pela tendência, dominante no período, de desenvolver um cinema político e militante – composto por obras de ficção e não-ficção –, que contou, inclusive, com a associação de muitas entidades sindicais. Segundo Marc Ferro, o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História" (1992).

Dessa forma, uma citação de Casetti é bastante conveniente para definir esse caráter sintomático do filme e do cinema no que diz respeito à cultura:

O cinema possui uma tal proximidade com o mundo que pode converter-se em sua réplica e em sua extensão (...) Em definitivo, entre o cinema e a realidade há uma relação existencial, uma continuidade profunda, pois ambos são parentes ontologicamente. (2005: 42-3)

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CASETTI, Francesco. **Teorías del cine**. Madrid: Catedra, 2005 [1994].

CINEMATECA Brasileira. **Eles não usam Black-tie** (Ficha Técnica). Disponível em: <<http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=004027&format=detailed.pft>>. Acesso em: 31 de julho de 2013, às 18h05min.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ELES não usam black-tie. Direção: Leon Hirszman. Produção: Leon Hirszman Produções e Embrafilme. Intérpretes: Gianfrancesco Garnieri; Fernanda Montenegro; Francisco Milani; Milton Gonçalves; Bete Mendes; Carlos Alberto Riccelli e outros. Roteiro: Gianfrancesco Garnieri e Leon Hirszman. BRA: Embrafilme, 1981. DVD (124 min.), son., color.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Princípios Básicos do Comunismo**, 1847. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1847/11/principios.htm>>. Acesso em: 31 de julho de 2013, às 18h33min.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HIRSZMAN, Leon. **É bom falar**: Montagem de entrevistas de Arnaldo Lorençato e Carlos Augusto Calil. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil, 1995.



- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KOLLONTAI, Alexandra. **A Nova Mulher e a Moral Sexual**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1979.
- LÊNIN, V. I. **O Estado e a Revolução**: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MARX, Karl. **As Lutas de Classes**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1986.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O Manifesto do Partido Comunista**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O Manifesto do Partido Comunista**. Publicado de acordo com o texto da edição soviética em espanhol de 1951, traduzida da edição alemã de 1848. S.n.t. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b30.pdf>>. Acesso em: 06 de março de 2017, às 21h39min.
- ORTIZ, José Mário. **Cinema Estado e lutas culturais**. Anos 50/60/70. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- PALMAR, Aluizio. Documentos da censura. Glauber Rocha, Ruth Escobar, Carlos Puebla e outros. **Documentos Revelados**, 11 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/policia-federal/documentos-da-censura-glauber-rocha-ruth-escobar-carlos-puebla-dia-da-graca-e-outros/>>. Acesso em: 31 de julho de 2013, às 21h16min.
- RAMOS, Fernão. Os Novos Rumos do Cinema Brasileiro (1955-1970). In: RAMOS, Fernão (org.). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Art Editora, 1987, pp. 301-93.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: Experiências dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SALEM, Helena. **Leon Hirszman**: O navegador de estrelas. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- XAVIER, Ismail. **O Cinema Brasileiro Moderno**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

**Metropolização e desigualdades: Notas sobre a dinâmica de crescimento populacional e a produção do patrimônio cultural da cidade de Ribeirão das Neves (MG - Brasil)**

Nayara de Amorim Salgado <sup>1</sup>

**Resumo:** Propõe-se aqui uma análise sobre a cidade de Ribeirão das Neves, componente da região metropolitana de Belo Horizonte, a partir das dinâmicas demográficas e sociais que marcaram a constituição da cidade ao longo do tempo, relacionando-as com a construção da identidade do lugar e seu patrimônio. Identifico três fases do crescimento populacional de Ribeirão das Neves para reflexão e relaciono sua expansão com a criação de uma identidade negativa da cidade e de seus moradores, que influencia a sensação de pertencimento e conseqüentemente o abandono do patrimônio de Ribeirão das Neves. São realizados apontamentos sobre as ausências e permanências do patrimônio cultural da cidade assim como as dificuldades de preservação (material e imaterial).

**Palavras-chave:** Ribeirão das Neves; crescimento demográfico; segregação socioespacial; impacto sociocultural.

**Metropolization and inequalities: Notes on the dynamics of population growth and production of the cultural heritage of the city of Ribeirão das Neves (MG - Brazil)**

**Abstract:** This paper seeks to analyze the city of Ribeirão das Neves, part of the metropolitan area of Belo Horizonte, based on the demographic and social dynamics that marked its constitution over time, relating them to the identity construction of the place and its patrimony. I identify three phases of the population growth of Ribeirão das Neves and relate its expansion with the creation of a negative identity of the city and its inhabitants, which influences the sense of belonging and consequently the abandonment of Ribeirão das Neves' patrimony. There are notes on the absences and permanences of the city's cultural heritage as well as the difficulties of preservation (material and immaterial).

**Keywords:** Ribeirão das Neves; population growth; socio-spatial segregation; socio-cultural impact.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: [nayaradeamorim@hotmail.com](mailto:nayaradeamorim@hotmail.com)

### **Notas introdutórias**

O artigo propõe uma análise sobre o município mineiro de Ribeirão das Neves a partir das dinâmicas demográficas e sociais que marcaram a sua constituição ao longo do tempo, relacionando-as com a construção da identidade do lugar e seu patrimônio. Tal cidade possui dinâmicas de crescimento populacional peculiares, o que justifica o estudo.

Objetiva-se a diferenciação e caracterização de três fases do crescimento populacional da cidade, que são: o primeiro momento que data da época de sua fundação até a década de 1960; o segundo momento, a partir da década de 1970, onde observa-se que o crescimento populacional acompanhou o intenso processo de parcelamento de seu solo urbano, afirmando a estruturação de uma periferia metropolitana altamente adensada; e o terceiro momento, no qual se identifica uma nova tendência de crescimento, que data dos anos 2000 e tem como base a tendência de verticalização dos imóveis. Com isso, a ênfase do estudo passa a ser a conexão entre a expansão da cidade com a criação de uma identidade negativa, que influencia a noção de pertencimento e o conseqüente o abandono do seu patrimônio. São realizados ainda apontamentos sobre as ausências e permanências do patrimônio cultural da cidade além de dificuldades na sua preservação.

A discussão sobre a expansão demográfica da cidade e a preservação do patrimônio cultural tem sido um tema de grandes estudos da Sociologia Urbana, perspectiva escolhida para a análise realizada aqui. A construção do espaço urbano é um tema importante a ser estudado na atualidade devido a sua influência nos processos de organização social e em função da mobilidade urbana. Nessa perspectiva, o espaço é entendido como uma produção social por meio das transformações, sejam elas das relações sociais, humanas, econômicas, políticas, socioambientais e culturais as quais produzem e acomodam a população.

A expansão e o reconhecimento da existência do fenômeno do aumento populacional conectado a falta de planejamento urbano compõe um desafio para a gestão pública. O estudo do urbano e suas dinâmicas está diretamente relacionado ao aumento da sustentabilidade das políticas públicas e intervenções sociais, já que possibilita maior conhecimento da realidade social e pode sugerir os rumos de tais ações. Esse artigo apresenta assim, resultados de um estudo de caráter exploratório, que para a efetivação, se utilizou de um levantamento bibliográfico sobre a cidade e a partir de uma abordagem qualitativa. A análise teve como base dados primários e secundários.

Esse texto buscar apontar Ribeirão das Neves como um dos polos representativos das

contradições urbanas presentes no capitalismo contemporâneo. A urbanização espontânea surge a partir de decisões do capital e das políticas públicas em curso, as quais se devem a ocupação desigual do espaço urbano e a consequente existência de áreas segregadas e de pobreza. A falta de planejamento urbano é entendida aqui como uma das esferas do fenômeno social complexo em análise, que é a desigualdade no espaço, evidenciado pelo grande crescimento da população. Tal processo nas ciências sociais é entendido como a periferização da pobreza.

O espaço é atualmente mais valoroso e determinante do que em qualquer outro momento do capitalismo, em função do seu processo de globalização (Harvey, 1993; Santos, 1996). A mercantilização do espaço pode ser percebida pelo processo de transformação das cidades em mercadoria, mais um produto entre tantos outros desenvolvidos no mundo de mercadorias (Marx, 1988). Para Sánchez (2001) há uma reinvenção do papel das cidades neste século, um fenômeno denominado “mercado das cidades”, que demonstra uma diretriz planejada para a conquista do espaço, o qual alcança cidades como um todo. Na análise de Lefebvre (2000) esta orientação planejada tem mais relevância do que simplesmente a venda de parcelas do espaço, visto que busca reorganizar uma produção subordinada às cidades e aos centros de decisão, delimitando aquilo que é central daquilo que está à margem, a partir de uma produção global do espaço. Essa estratégia global encontra uma nova dinâmica para a reprodução do capitalismo: a construção da cidade-mercadoria que, sob a égide do poder político dos governos locais, perfila-se através dos processos de reestruturação urbana (como exigência da economia competitiva) e através da construção de imagem para vendê-la, para inseri-la no mercado. Por consequência, o capitalismo em sua fase atual se efetiva delimitando novos espaços para sua expansão, pressionado pelas exigências da acumulação, assim, na produção do espaço operam agentes e interesses combinados em diferentes campos políticos e arranjos territoriais para cada caso.

### **A formação de Ribeirão das Neves – primeira etapa de adensamento populacional**

A cidade de Belo Horizonte foi planejada para abrigar a nova capital do Estado de Minas Gerais, em substituição da colonial Ouro Preto. A equipe que projetou a cidade, chefiada por Aarão Reis, dividiu a cidade em três principais seções, sendo elas a Área Urbana,

a Área Suburbana e a Área Rural<sup>2</sup>; que diferiam entre si quanto aos usos e divisão adotada para cada uma delas. A lógica de estruturação urbana centro-periferia da metrópole belo-horizontina, enquanto processo histórico, perpetua-se até hoje e a segregação aprofunda-se significativamente. Com a explosão do tecido urbano, ocorreu o processo de metropolização de Belo Horizonte, que se inicia na primeira metade do século XX e revela que a população trabalhadora de baixa renda foi rejeitada no centro e relegada às periferias, despojada da cidade.

A expansão da metrópole capitalista, por agregação da periferia, mostrou-se em sua plenitude em Ribeirão das Neves - que desde os primórdios de sua formação, integra a metropolização de Belo Horizonte - vai se caracterizar como uma das parcelas do território metropolitano onde a segregação urbana se mostrará de forma mais evidente.

As fontes historiográficas sobre a constituição do município de Ribeirão das Neves são divergentes. Conforme as pesquisas de Sousa (2002), Souza (2008) e Campos (2009), são distintos os processos de formação da região da Sede e de Justinópolis, e que refletem na organização da cidade até a atualidade.

Podem ser identificadas referências da história da cidade, então conhecida como “Matas de Bento Pires”, já no início do século XVIII. Os primeiros povoamentos do território teriam acontecido por volta de 1747, data da construção da Capela de Nossa Senhora das Neves, anexado ao distrito de Venda Nova. Em 1873, o território passa a fazer parte do distrito de Pindaíbas, (atual Vera Cruz de Minas, distrito do município de Pedro Leopoldo) como uma vila; em 1911 é incorporado a Contagem e elevado a distrito em 1923. Em 1938, foi transferido da extinta cidade de Contagem para Betim, ao qual fica vinculado até 1943, onde o nome do distrito foi alterado de “Neves” para “Ribeirão das Neves” e então volta a pertencer ao território da nova cidade, Pedro Leopoldo. Finalmente em 12 de dezembro de 1953, Ribeirão das Neves é elevado a município tendo como distritos a região da Sede e Justinópolis e o Povoado de Areias.

A análise segue metodologicamente, a partir da diferenciação do processo de formação dos distritos de Ribeirão das Neves. A região da Sede da cidade foi fortemente influenciada pela construção da Penitenciária Agrícola de Neves- PAN, que data do início na década de 1920 e que foi inaugurada oficialmente em 1938. A PAN teve grande importância

---

<sup>2</sup> No projeto da cidade de Belo Horizonte, era previsto uma “zona urbana” limitada pela Avenida do Contorno onde seria a sede do governo do Estado, o centro comercial, o Parque Municipal, entre outros. Na zona suburbana, seria o espaço de sítios e chácaras, já na zona rural ficariam as colônias agrícolas.

no cenário latino americano por ser expressão da modernização, da justiça e da recuperação dos detentos pela via do trabalho. Inicialmente, mesmo sem ser anseio da população, sua implantação gerou empregos aos moradores, renda ao incipiente comércio da época, promoveu a presença do Estado pela presença da polícia e agentes penitenciários no território, além de impulsionar o aumento populacional da região. Desde então a cidade recebe uma função metropolitana, que é ser o lugar dos presídios – um polo presidiário, função essa que foi reafirmada depois da implantação de várias penitenciárias em seu território, mesmo contra a vontade da população e que gera problemas como barateamento das terras, sobrecarga de serviços públicos como nos hospitais e a Comarca, além do estigma negativo de “cidade presídio”.<sup>3</sup>

De acordo com Sousa (2002), as primeiras décadas que seguem à emancipação de Neves, o núcleo urbano do distrito Sede se mantém restrito a área do entorno da Penitenciária. Nessa época, podem ser identificados como seus eixos de estruturação espacial duas vias de acesso, são elas a MG-6 que liga a Sede até o distrito de Venda Nova e a estrada para o município de Pedro Leopoldo. Outro eixo viário importante da cidade é a BR-040, inaugurada na década de 1970, que atravessa o município na direção dos limites com Contagem e Esmeraldas, e se constitui como um eixo de expansão da cidade. A Regional Veneza, como ficou conhecida, leva o nome de um de seus maiores bairros, originado a partir de loteamento popular de 1977 e constituído com cerca de 4.000 lotes inicialmente. Tal regional torna-se alvo de intenso processo de parcelamento e ocupação, localizada nos limites da região da Sede, mas que permanece isolada da Sede, seja pelos condomínios fechados e chácaras de recreio que ocupam parte do seu território, seja pela barreira representada pela própria rodovia. Assim como ocorre com Justinópolis, mantém uma relação tênue com o núcleo urbano da Sede do Município, ao qual se vincula principalmente por razões de ordem administrativa.

A formação do distrito de Justinópolis, teve influência do processo da periferização de Belo Horizonte, através do crescimento da região de Venda Nova, zona norte da capital.

---

<sup>3</sup> Além da Penitenciária Agrícola de Neves, durante o início da década de 1960, a Cadeia Pública da Comarca de Belo Horizonte foi transferida para Neves, e se tornou a Casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira. Em 1982 foi implantada a Penitenciária Feminina José Abranches Gonçalves, em 2006 o Presídio Regional Inspetor José Martinho Drumond, e o Centro de Reeducação do Jovem Adulto, atualmente denominada Penitenciária José Abrantes Gonçalves. Todos esses ficam alocados na rodovia LMG-806, trecho da estrada entre o distrito Sede e Justinópolis. Já no ano de 2013, Neves recebe o primeiro Complexo Penitenciário de Parceria Público-Privada do país, localizado nas margens da BR 040, trecho entre o distrito Sede e a regional do bairro Veneza.

Recebeu esse nome em homenagem a Antônio Justino da Rocha, um fazendeiro da região que doou o terreno para a construção de uma igreja católica, do cemitério e da escola, localizados no centro do distrito. A região anteriormente chamada de Campanhã era composta por um grande território dividido em fazendas, que ao longo das décadas de 1940 e 1950 foram loteadas para comercialização, dando início aos primeiros bairros.

O distrito de Justinópolis foi desbravado pelos agentes imobiliários e se consolidou conurbado a Venda Nova, tendo poucos laços de ligação com a Sede do município de Ribeirão das Neves, o que sugere a ausência de coesão territorial e fraca integração regional. Dessa forma, pode-se argumentar sobre a influência da expansão urbana de Belo Horizonte em direção à região norte do município, induzido pela construção do complexo de lazer da Pampulha e da abertura da Avenida Antônio Carlos além da formação de Venda Nova, que influencia o crescimento de Justinópolis. O processo desigual da ocupação territorial gerou relações espaciais sem ligações tênues, com grandes vazios, exemplificada pela precária e desarticulada malha viária, de forma que leva a crítica de Campos (2010), onde a autora assemelha Ribeirão das Neves a um arquipélago e não a uma cidade.

Segundo a tese de Campos (2010), até nos anos de 1960 a estrutura fundiária de Ribeirão das Neves se caracterizava pela alta concentração das terras, onde 67 latifúndios ocupavam 78% de sua área total. Nota-se uma mudança de comportamento do mercado imobiliário da cidade a partir do final dos anos de 1940, quando sua área loteada aumenta significativamente, assim como o número de lotes, aprovados ou não, que foram lançados no mercado, principalmente concentrados no distrito de Justinópolis. Assim, a cidade em análise, se caracterizou, até o final dos anos 1960, por grandes vazios demográficos e ocupação bastante lenta, devido ao processo moroso de venda dos lotes, afóra o fato de que a maioria das famílias não tinha condições de pagar a prestação mensal do lote e realizar ao mesmo tempo a construção das casas, por suas restrições orçamentárias.

### **Neves desbravada pelos agentes imobiliários - A segunda tendência de crescimento**

Como característica da expansão metropolitana de Belo Horizonte, a década de 1970 fica marcada pela produção de loteamentos, sendo que a qualidade foi a principal estratégia do mercado imobiliário para controlar o uso e ocupação do solo nesse território, que de acordo com Andrade e Mendonça (2010) é expressão de um processo nacional de segregação nas metrópoles brasileiras, em um momento de grande fragilidade das políticas de regulação

do solo. Entre os principais sujeitos desse processo estão os agentes imobiliários, que atuaram indireta e diretamente sobre o município, no primeiro caso deixando grandes vazios urbanos nas áreas mais centrais dotadas de infraestrutura como forma de valorizá-los para posterior comercialização e, no segundo caso, agindo diretamente na criação de loteamentos precários, nas periferias mais distantes, muitos deles clandestinos e sem nenhuma infraestrutura. Esse processo explica a consolidação da conurbação de Belo Horizonte em direção a Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Vespasiano.

Acontece nessa época, a produção de loteamentos populares em cidades como Ribeirão das Neves, Ibité, Betim, Igarapé, Matheus Leme e Esmeraldas, com diferenças marcantes no preço dos terrenos de acordo com sua localização. Os loteadores tiveram diferentes estratégias que identificaram o potencial de compra do mercado popular e ofereceram terrenos parcelados sem nenhuma infraestrutura na periferia da cidade, ou ainda clandestinos, caracterizados pela escassez de oferta de serviços públicos como abastecimento de água e rede de esgoto, ausência de área destinada à construção de equipamentos comunitários como escolas e hospitais. Com poucas exceções, o controle sobre o uso da terra e seu parcelamento nessa época, ficaram sob responsabilidade de cada município, sem legislação de nível metropolitano (Campos, 2009).

O Vetor Norte-Central da região metropolitana de Belo Horizonte, composto pelas cidades de Santa Luzia, Vespasiano, São José da Lapa e Ribeirão das Neves e o Vetor Norte, que agrega as cidades de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo e Confins, recebeu alguns investimentos industriais como nos municípios de Vespasiano e Santa Luzia, mas a principal determinante da sua expansão foi a proliferação de áreas de moradias para a população de renda mais baixa. De acordo com Souza (2008), dos noventa e seis loteamentos lançados na região metropolitana de Belo Horizonte, entre os anos de 1972 e 1976, trinta e cinco (36% do total) foram implantados em Ribeirão das Neves, que ofereceu aos loteadores as condições ideais para a produção de loteamentos populares, como legislação menos exigente, falta de programas e políticas de controle do parcelamento e da ocupação do solo além de menor fiscalização, o que o tornou palco privilegiado da especulação imobiliária.

De acordo com Sousa (2002) quando se compara o crescimento populacional de Belo Horizonte e de Ribeirão das Neves no período dos anos de 1950 com os anos 1970, verifica-se que o crescimento da Capital foi quase duas vezes menor que em 1950, já Ribeirão das Neves teve sua taxa populacional quintuplicada em termos totais e quase sextuplicada se considerar a



área urbana, como mostra o gráfico 1.

Dessa forma, a década de 1970 marca uma segunda fase de expansão da cidade de Ribeirão das Neves, caracterizada por um intenso crescimento demográfico, onde as elevadas taxas de crescimento variaram ao longo do tempo e também se apresentaram consideravelmente distintas entre a região Sede e Justinópolis. Segundo Sousa (2002), de 1970 a 1979, oitenta loteamentos foram abertos na cidade: cinquenta e três no distrito de Justinópolis (sendo três no subdistrito de Areias), dezessete no distrito Sede e nove na região do Veneza. O que se segue é um aumento populacional com taxas recordes na região metropolitana e que caracteriza um ‘boom imobiliário’, de intenso crescimento, do qual o distrito de Justinópolis foi palco e que se insere no espaço metropolitano na medida em que se conurba com Belo Horizonte. Nessa época, a população de Ribeirão das Neves apresentou a sua maior taxa de crescimento, de 21,3%, o que demonstra um grande crescimento da cidade em pouco tempo, recorde em nível nacional. O crescimento populacional de Justinópolis, com taxa média de 27,2%, chama atenção por representar o setor de crescimento do município, já a Sede também teve um aumento populacional alto, de 11,09% ao ano.

Nos anos de 1980 houve um arrefecimento no mercado imobiliário, onde apenas quatro loteamentos foram aprovados na cidade, localizados no distrito Sede, sendo um no centro e três na Regional Veneza. Assim a taxa de crescimento populacional de Neves decresce, mas ainda permanece alta para os níveis metropolitanos, com a média de 7,1% ao ano, com a população da Sede passando a crescer mais que Justinópolis. Esse distrito apresenta taxa de crescimento de 4,8% e a Sede com 13%, de modo que se inicia nessa época e na década que segue, uma concentração dos loteamentos nessa região que marca a consolidação da expansão da cidade no sentido da Regional Veneza.

Durante a década de 1990, o setor do mercado imobiliário recrudescer, de forma que foram aprovados trinta e três loteamentos no município: treze no distrito de Justinópolis e vinte no distrito Sede, (sendo dez no centro e dez na Regional Veneza), assim a Sede continua com maior nível de crescimento, 8,3% contra 4,9% de Justinópolis. Após os anos 2000, o processo de parcelamento das terras na cidade continua intenso. Somente entre os anos de 2000 e 2005 foram lançados cinco novos loteamentos (aprovados), além de loteamentos clandestinos.

Assim, se anteriormente na história da cidade, a população da Sede do distrito foi maior que a de Justinópolis durante várias décadas, em 1970, a população de Justinópolis se

igual a da Sede e em 1980, a situação se inverte, e Justinópolis exibe uma população quase quatro vezes superior à da Sede. Durante os anos que segue a relação entre as regionais da cidade passa a se igualar em termos populacionais, onde a partir dos anos 2000, a população de Justinópolis passa a ser pouco maior que a Sede, como visto no Gráfico 2. Outra característica importante da cidade, segundo Sousa (2002), é que em relação à situação dos domicílios, em 1991, 83,37% da população de Ribeirão das Neves residia em áreas urbanas, já o Censo Demográfico de 2010 revelou um grau de urbanização de 99,4%.

Dessa forma, a partir do intenso processo de parcelamento do solo, durante um espaço de tempo relativamente curto, aproximadamente 40 anos, houve grande mudança na demografia de Ribeirão das Neves; fator preponderante para a construção da realidade social atual do município. De acordo com dados do IBGE, durante a década de 1950 quando ganhou sua autonomia, Neves era uma pequena cidade com pouco mais de 4.000 habitantes e cresceu em níveis esperados até os anos de 1970, contando com 9.707 habitantes, quando então acontecem aumentos populacionais que marcam recordes no cenário nacional, de modo que em 1980 a cidade passa a abrigar seis vezes mais habitantes que na década anterior contando com 67.257 pessoas. Em 1990, a população da cidade mais que dobra, chegando a 143.853 habitantes. A cidade chega aos anos 2000 com uma população, de 246.589 habitantes, demonstrando um crescimento ainda vertiginoso, como nos mostra o Gráfico 2.

Nessas condições, uma população de baixa renda se concentrou em Ribeirão das Neves, e a partir dos anos 1970 essa tendência propaga-se até a atualidade, de modo que a produção habitacional pode ser caracterizada principalmente pela autoconstrução. Durante todo esse processo, o poder público municipal, caracterizado por baixa capacidade arrecadadora e carente de recursos materiais e humanos, permaneceu omissos e não ofereceu resistência a atuação dos agentes imobiliários. O crescimento populacional da cidade tendeu a estruturação de uma periferia metropolitana com grandes níveis de adensamento populacional. Neves caracteriza a expressão de Cymbalista (2006: 44, apud Andrade 2004), como “o lugar aonde as pessoas chegam antes da cidade”

De acordo com (Brito, 1997), a implementação de loteamentos precários, serviu para atrair uma população de baixa renda que se mudou para a cidade com o objetivo de realizar o sonho da casa própria, formando um expressivo polo de atração da pobreza. Já Souza e Brito (2008) sugerem a inversão da reflexão ao afirmar que, apesar de Ribeirão das Neves ser um dos municípios mais pobres de toda a RMBH, o município atrai um grande número de

indivíduos expulsos de outros municípios da RMBH, principalmente da capital, que tem terras com alto preço. Assim, não seria Neves que atrai a população pobre, mas Belo Horizonte que a expulsa e que a atração exercida por Neves seria assim nada mais que o reflexo do grande poder de retenção exercido por Belo Horizonte e sua região metropolitana, dada a concentração da atividade econômica, nesse espaço. Por consequência, residir em Neves representa para muitos uma oportunidade, senão a única, de adquirir moradia própria, de continuar residindo nas proximidades da capital e se inserir no mercado de trabalho metropolitano.

### **Ribeirão das Neves e a verticalização: apontamentos sobre uma nova característica da expansão da cidade**

Atualmente Ribeirão das Neves permanece, no contexto da região metropolitana de Belo Horizonte, como um dos municípios de crescimento populacional mais acelerado, chegando ao ano de 2010 com 296.317 habitantes e estimativa, segundo o IBGE de aproximadamente 322.659 habitantes no ano de 2015. Esse ritmo elevado de crescimento que vem sendo sustentado na cidade se deve a ocupação efetiva dos loteamentos populares lançados nas décadas anteriores e à continuidade do parcelamento do solo, mesmo que em menor escala atualmente. Pretende-se agora explorar o argumento sobre uma nova característica do crescimento da cidade de Ribeirão das Neves que se inicia a partir dos anos 2000, em que a produção de edifícios de pequeno porte marca uma tendência de verticalização na cidade.

A partir dos anos de 1980 e principalmente 1990, tem-se uma tendência a valorização da vida nos condomínios no Brasil, que eram restritos ao entorno das grandes metrópoles e mais voltados para as classes médias e altas, mas a partir dessa época, passam a ser opção de moradia e estilo de vida também para populações com menor poder aquisitivo. A produção de apartamentos exige a mobilização de um montante relativamente grande de recursos financeiros e o que se registra em Ribeirão das Neves é a produção de apartamentos via indústria da construção.

Segundo o IBGE, os domicílios particulares permanentes podem variar, sendo por exemplo, casas, que são entendidas como domicílio único, localizados em edificação de um ou mais pavimentos ou também pode ser apartamentos, localizados em edificação de dois ou mais pavimentos, com mais de um domicílio, servido por espaços de uso comum. De acordo

com Campos (2009), antes dos anos de 2000, os domicílios do tipo apartamento de Ribeirão das Neves, estavam localizados em Justinópolis, encontravam-se basicamente em três empreendimentos habitacionais executados pela indústria da construção, o Conjunto Habitacional Nova Pampulha, o Residencial Toronto e o Residencial Capela, sendo que os dois primeiros localizam-se próximos à Contagem e Belo Horizonte. No distrito Sede, os prédios de apartamentos localizam-se basicamente no Bairro São Pedro, onde estão localizadas também as casas dos habitantes que recebem as mais altas rendas do município de Ribeirão das Neves (Campos, 2009).

O Censo de 2010 identificou 85.135 domicílios na cidade, sendo 2.331 deles, apartamentos, tendência que tem tido aumento desde os anos de 2000. Segundo dados cedidos pela Superintendência de Regulação Urbana da Prefeitura de Ribeirão das Neves, até junho de 2016, foram registrados 8.559 apartamentos, sendo que não entram nesses números as construções irregulares. Esses dados corroboram a hipótese do estudo sobre o crescimento vertical de Neves, pois apontam que o número de apartamentos quase quadruplicou em 6 anos.

Atualmente, a tipologia das edificações, que estão sendo aprovadas no município são, predominantemente, de conjuntos verticais com até quatro pavimentos e área de aproximadamente 45m<sup>2</sup> por unidade. Outra tipologia impulsionada no município, constitui-se em condomínios horizontais, com casas geminadas, destinadas à população cuja renda está entre três e seis salários mínimos (Campos, 2009).

Podemos analisar o exemplo do Bairro Jardim Alterosa, localizado na regional Veneza, onde foi construído em 2013 o conjunto habitacional Residencial Alterosa, com recursos do Programa Minha Casa Minha Vida e que possui 82 blocos de 20 apartamentos, totalizando 1640 unidades. Contudo, seus moradores sofrem com graves problemas, entre eles, a ausência de equipamentos públicos como posto de saúde, escolas e creches, além de falta de transporte público e do recolhimento do lixo que gera, grave situação de insalubridade e risco à saúde.

Não se pode ignorar ainda que o vetor norte de Belo Horizonte tem passado por um intenso processo de reestruturação econômica e socioespacial, que teve início a partir do ano de 2004, com a construção de um conjunto de projetos de investimentos públicos e privados na região. Os principais empreendimentos públicos, de acordo com Tonucci Filho (2014), provém particularmente do Governo do Estado, são a reativação do Aeroporto Internacional

Tancredo Neves, a implantação do Centro Administrativo do Estado de Minas Gerais, além de investimentos viários que buscam melhorar a articulação do vetor norte com a malha rodoviária da RMBH, em que se destacam a Linha Verde, o Rodoanel, e a duplicação da MG-020 e da Avenida Antônio Carlos. Essas novas transformações parecem surtir efeitos especulativos de maneira mais imediata naqueles municípios próximos a Cidade Administrativa, que são Santa Luzia, Vespasiano, Ribeirão das Neves e porção setentrional de Belo Horizonte, de forma que os impactos territoriais deverão ser mais intensos no curto prazo, como por exemplo na valorização imobiliária no Vetor Norte da RMBH, tradicionalmente marcado por poucos estímulos de valorização fundiária nas décadas anteriores à virada do milênio, sendo uma região menos valorizada, sobretudo, se comparada ao Vetor Sul metropolitano. Assim, Ribeirão das Neves parece acompanhar o que está acontecendo nas outras partes do espaço metropolitano, ainda que em menor grau, de forma que o preço de suas terras tem tido aumento significativo, fato que influencia na construção e venda de apartamentos, que são relativamente mais baratos que a compra de lotes e a construção da moradia, mesmo que através da autoconstrução.

### **A expansão sem planejamento e as consequências negativas para a cidade**

A partir de agora serão levantados os principais problemas gerados pela expansão sem planejamento de Ribeirão das Neves para posteriormente relacioná-los com a realidade do patrimônio cultural da cidade.

A literatura da área demonstra as sérias consequências do processo de segregação espacial centro-periferia, que na cidade de Ribeirão das Neves são evidentes. Sua população atual segundo dados do IBGE, tem grande porcentagem negra, apresenta equilíbrio de gêneros e pode ser considerada jovem, já que mais da metade, 54%, da população encontra-se na faixa etária entre 0 e 29 anos, fato que, gera a necessidade de atenção e investimentos nas áreas da educação, lazer, inserção profissional, e outras ligadas à infância e juventude. A cidade convive com baixos índices educacionais, o que indica um ciclo de reprodução da pobreza. O percentual de pessoas com mais de 25 anos analfabetas é de 12 %.

A população de Neves pode ser considerada de forma homogênea quanto aos indicadores sociais, caracterizando-se predominantemente por grupos de baixa renda. A população tem claro perfil de operariado, com ocupações predominantes em atividades de prestação de serviços pessoais, distributivos e na indústria tradicional. Os dados do censo

demográfico de 2010 indicam que o valor do rendimento nominal médio mensal da maioria dos domicílios não chega a três salários mínimos. Cerca de 40% da população vive com até dois salários mínimos e mais da metade da população vive com renda de até cinco salários mínimos. Pouco mais de 0,1% da população tem renda maior que dez salários mínimos e são grupos sociais predominantemente brancos, ou seja, Ribeirão das Neves tem pouquíssimos ricos, fato que sugere que a cidade expulsa essa camada da população, pois ao obter melhorias econômicas, evade a cidade.

A dissociação entre o local de residência e o local de trabalho e estudo leva seus moradores a deslocarem-se diariamente para outro município, caracterizando Ribeirão das Neves como uma “cidade dormitório”. O significativo movimento pendular é de alto custo, pois os valores dos transportes públicos para o deslocamento entre Ribeirão das Neves e Belo Horizonte são elevados, além do que, o sistema público de transporte metropolitano apresenta baixa qualidade no atendimento; exemplificado pelo fato das linhas responsáveis pelos trajetos possuírem quadro de horários limitados, demandando dos usuários um longo tempo de espera e muitas vezes, que realizem o deslocamento a pé, com desconforto. A necessidade de deslocamento acaba por depreciar ainda mais a renda familiar e se transforma em um limitador, naqueles casos em que o empregador arca com os custos do transporte. Outra consequência desse processo, é que a cidade acaba não sendo usada para a realização do consumo, do lazer e da cultura de seus moradores.

A cidade de Ribeirão das Neves apresenta altos níveis de violência e criminalidade, o que contribui para a formação do estigma negativo da cidade, muito explorado pela mídia. O Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) de 2006, divulgado pelo Observatório das Favelas, para a cidade foi de 5%, e coloca Ribeirão das Neves como a vigésima cidade mais perigosa para jovens de 12 a 18 anos do Brasil. De acordo com o Mapa da Violência de 2007, a taxa média foi de 58 homicídios por 100 mil habitantes, o que o colocou na 97ª posição num conjunto de 556 municípios brasileiros. A mesma pesquisa aponta que dentre os territórios municipais mais violentos da RMBH, Ribeirão das Neves destaca-se por taxas médias mais elevadas, ocupando a terceira posição, depois de Betim (63,7) e de Contagem (58,4). Já no Mapa da Violência do ano de 2013, Ribeirão das Neves ficou entre as 300 cidades mais violentas do país, ocupando o 163º lugar e oitava colocada no ranking estadual, com 156 assassinatos. No Mapa da Violência no Brasil do ano de 2015, dos 100 municípios com as maiores taxas médias de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos de idade

durante 2011 e 2013, Neves apresenta média de 11 em 2011, 7 em 2012 e 8 em 2013, ocupando a posição de número 34 no ranking. Destaca-se que o número de jovens vítimas de homicídio por armas de fogo são altas, contando com média entre 2010/2012 de 79,1% de tentativas e 79,5% dos homicídios consumados. Assim, como várias pesquisas mostram, o cenário da cidade é de grande criminalidade violenta e que atinge principalmente a população jovem e negra da cidade, marcada ainda pelo uso de arma de fogo.

Neves enfrenta ainda muitas carências relacionadas aos serviços e equipamentos públicos, como a assistência à saúde e assistência social, por exemplo, que é insuficiente para atender às necessidades mais básicas dos moradores que por sua vez, tem que se deslocar em busca de atendimento, para Belo Horizonte e outras cidades próximas.

A cidade apresenta déficit habitacional de mais 16.400 domicílios, sendo que 41% do total dos domicílios encontram-se em assentamentos precários, além de 46 loteamentos irregulares. Quase 5000 domicílios estão alocados em aglomerados subnormais, de acordo com o último censo, contando assim com a existência de 65 vilas e favelas, como a Bispo de Moura, Braúnas, Rosaneves, Grotas, Landi, Vila Felicidade e a Vila Henrique Saporì. As favelas pouco se distinguem dos bairros originados a partir dos loteamentos populares aprovados, de modo que os espaços centrais e periféricos apresentam composição social bastante semelhante, sendo um padrão urbanístico bem baixo em todo município. O próprio aspecto físico deteriorado da cidade, resultado da falta de infraestrutura como grande número de ruas sem asfalto, esgoto a céu aberto, casas sem finalização, contribui para fortalecer representações negativas da cidade.

De acordo com Andrade e Mendonça (2010), a forte homogeneidade da sua população e de seu território leva a hipótese de que a falta de convivência próxima e cotidiana com pessoas em situações mais vantajosas, seja profissional, educacional ou culturalmente, entre outros aspectos, não gera condições para que se vençam as dificuldades do contexto, assim como não propicia efeitos concretos, como indicação para trabalho ou possibilidades de continuidade dos estudos. Assim a homogeneidade da cidade implicaria em percas no seu capital social, já que ele existe nas relações sociais e é uma construção de coletividades institucionalizadas, por exemplo, onde as informações e o conhecimento são formadas e transferidas.

Para Araújo (1997), o espaço, da mesma forma que agrega e une as pessoas, é um fator de distinção, impondo diferenças e qualificando os sujeitos. Os sujeitos, no seu cotidiano

alteram e manipulam os sentidos e significados dos lugares, criando estruturas afetivas, cognitivas e individuais. Cada espaço da cidade, uma edificação, uma rua ou um bairro é, sobretudo, um mundo especial e pleno de sensações, cuja identidade, assim como a identidade dos sujeitos, é uma construção histórica realizada a partir da experiência cotidiana. O cenário descrito gera então a estigmatização do território em análise, tal como é entendido por Goffman (1983), que deriva de uma etiquetagem social, entendida como uma forma de classificação que, avivando as suas identidades negativas, lança no descrédito determinadas categorias sociais consideradas como anormais face aos padrões dominantes. O estigma vinculado ao comportamento de um indivíduo tende a abarcá-lo como um todo, da mesma forma entende-se que o estigma de um território, estigmatiza a todos que ali residem.

De acordo com Becker (2009), o indivíduo marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e para sua auto imagem, sendo que a mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. É rotulado e seu status de desviante nesse caso, passa a ser seu status principal. Assim os estigmas de “cidade-presídio”, “cidade violenta”, “cidade pobre” gera consequências perversas para todos os moradores de Ribeirão das Neves, estando intimamente ligada a dificuldade de sentimento de pertencimento a cidade, que por sua vez, impacta diretamente no patrimônio da cidade.

Contudo, afirma-se sobre uma riqueza cultural da cidade, que precisa de identificação e valorização. Uma característica cultural forte na cidade, por exemplo, é o artesanato, tendo em vista que a cidade recebeu moradores de várias regiões do país, assim o artesanato local se mostra presente em várias vertentes, confeccionadas com matérias primas como: linhas, tecidos, madeiras, vidros, barbantes, papéis e muitos materiais destinados ao descarte. A cidade tem destaque também nas artes cênicas, contando com vários estúdios de dança. Dentre os movimentos culturais, merecem destaque o balé, rock, funk, entre outros. A capoeira também tem representação na cidade, nos guetos, nos espaços públicos da Prefeitura, assim como o Congado e outras manifestações religiosas.

### **As dificuldades com o patrimônio cultural da cidade**

A cidade pode ser pensada como uma totalidade em que suas materialidades plurais trazem referências importantes tanto para se pensar na expansão comum às metrópoles como nos territórios específicos oriundos de cada localidade urbana. Em tal perspectiva, as cidades, “trazem as marcas de seus atores, o fluxo das interações descontínuas e das sociabilidades



conflitivas" (BARREIRA, 2007: 166).

Pode-se entender a cultura como uma forma de manifestação ligada a várias esferas da vida social como as artes, a moral, leis, costumes, hábitos e qualquer outra manifestação que expresse as formas de vida. Devido a sua importância, durante o século XX, acontece um movimento político mundial que objetiva a preservação do patrimônio cultural e conseqüentemente, as identidades tradicionais, reforçando que essa é uma função do Estado e um dever de toda a sociedade. Assim, a função social da cidade somente é implementada quando efetuada junto com a proteção ao meio ambiente e à cultura, garantindo de fato e por completo o bem estar dos cidadãos (MARRA, 2011).

Os processos sociais políticos urbanísticos por quais Ribeirão das Neves passou, convergiram para a degradação da cidade de forma que a construção da identidade de seus moradores é tão negativada que eles a repudiam, além de impedir esforços ligados a construção e o conhecimento do que é seu patrimônio cultural. O desenvolvimento dessa ideia de patrimônio, seja ambiental ou cultural, surge com a finalidade de garantia da qualidade de vida para essas e futuras gerações pois o patrimônio cultural é constitutivo da identidade e da diversidade cultural de um povo, além de ser um importante fator de desenvolvimento sustentável, de promoção do bem-estar social, de participação e de cidadania. Para que não aconteça a degradação do meio ambiente urbano é necessário cuidado com os recursos naturais ou bens culturais, que estão diretamente ligados ao bem estar social (Marra, 2011).

Gonçalves (2005) salienta o papel fundamental que desempenha a categoria do patrimônio cultural no processo de formação de subjetividades individuais e coletivas, pois entre o patrimônio e as formas de autoconsciência individual ou coletiva existe uma relação orgânica e interna e não apenas uma relação externa e emblemática. Dessa maneira, o reconhecimento do patrimônio cultural faz parte da construção da identidade individual e coletiva de um povo. Em Neves, a negatização e o desconhecimento do patrimônio cultural contribuem para a formação de uma identidade negativa da cidade, a qual os moradores não querem ser ligados e que tem por consequência a desvalorização da cidade.

Gonçalves (2005) afirma que os "patrimônios culturais" seriam entendidos mais adequadamente se situados como elementos mediadores entre diversos domínios social e simbolicamente construídos, estabelecendo pontes e cercas entre categorias cruciais, tais como passado e presente, deuses e homens, mortos e vivos, nacionais e estrangeiros, ricos e pobres, etc. Dessa forma, essa noção de patrimônio cultural na cidade de Ribeirão das Neves

se mostra fraca, a população vive a-historicamente, ou seja, sem a noção de continuidade entre passado, presente e futuro, de modo que a preocupação pela reconstrução e valorização de seu passado tanto como a busca pelos elementos representativos da sua cultura, apenas de forma pontual, foi iniciada somente nos tempos atuais.

Não há como falar em patrimônio sem falar de sua dimensão material (Gonçalves, 2005), o que reforça a importância do fortalecimento das legislações, instituições e órgãos governamentais que tem a função de preservar tais elementos, como o Conselho Municipal de Cultura de Ribeirão das Neves; que tem realizado ações de reconhecimento e salvaguarda de elementos do patrimônio cultural da cidade, ainda que lenta e pontualmente. Contudo, o patrimônio também não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado, precisa encontrar representatividade junto aos moradores da cidade.

Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar "ressonância" junto a seu público. O conceito de ressonância se refere ao “poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante” (GONÇALVES, 2005: 19). Assim para que o patrimônio seja protegido, é necessário que os indivíduos se mobilizem em prol de sua proteção. Na cidade de Ribeirão das Neves, tanto o reconhecimento quanto a proteção do patrimônio não são preocupações para a maioria de seus moradores e governantes. Os moradores por não se identificarem com o lugar de moradia, não se reconhecem e não se sentem representados pelo seu patrimônio o que inviabiliza os cuidados como tal.

Nos modernos discursos do patrimônio cultural, a ênfase tem sido posta no seu caráter "construído" ou "inventado", pois cada grupo social constrói no presente o seu patrimônio, com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória. Assim, a busca pela reconstrução da memória da cidade, a preservação de seu patrimônio cultural deve ser incentivado, de forma a fortalecer a construção social da identidade da cidade. Tal perspectiva aponta para a necessidade da efetivação de função social da cidade que possibilite a preservação do patrimônio cultural regional por meio dos planos diretores municipais e metropolitanos, que incluam por exemplo, a participação popular.

Para que o patrimônio cultural existente no meio urbano seja efetivamente preservado, o Plano Diretor de um município, assim como as leis que tratam do uso e da ocupação do solo, devem observar as agressões e impactos causados aos patrimônios locais de

forma a garantir o acesso à cultura e impedir sua destruição, a evasão e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural. A noção de patrimônio cultural tem ligação com a estrutura social e seu sistema simbólico, com isso, essas reflexões na cidade de Ribeirão das Neves, se mostram como um desafio, dada condição de vulnerabilidade social de seu território.

### **Considerações finais**

Esse estudo buscou apresentar como situação-problema a vulnerabilidade social da cidade de Ribeirão das Neves e sua ligação com a falta de proteção do patrimônio cultural, que se constitui como uma questão importante a ser enfrentado pelo poder público local. O estudo sugere demandas da população pela melhoria da qualidade de vida, nelas incluindo o esporte, o lazer, a valorização da identidade e autoestima da população, que servem como proposta de resolução da problemática discutida.

A situação da estrutura urbanística da cidade estudada desencadeia uma questão grave e complexa para o planejamento urbano, que é a proteção de seu patrimônio cultural. A partir do reconhecimento da realidade social torna-se possível aprimorar as intervenções públicas e sociais, que o município carece, já que se tornou necessidade da cidade o planejamento de uma estruturação urbanística que promova o funcionamento adequado da atividade produtiva, proporcione qualidade de vida de seus moradores e conserve o seu patrimônio ambiental e natural.

Para Guimarães (2004) a forma de proteção ideal que abrange o fenômeno cultural possui três dimensões fundamentais, que são a criação, a difusão e a conservação da cultura. A criação da cultura é um processo que manifesta-se em diversas formas e cabe ao Estado favorecer a realização dessas manifestações através de incentivos diretos e indiretos; a sua difusão, corresponde ao acesso dessa produção cultural no meio social tem importância crucial para informação e a educação da sociedade; já a conservação da cultura tem ligação com a proteção dos bens e sua manutenção. Esses são caminhos que podem ser seguidos na reflexão sobre o patrimônio cultural da cidade de Neves.

Conclui-se sobre a grande necessidade de políticas públicas e outras iniciativas que promovam a utilização e ocupação do solo de forma mais apropriada, sem tantos prejuízos ao seu patrimônio cultural, que gera como consequência a melhoria da qualidade de vida da população nevensense. A análise aqui apresentada é parcial, principalmente no que se refere aos

dados, mas tem relevância como primeiras reflexões sobre evidências que precisam ser aprofundadas, tendo em vista a carência e necessidade de entendimento da dinâmica do planejamento urbano da cidade.

### Referências

ARAÚJO, Maria Marta de. A vida nos subúrbios: Memórias de uma outra Belo Horizonte. Vol. 2, n.3. Belo Horizonte: **Cadernos de História**, 1997.

ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes de. Explorando as consequências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais. Vol. 12, n.23. São Paulo: **Cadernos Metrôpoles**, 2010.

BARREIRA, Irllys Alencar F. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. Vol. XLII, Lisboa, **Análise Social**, 2007.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRITO, Fausto. Mobilidade espacial e expansão urbana: o caso da região metropolitana de Belo Horizonte. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu, 1997.

CAMPOS, Paola. Rogêdo. **O Município de Ribeirão das Neves: um bairro popular em um centro metropolitano**. Ano de Obtenção: 2009. 188p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Minas Gerais.

\_\_\_\_\_. O Arquipélago De Ribeirão Das Neves: A Velha Segregação Na Metrôpole Belo-Horizontina. Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira. **Cedeplar**, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

COSTA, G. M.; FLORES, C. E. A expressão sócio-econômica e espacial da dinâmica ocupacional na Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Encontro Transdisciplinar Espaço e População**. Campinas: Unicamp/ABEP, v. 1, 2003.

COSTA, Heloisa S. **Habitação e produção do espaço em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: **CEDEPLAR/PBH**, 1994, p. 51-77.

GUIMARÃES, Nathália Arruda. **A proteção do patrimônio cultural Revista Jus Navigandi**, 2004. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/5372/a-protecao-do-patrimonio-cultural>>. Acessado em 18/06/2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. Vol.11 n°.23. Porto Alegre: **Revista Horizontes Antropológicos**, 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

MARRA, Natalia Cardoso. A Proteção do Patrimônio Cultural na Gestão das Metrôpoles: um estudo da Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social**. Florianópolis, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural: Livro I, Tomo I, 1988.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana). FFLCH, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUSA, E. A. **Alternativas públicas não estatais para a provisão de habitação popular: o caso do Bairro Metropolitano**. Ano de Obtenção: 2002. 186p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC - MG.

SOUZA, Joseane. **A Expansão Urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: O Caso Específico do município de Ribeirão das Neves**. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: UFMG/ Cedeplar, 2008.

SOUZA, Joseane; BRITO, Fausto Reynaldo Alves. A expansão urbana de Belo Horizonte e da RMBH em direção ao Vetor Norte Central, nos períodos 1986-1991 e 1995-2000. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu, MG, Brasil, 2008.

TONUCCI FILHO, João Bosco Moura. Cidade fractal: transformações recentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Encontros Nacionais da ANPUR**, 2013.

WASELFSZ, J. J. **Mapa da violência 2007 – Mapa da Violência dos municípios brasileiros**. Brasil, 2007. Disponível em < <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2007.php>>. Acessado em 18/06/2016 às 18hs.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2013 – Homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro. CEBELA/FLACSO** Brasil, 2013. Disponível em: < [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf)>. Acessado em 18/06/2016 às 18hs.

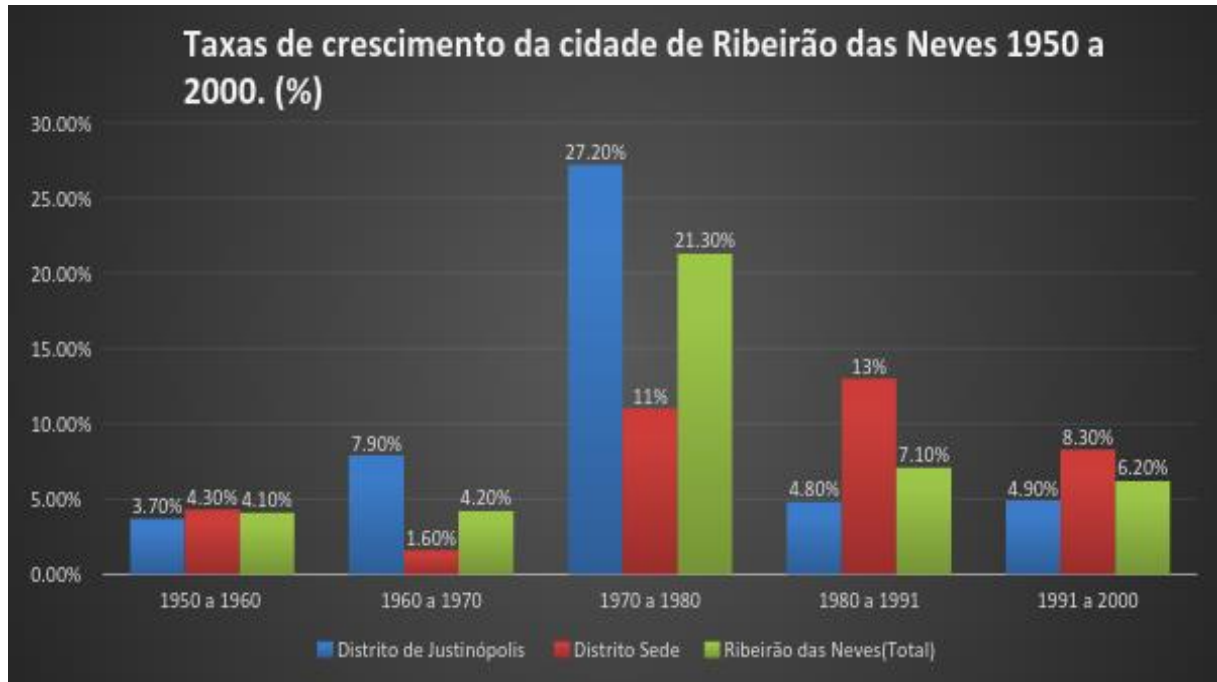
\_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2015 – Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil**. 2015. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015\\_adolescentes.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015_adolescentes.pdf)>. Acessado em 18/06/2016 às 18hs.

**Observatório de Favelas**. Disponível em <<http://of.org.br/apresentacao/>>. Acessado em 18/06/2016 às 19hs.

**Portal da Prefeitura de Ribeirão das Neves**. Disponível em <<http://ribeiraodasneves.mg.gov.br/prefeitura/>>. Acessado em 18/06/2016 às 19hs.

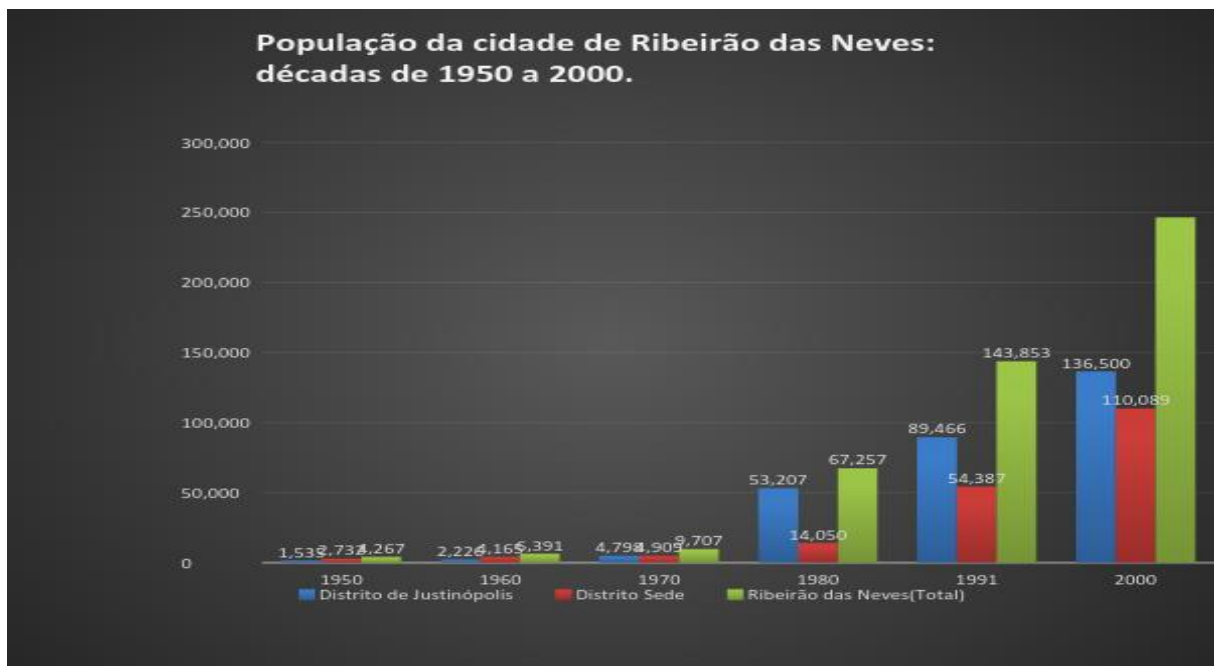
## Gráficos

### Neves desbravada pelos agentes imobiliários - A segunda tendência de crescimento



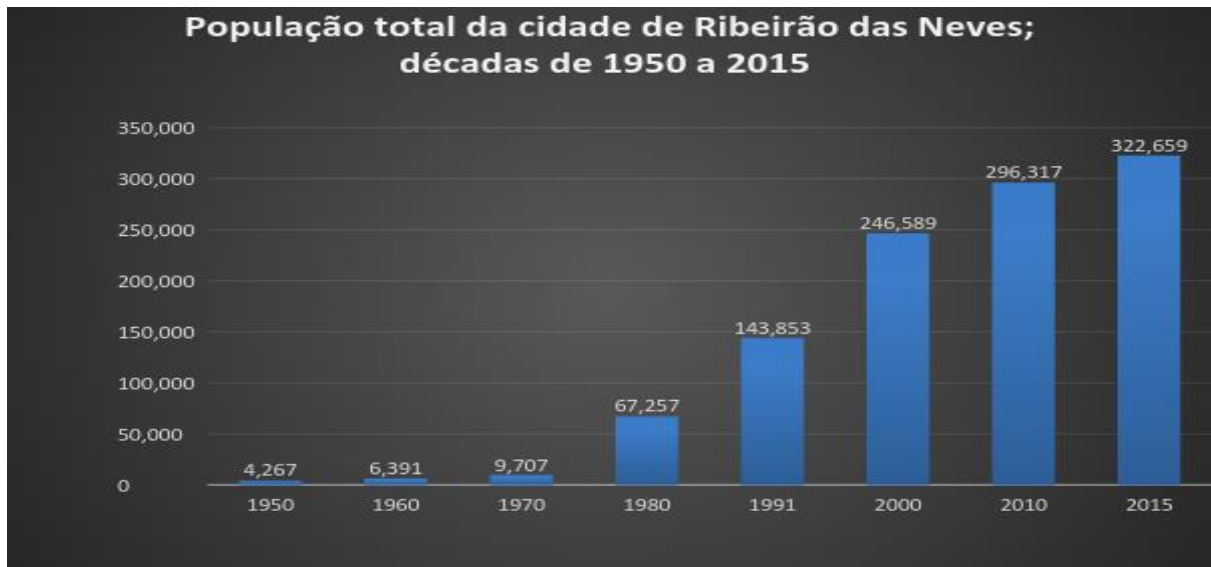
**Gráfico 1.** Taxas de crescimento da cidade de Ribeirão das Neves.

Fontes: IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000



**Gráfico 2.** População da cidade de Ribeirão das Neves – Distritos – 1950 a 2000.

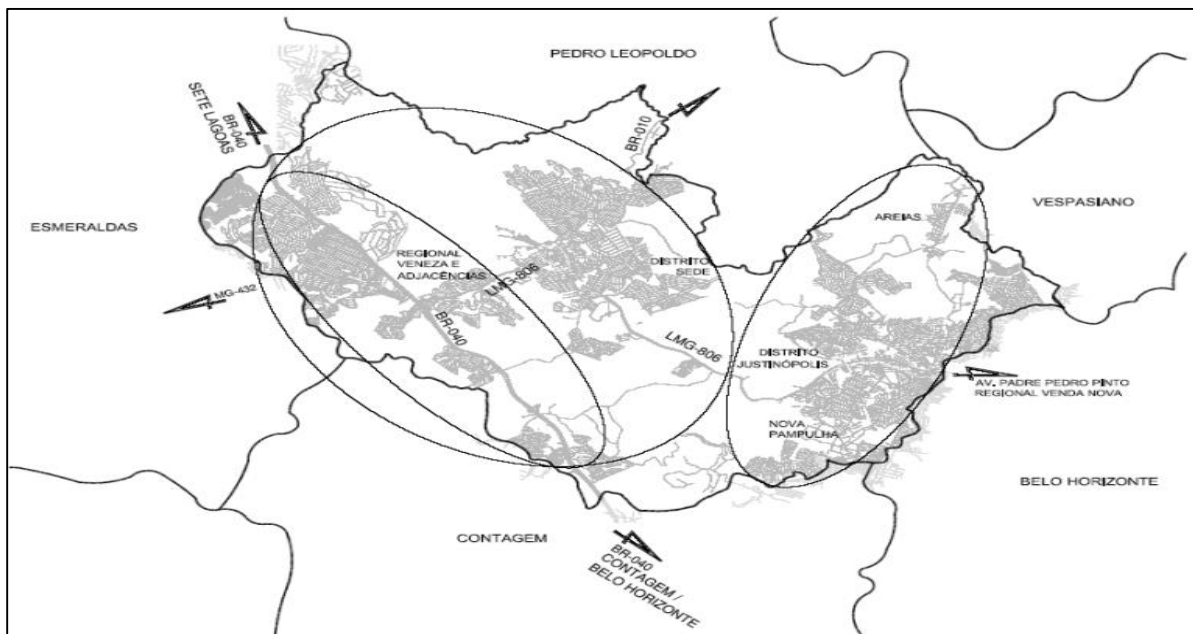
Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.



**Gráfico 3.** População total da cidade de Ribeirão das Neves; décadas de 1950 a 2015  
 Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

### Mapa

#### A formação de Ribeirão das Neves – primeira etapa de adensamento populacional



A cidade de Ribeirão das Neves em 2006, apontando suas regionais.

Fonte: (CAMPOS, 2010).

## ***HABEMUS PAPAM: Surge uma nova identidade para o catolicismo***

Tiago Fernando Hansel<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca uma abordagem contemporânea sobre a vida do Papa Francisco, apontando e destacando a sua identidade humilde e simples, com foco nos pobres e mais necessitados, que o mesmo busca levar para toda a Igreja Católica, assim dando uma nova realidade para a mesma. Observando elementos pessoais e profissionais do mesmo que demonstrem esses fatores para o cristianismo. Francisco trás consigo e repassa para o mundo um estilo próprio, quebrando paradigmas, culturas e identidades seguidas até então. Um Papa com várias características peculiares e até certo ponto curiosas, que serão descritas no decorrer do artigo. E para melhor entendimento sobre o assunto, o autor busca referencia bibliográfico e entrevistas de conhecedores sobre o tema abordado.

**Palavras-chave:** Papa; Igreja Católica; Identidade Cultural.

### **HABEMUS PAPAM: A new identity emerges for Catholicism**

**Abstract:** This article seeks a contemporary approach on the life of Pope Francis, pointing and highlighting his humble and simple identity, that focus on the poor and needy, whom seeks to bring to the entire Catholic Church, thus giving a new reality for it. Observing personal and professional characteristics showing these factors to Christianity elements. Francis passes to the world his own style, breaking paradigms, cultures and identities followed hitherto. A Pope with peculiar characteristics, even curious one to a certain extent, which will be described throughout the article. And for a better understanding on the subject, the author seeks bibliographical references and interviews about the topic.

**Keywords:** Pope; Catholic Church; Cultural Identity.

### **Introdução**

Este artigo tem como objetivo demonstrar a importância e a influência da identidade cultural do Papa Francisco para a comunidade católica mundial através da sua personalidade e personalidade. Sendo ele atualmente a principal esperança para solucionar as crises internas da Igreja Católica, bem como elemento chave para a diminuição da egressão de fiéis dessa congregação religiosa. Para isso o cardeal expõe para o mundo sua identidade e busca sem medo reconhecimento por isso.

Para um melhor esclarecimento e entendimento sobre o tema, o artigo divide-se em fundamentação teórica, conhecimentos científicos e depoimentos coletados de líderes

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste.



católicos conhecedores do assunto, buscando assim, fazer ligações entre os dados de forma contemporânea.

Jorge Mario Bergoglio é eleito em um período de crises na Igreja Católica, como por exemplo, o envolvimento de padres na pedofilia, corrupção e entre outros assuntos, que fizeram que muitos fiéis se afastassem do catolicismo. Uma pesquisa do Instituto Pew Research Center, aponta que o percentual de cristãos no mundo caiu de 35% para 32%. As estatísticas religiosas não podem ser consideradas com grande exatidão, inclusive porque em muitos países os cristãos são perseguidos ou os governos não incluem a religião no Censo. Sem precisão estima-se o número atual de cristãos seja um terço da humanidade. Entre os cristãos, os católicos são a maioria, superando um bilhão. Cabendo ao continente da América com a maior porcentagem de católicos, com o total de 65,0%, seguido do Europa com 39,0%, na sequência a Oceania com 27,0%, África com 15,0% e em ultimo lugar a Ásia com 2,9% da população pertencente a esta religião (Pew Research Center: 2014).

Inúmeros são os fatores que levam o afastamento de fiéis da Igreja Católica, como por exemplo, o tradicionalismo e o conservadorismo extremo, escândalos como a pedofilia, a principalmente a distância da Igreja com o povo, em especial dos pobres e oprimidos. Sendo esta uma das principais mudanças que o Papa Francisco busca solucionar, já em seu primeiro discurso deixou claro para o mundo, que quer uma Igreja pobre para os pobres, e entre outros vários aspectos que interferem nessa saída. Este principal fator que define a identidade do atual pontífice, a humildade, simplicidade e o amor pelos pobres.

Com todos esses problemas, no ano de 2013 é eleito o argentino e jesuíta Jorge Mario Bergoglio, figura pouco conhecida no mundo, entretanto segundo informações não oficiais, já no conclave de 2005 o mesmo teria ficado na segunda posição. Homem de características peculiares e únicas. Pessoa de oração, de contemplação, capaz de tirar a Igreja de seus egocentrismos e leva-la a lugares onde milhões de pessoas a necessitam. (CAMAROTTI, 2013; ESCOBAR, 2013; HIMITIAN, 2013).

### **Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco: História de vida**

Analisando a história de vida de Jorge Mario Bergoglio o agora Papa Francisco, já é possível delimitar como é, e como será o seu perfil papal, justamente pela sua identidade cultural humilde, simples e de compaixão pelos pobres que ele trás consigo, que o diferencia de todos os ocupantes desse cargo até o momento. Talvez sendo muita pretensão esta

afirmação, mas para leigos e pessoas que não estudam e se aprofundam em relação aos Papas, esta é a imagem diferenciada que Francisco passa a população.

Nascido em 1936, em Buenos Aires, Argentina, Francisco é o primeiro papa do continente americano, do Hemisfério Sul e o primeiro pontífice não europeu em 1.200 anos, desde São Gregório III, que nasceu na Síria e governou a Igreja Católica entre 731 a 741 (HIMITIAN, 2013).

Filho de Mario José Francisco Bergoglio, contador, e de Regina María Sívori, dona de casa, imigrantes italianos, sendo Jorge Mario Bergoglio o primeiro dos cinco filhos do casal, viveu até os vinte e um anos no Bairro de Flores, centro geográfico da capital argentina, saindo apenas deste local para ingressar na carreira religiosa. Até sua dedicação aos estudos teológicos, viveu a infância e adolescência igual a de qualquer pessoa desta idade, exemplo claro, na escola em que Bergoglio estudava, existe relatos que mostram que ele sempre foi considerando um bom aluno, mas nunca um menino extraordinário (HIMITIAN, 2013).

Outro fator que demonstra que o atual pontífice possuiu uma vida normal como a de qualquer outra pessoa, é o fato de que aos doze anos apaixonou-se por uma menina da mesma idade, chamada Amalia, onde chega ao ponto de pedir seu amor quase platônico e pré-adolescente em casamento, afirmando que se ela não aceitasse ele se tornaria padre, o que de fato aconteceu (PIQUÉ, 2013).

Com a mesma idade da época em que se apaixonou, o jovem, e agora pontífice, começou a trabalhar com seu pai no escritório de contabilidade, onde durante dois anos fez tarefas de limpeza. E pouco tempo depois começou a trabalhar em uma fábrica de meias. Deixou o trabalho por causa dos estudos, fez graduação e mestrado em química, na Universidade de Buenos Aires, além disso, sempre estudou muito literatura, que sempre foi sua grande paixão como estudante. Com isso consegue uma vaga em um laboratório de análises de gorduras, águas e produtos alimentícios, onde mais tarde deixa seu emprego e estudos para ingressar no noviciado da Companhia de Jesus (ESCOBAR, 2013).

No ano de 1958 o jovem escolhe seguir sua vocação que havia despertado nele, de ser padre, para isso buscou seguir sua identidade e cultura, que era o amor pelos pobres, pelos excluídos, oprimidos, enfim, as pessoas que mais necessitam, e por este motivo optou por ser um membro da Companhia de Jesus, os chamados jesuítas, que possuem este perfil. Para isso, precisou seguir por anos vários passos, para sua ordenação. Iniciando a primeira etapa de sua formação no noviciado, é um período de formação e provação. Durante dois anos, o noviço

vive profundamente a espiritualidade inaciana, priorizando a vida interior e confirmando os frutos dos exercícios espirituais por meio de diversos experimentos (paróquias, missões, peregrinações, inserções, entre outros). Nesse tempo ele conhece profundamente a história, os documentos, a missão da Companhia de Jesus e sua inserção na Igreja e no mundo, para tornar-se um seguidor de Jesus<sup>2</sup>.

Em seguida fez o juniorado em Santiago no Chile. Nesta fase é dada aos chamados “júnior” a oportunidade de integrar os valores espirituais que recebeu no noviciado com o início dos estudos acadêmicos. A duração média dessa fase é um ou dois anos e nele realizam-se os estudos de humanidades e a preparação para os estudos de filosofia (para os que serão padres) ou para outros cursos superiores (para os irmãos) (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

Graduou-se em filosofia em 1960, na Universidade Católica de Buenos Aires. Para os jesuítas esta etapa é um tempo de reflexão séria, de tomada de contato com as grandes correntes do pensamento da humanidade, de posicionamento crítico diante das correntes ideológicas e tempo para aprender a refletir com lógica e precisão, abrindo-se a outras formas de pensar e dando bases para um posicionamento maduro e crítico da realidade (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

Após esse período de formação, os integrantes da companhia de Jesus praticam o magistério. Essa etapa tem por objetivo contribuir para que o integrante alcance a maturidade religiosa e apostólica, integrando-se mais ao corpo apostólico da Companhia, conhecendo-se mais e testemunhando sua fé. Nessa etapa o jovem é convidado a exercitar o dom do ensinamento, da educação e do repasse de conhecimento. Normalmente esses períodos duram dois anos. Nos anos de 1964 e 1966, Bergoglio ensinou literatura e psicologia em Buenos Aires e na Província de Santa Fé (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

Continuando sua formação, Bergoglio, graduou-se em teologia no ano de 1969. Essa formação tem como fim uma preparação adequada, de modo que o jesuíta possa realizar um maior serviço à Igreja e à sociedade. A Companhia cuida para que os estudos teológicos sejam de qualidade, com o propósito do formando não apenas assimile as doutrinas cristãs já estabelecidas, mas também aprender a refletir teologicamente e contribuir para o diálogo

---

<sup>2</sup> Portal Jesuítas no Brasil, 2014.

cristão com a cultura atual. Sendo esta a etapa de preparação mais imediata para a ordenação presbiteral. O período desta formação depende de cada teologado, o curso pode durar três anos ou mais (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

No ano de 1969 recebeu a ordenação presbiteral que é um dos sete sacramentos do catolicismo que confere o poder e a graça de exercer funções e ministérios eclesiais. Já no ano de 1973 emitiu seus últimos votos na Companhia de Jesus, que é a incorporação definitiva de João Mario Bergoglio no corpo universal da Companhia de Jesus, assim deixou de ser um membro em formação e passou a ser um membro formado. Neste mesmo ano foi nomeado Mestre de Novícios, no Seminário de San Miguel na Argentina, ainda em 1973 foi eleito superior provincial dos jesuítas na Argentina (PIQUÉ, 2013).

Alguns anos mais tarde, especificadamente no ano de 1992, no mandato do Papa João Paulo II, Jorge Mario Bergoglio foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires. Já no ano de 1997, foi designado arcebispo coadjutor de Buenos Aires. E um ano mais tarde foi empossado ordinário para os fiéis de rito oriental sem ordinário próprio, na Argentina, ainda pelo mesmo papa. Sempre buscou em todos os seus cargos seguir a base e as virtudes dos jesuítas (PIQUÉ, 2013; ESCOBAR, 2013; HIMITIAN, 2013).

Francisco foi eleito em 13 de março de 2013 por um conclave que durou vinte e sete horas e quatro escrutínios. A missão do conclave era encontrar um substituído para o papa renunciante Bento XVI, que apresentasse um perfil diferenciado e oferecesse uma nova identidade para a Igreja Católica. Bergoglio iniciou seu pontificado com seu sucessor ainda vivo, sendo que ocorreu algo nunca visto na história da Igreja Católica, o encontro de dois papas (CAMAROTTI, 2013).

### **A Companhia de Jesus**

A ordem religiosa católica Companhia de Jesus, do qual os membros são conhecidos como jesuítas, foi fundada no ano de 1534, por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, criada com o objetivo de disseminar a fé católica pelo mundo, sob o comando de Iñigo López de Loyola, conhecido como Inácio de Loyola, que é o grande nome desta congregação (GUILLERMOU, 1977).

O líder deste grupo é de origem Romana, de família nobre, participou no combate na defesa de Pamplona contra os Franceses em 1521, onde durante o duelo de artilharia ficou

ferido na perna direita por uma bala de canhão, que com a potência do artefato fez ricochete em uma parede, que lhe lacerou a carne da perna esquerda. Após este acontecimento dedicou-se a leitura sobre religião e os santos, e juntamente com mais seis outros colegas, fundaram a Companhia de Jesus, com o objetivo de desenvolver trabalhos de acompanhamentos hospitalares e missionários em Jerusalém, ou para ir onde o papa os enviar. O condutor deste grupo também escreveu as constituições jesuítas, adotadas em 1554, que deram origem a uma organização rigidamente disciplinada, enfatizando a absoluta abnegação e a obediência ao Papa e aos superiores hierárquicos. Assim o mesmo levou uma vida simples e pobre até o fim, seguindo rigidamente os princípios desta congregação (GUILLERMOU, 1977).

Mesmo com uma representação muito baixa na Igreja Católica, os jesuítas conquistaram o lugar mais alto da mesma. Elemento este, muito trabalho pela mídia após a eleição de Francisco, pelo fato de serem poucos votantes jesuítas no conclave de 2013, os mesmos conseguiram sucesso na eleição papal. Para Himitian (2013), até recentemente os jesuítas contavam com dez cardeais, mas por razões de idade só dois deles tiveram participação ativa no último conclave: Julius Riyadi Darmaatmadja, da Indonésia, e Bergoglio. Atualmente os cardeais da Companhia de Jesus são nove, mas somaram um papa, o número 266 do Vaticano e o primeiro jesuíta da história.

Algo que chama a atenção com o atual Papa, é que os jesuítas são educados e preparados para não ser papa e sim propagadores da fé, conquistar o trono da Igreja Católica certamente não era objetivo de Jorge Mario Bergoglio e de toda congregação.

Papa Francisco é o primeiro pontífice jesuíta na história, quando eleito em 13 de março de 2013, escolheu o nome de Francisco, que definiria seu estilo de comando em frente aos católicos. Segundo Jorge Mario Bergoglio, o nome é uma referência a São Francisco de Assis, fazendo menção à sua simplicidade e dedicação aos pobres, características primárias. Assim, novamente é possível observar sua identidade pessoal, e que agora como Papa busca implementar para toda a Igreja Católica.

### **O Papa do povo, uma nova identidade cultural para a Igreja Católica**

Em um período de crise na Igreja Católica, em especial a grande perda diária de fiéis, chegando a 10 mil membros por dia, bem como outro elemento de destaque é a corrupção, sendo que a Igreja Católica possui seu próprio banco, o Banco do Espírito Santo, que vive de juros, especulações e entra em negociações financeiras, deixando de lado o real significado da

religião, até certo ponto se contradizendo com os princípios da Igreja. E certamente o que abala muito as estruturas desta instituição são os escândalos sexuais, mais especificadamente a pedofilia.

Com esses cenários tumultuados, é que o Papa Francisco assume a direção do catolicismo aos 76 anos (no dia em que foi eleito). Humildade e simplicidade, duas palavras que podem ser utilizadas para a definição correta do atual pontífice, e com essa identidade que o papa possui, ele busca levar e implantar a sua identidade para toda a Igreja Católica.

Conforme Escobar (2013), um papa tão próximo das pessoas se conectará bem com a sociedade pós-moderna, mais voltada para os sentimentos e as emoções do que para as ideias e os pensamentos. É curioso que alguém com traços culturais tão definidos possam ser ao mesmo tempo, tão universais no multiculturalismo.

Mesmo antes de assumir o maior cargo da igreja católica, Francisco sempre buscou ser um prorrogador de fé nas *villas* (nome dado às comunidades extremamente pobres da Argentina), sem luxos, caminhando pelas ruas, utilizando transporte público, sempre com o objetivo de ser uma “igreja pobre para os pobres”. Talvez este seja o motivo para ele não ser o favorito no conclave, sempre fez seu trabalho discreto. Quando eleito muitos dos seus conterrâneos argentinos não o conheciam justamente por isso. E assim quando conquistou o lugar de São Pedro, claramente se direcionou para os fiéis que seu mandato estaria voltado para este objetivo.

Seus primeiros gestos foram uma verdadeira mensagem à fé dos mais céticos. O primeiro convite à reconciliação. Recusou-se a usar a estola papal, descartou a cruz de ouro e, em vez dos sapatos vermelhos, calçou seus velhos companheiros de estrada, com que tinham percorrido as *villas* e centenas de procissões. Nada de limusine nem luxuosas residências papais. Depois de se tornar papa, viajou de ônibus branco com outros cardeais e até apareceu na Casa Santa Marta para pagar os gastos de sua estadia. Também ligou para seu jornalista em Buenos Aires para cancelar as encomendas. A mensagem era clara. Nada de contas pendentes. Adeus ao esbanjamento de “recursos suados do povo”, como disse uma vez a um presidente. (HIMITIAN, 2013: 229)

Em sua primeira quinta-feira Santa como pontífice, lavou os pés de doze jovens detentos em uma instituição para menores em Roma, e dias após isso, participou da missa celebrada pelos jardineiros do Vaticano, solicitando aos mesmos que não se distraíssem e muito menos que se sentissem constrangidos por estar presente. Grande carinho pelos bebês e crianças, sempre que possível abençoando e beijando os mesmos. Outro fato que inicialmente chamou muito a atenção em Roma, que em suas caminhadas (que faz da mesma maneira que

fazia na Argentina quando não era Papa) costuma benzer as pessoas com necessidades especiais que encontra pelo caminho. Como sempre gostou de estar com o povo, evita guardas de segurança, para poder sentir as pessoas (HIMITIAN, 2013; ESCOBAR, 2013).

Logo após Bergoglio ser eleito para o cargo supremo da Igreja Católica, a autora Evangelina Himitian, descreve em seu livro “A vida de Francisco, o papa do povo” (2013), que ele é um papa próximo. Um papa do povo. A revolução da fé já estava em movimento e se propagava de Roma a Buenos Aires e pelo mundo inteiro, levantando suas duas bandeiras: a austeridade e a humildade.

Para melhor entendimento sobre o assunto, o autor deste artigo buscou interlocução com conhecedores e estudiosos do tema, utilizando a metodologia de entrevista. Onde se questionou sobre qual a opinião sobre Papa Francisco. Como é o caso do Bispo diocesano de Toledo no Paraná, Dom João Carlos Seneme, que descreve o atual pontífice como:

O Papa Francisco tenta levar o perfil que ele levava na América Latina para a Europa e os demais continentes. Os principais elementos de destaque é o fato dele de ser jesuíta, que define sua identidade de pessoa humilde, simples e acima de tudo, alguém com dedicação e amor pelos pobres, com grande apreço pelos jovens. Outra atenção para Bergoglio, a sua feição em Buenos Aires e continua agora em Roma é de caminhar pelas ruas das periferias propagando a palavra de Deus. Isso demonstra que ele gosta de estar com o povo, fazendo assim uma aproximação das pessoas com a igreja, deixando um pouco de lado o conservadorismo extremo, assim trazendo um novo jeito de governar, com sua espontaneidade, fazendo cerimônias mais curtas e menos formais. Trabalha muito a questão de ser uma Igreja que olhe para os pobres, assim trazendo muitos fiéis de volta que foram perdidos com os desgastes da Igreja Católica. De tal modo deixando claramente sua identidade simples, de pessoa comum, que ganha o respeito e admiração não apenas dos católicos, mas de membros de outras religiões. (Entrevista concedida por Dom João Carlos Seneme ao autor do artigo, 2014)

Para o bispo diocesano, o Papa Francisco conseguindo levar sua identidade latina americana para o mundo, será um benefício muito grande, primeiramente pelas suas qualidades de humildade e simplicidade, mas em especial a dedicação pelos pobres, conseguir aproximar a igreja do povo. Outro elemento de destaque é sua aproximação com os jovens. Um exemplo claro foi a XXVIII Jornada Mundial da Juventude, que aconteceu de 23 a 28 de julho de 2013 no Rio de Janeiro, Brasil. Pela primeira vez, esse evento da Igreja Católica ocorreu em um país cuja língua portuguesa é majoritária, e pela segunda vez em um país da América do Sul, sendo o primeiro encontro foi na Argentina em 1987. Esse evento foi

realizado apenas quatro meses após a sua escolha pelo cargo mais soberano de catolicismo. O grande destaque do líder católico foi à aproximação dele com as pessoas. Também se destaca por conseguir aproximar os jovens da Igreja Católica. Todos estes elementos abordados anteriormente se dão graças a sua identidade, com destaque a humildade, simplicidade e aproximação com os pobres.

Outro fator abordado pelo Bispo Diocesano e que inclusive se tornou discussão em vários meios de comunicação, é que além de católicos, o Papa Francisco cativou e conquistou muitos membros de outras congregações religiosas, que confiam e acreditam na positividade do desempenho do líder para o mundo, utilizando como base a sua identidade peculiar e diferenciada dos outros que já ocuparam esse mesmo cargo.

Já o Frei Diogo Moreno Pereira, da Ordem dos Agostinianos Descalços da cidade de Toledo no Paraná, delinea a importância do Papa Francisco como:

Em meio a um mundo onde o ser humano é fabricado pela mídia, o Papa Francisco surge mais que uma pessoa com o dom da simplicidade, mas sim com um espírito de humanidade, pois as pessoas não estão querendo ser seres humanos, mas sim algo fabricado, assim o pontífice mostra que precisamos ser seres humanos. Sendo que ele aparece do campo mais difícil da igreja católica, que são os jesuítas, que não tem o objetivo de alcançar a cadeira de Papa. Bergoglio prefere uma igreja que se volte para as pessoas, e não uma que se auto referencie. Outro fator que descreve a identidade do atual papa é o motivo dele ser da América Latina, que vem com uma visão mais aberta dos que até então os pontífices Europeus, que possuem uma visão mais sistêmica e fechada. O papa não tem medo do presente (do mundo, da internet e entre outros). A humanidade esta em crise, a bondade, esta carente, sendo esse um dos problemas que o líder da igreja católica quer consertar. Mais que simpatia, Francisco possui empatia, e com isso ele prioriza as periferias existenciais. Por fim, será uma mudança altamente positiva para a igreja, mas essa será lenta. (Entrevista concedida pelo Frei Diogo Moreno Pereira ao autor do artigo, 2014)

Nesta afirmação do Frei, percebe-se que por mais que o Papa seja conservador, ele tem uma visão mais aberta, como exemplo pode ser utilizado a posição rígida quanto ao aborto e a união de pessoas do mesmo sexo. Mas por outro lado, demonstra-se tolerante quanto ao uso de métodos contraceptivos. De acordo com o mesmo, o principal destaque de identidade do pontífice, é a humildade, a simplicidade e a empatia, sempre tentando compreender os sentimentos e emoções dos outros, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que os outros indivíduos sentem. Sendo que sua principal preocupação está ligada às periferias existenciais, como por exemplo, os pobres, os deficientes, os nascituros e os doentes, os migrantes e os refugiados, os idosos e os jovens sem emprego, as periferias do



mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e desprezo relativamente à religião, do pensamento, de toda a miséria, do advento do individualismo exacerbado, não são mais somente periferias físicas e geográficas.

Outro aspecto de mudança que se apresenta, mesmo que de fato o Papa Francisco seja considerado conservador, ele deixa um pouco de lado alguns assuntos tradicionalistas da Igreja Católica, como no caso às mães solteiras, em uma de suas cerimônias criticou padres que se recusam a batizar filhos dessas mulheres, utilizando a seguinte frase: “somos muitas vezes controladores da fé, em vez de facilitadores”. Em outra cerimônia, critica os comandantes da Igreja, afirmando que muitas pessoas se afastam da mesma pelo fato de encontram “fiscais da fé” e não uma Igreja de portas abertas para receber e acolher as pessoas.

De acordo com Escobar (2013), na globalização nunca se deve perder a noção de identidade, ainda que a miscigenação também tenha fatores positivos. Não nos esqueçamos de que Francisco tem fortes raízes europeias (pais italianos), mas foi criado numa cultura com uma mescla de muitos lugares.

Para o doutor em história e estudioso sobre a Igreja Católica o professor Nilceu Jacob Deitos, descreve o papa da seguinte forma:

Principal característica de destaque do Papa Francisco, e elemento de identidade cultural que o mesmo utiliza e utilizará em seu papado, é o fato do mesmo ser um membro da Companhia de Jesus (Jesuítas), estes possuem uma alta formação para as ações missionárias, que nesta congregação tem uma tradição de anos. Outro item a ser observado nele é a maneira que ele se apresentou para o mundo no dia em que foi eleito pontífice, assim já deixando claro como seria o perfil que ele pretende implantar para a Igreja Católica. Após sua anúncio como papa, ele se ajoelhou e pediu ao povo que reze sobre ele, não pediu que orassem por ele, mas sim sobre ele, assim, deixando transparecer um ato de humildade e de submissão. Com isso o mesmo deixou transparecer que a partir daquele momento a Igreja Católica começaria um processo de reforma e reestruturação. Deixando sempre claro que a igreja precisa ir ao povo e não ser o contrário. O seu governo será de um pastoreio, trazendo fiéis de volta e conquistando novos, e para os atuais membros fazer com que tenham o gosto de ser católicos. (Entrevista concedida pelo professor Dr. Nilceu Jacob Deitos ao autor do artigo, 2014)

Francisco sempre busca passar ao povo sua imagem de homem simples, demonstrando ainda que mesmo ocupando o cargo mais alto da Igreja Católica, ele não se superioriza perante as outras pessoas, pelo contrário, sempre se colocando no mesmo nível. Busca com isso a reforma e reestruturação da Igreja, objetivando reconquistar os fiéis, e

principalmente trazer de volta membros perdidos, fazendo justamente o perfil de pastoreio. Talvez esse seja o maior desafio de Jorge Mario Bergoglio, a reforma e reestruturação de Igreja, desenvolvendo nas pessoas novamente a credibilidade do catolicismo.

De acordo com Himitian (2013), depois de vários anos de pronunciada queda, tanto no número de fiéis, quanto no número de vocações, no nível espiritual e até moral, a liderança Francisco fará com que muitos católicos que estavam decepcionados com a Igreja tenham uma nova abertura.

Os desafios para o Papa Francisco são muitos, que exigem um posicionamento claro do pontífice, principalmente em assuntos que estão em alta na mídia, como o casamento de pessoas do mesmo sexo, onde já apontou ser contrário a este assunto, pois prioriza a família. Outro fator é o aborto, deixando claro que é intransigente, inclusive foi um dos principais insistentes no conceito de feto como pessoa. Por outro lado, já deixou transparecer que é favorável ao batizado de filhos de mães solteiras, bem como a utilização de métodos contraceptivos. Mesmo se posicionado contra ou a favor de alguns fatores polêmicos da Igreja Católica, Francisco ainda não se posicionou sobre o assunto da comunhão para pessoas que foram separadas e que novamente se casaram.

Papa Francisco é uma luz para a população católica mundial. Não deixar cair no esquecimento temas e mudanças que são questionados há anos pelos fiéis. De acordo com Escobar (2013), a estrutura da Igreja Católica continua a mesma há séculos, e as tentativas de transformação do Concílio do Vaticano II ficaram pela metade. É verdade que houve mudanças na liturgia, que se aumentou um pouco mais o papel dos leigos e que o próprio sistema político e econômico da Igreja foi modernizado em alguns aspectos, mas a maioria das reformas caiu no esquecimento.

A Igreja precisa de um líder com um coração pastoral e próximo das pessoas, alguém que não aceite injustiça, que tenha uma abertura humilde e prática para as outras igrejas cristãs, que tenha diálogo com outras religiões, necessariamente que esse condutor seja despojado, humilde, simples e que tenha acima de tudo respaldo moral, com compromisso com a evangelização centrada em Jesus Cristo e não meramente uma igreja física, atributos estes de extrema peculiaridade da identidade de Jorge Mario Bergoglio (HIMITIAN, 2013).

Com base nas referências bibliográficas e entrevistas coletadas com o Bispo diocesano de Toledo no Paraná, Dom João Carlos Seneme, e com o Frei Diogo Moreno Pereira, da Ordem dos Agostinianos Descalços da cidade de Toledo no Paraná e o doutor em

história e estudioso sobre a Igreja Católica o professor Nilceu Jacob Deitos, conclui-se que o Papa Francisco surge em um período em que a Igreja Católica mais necessitava de um líder com uma identidade nova, sendo o caso do Papa Francisco, que trás consigo uma identidade humilde e simples, e que está na base do o catolicismo: uma Igreja humilde e simples, focada para os pobres. Além disso, o pontífice quebra os paradigmas impostos há anos, deixando de lado certos vícios culturais da Igreja e com isso reconquistando fiéis. Insiste em uma Igreja para o povo, sendo tolerante para alguns assuntos polêmicos, mesmo que para isso aconteça uma grande reforma. Jorge Mario Bergoglio trás um estilo próprio, uma identidade particular, de humildade e simplicidade, focada para os pobres, e que objetiva propagar para toda a Igreja Católica, desta maneira, os católicos podem afirmar: *Habemus Papam*.

### Referências

- BERGOGLIO, J; SKORKA, A: **Sobre o céu e a terra**. São Paulo: Schwarcz S. A., 2013.
- CAMAROTTI, G: **Segredos do conclave**. São Paulo: Geração, 2013.
- ESCOBAR, M: **Francisco: o papa da simplicidade**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- GUILLERMOU, A: **Os jesuítas**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- HIMITIAN, E: **A vida de Francisco: o papa do povo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MELGAR, L, T: **Histórias dos papas: santidade e poder**. Madrid: Estampa, 2004.
- Pew Research Center. Disponível em: < <http://www.pewresearch.org/>>. Acesso em: 23 de junho de 2014.
- Portal Jesuítas Brasil – IHS**. Institucional. Brasília. Disponível em: <<http://www.jesuitasbrasil.com/jst/principal/lo12C.php?pag=;portaljesuitas;paginas;indexInstitucional&cod=277&secao=277>>. Acesso em: 23 de junho de 2014.
- QUIDORT, J: **Sobre o poder régio e papal**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ROMANO, E: **Sobre o poder eclesiástico**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- SOUZA, J, A, D: **Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho, sobre o anuncio do evangelho no mundo atual**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

## **Diálogo entre Tocqueville e Weber em torno da democracia, da racionalidade e da religião nas origens dos EUA**

Monalisa Lima Torres<sup>1</sup>

Mônica Dias Martins<sup>2</sup>

Hermano Machado Lima<sup>3</sup>

**Resumo:** A partir da obra *Democracia na América*, de Alexis de Tocqueville (2005), e dos estudos de Max Weber (2004) acerca das religiões, este trabalho analisa a inter-relação entre a ética do puritanismo, a racionalidade, as ideias de liberdade e igualdade. O que nos interessa é verificar sua importância para o estabelecimento do capitalismo ocidental moderno bem como para a democracia liberal nos Estados Unidos.

**Palavras-chave:** Racionalidade; Religião; Democracia liberal.

### **Dialogue between Tocqueville and Weber about democracy, rationality and religion in US origins**

**Abstract:** Using Alexis de Tocqueville's book *Democracy in America* (2005) and Max Weber's studies on religion (2004), this paper analyzes the interrelationship between ethics of Puritanism, rationality and the ideas of freedom and equality. What interests us is to check the importance of these concepts to the establishment of modern Western capitalism as for the liberal democracy in the United States.

**Keywords:** Rationality; Religion; liberal democracy.

#### **Introdução**

Após a Revolução Francesa, em 1789, os ideais burgueses de liberdade e igualdade foram disseminados por toda a Europa. Entretanto, as várias tentativas de implantação de regimes democráticos, nos mais diversos Estados, através de “revoluções burguesas” não lograram êxito. Isso ocorreu porque após as revoluções e a conquista dos direitos de igualdade entre os cidadãos houve, segundo a análise feita por Tocqueville (1998), a ascensão de governos monárquicos/autoritários. A própria França constitui um bom exemplo: ícone dos ideais burgueses, mesmo depois de implantar a Declaração dos Direitos do Homem e do

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>3</sup> Professor da Universidade Estadual do Ceará.

Cidadão, viveu o período conhecido como “O Terror”<sup>4</sup>, seguido pelo governo de Napoleão Bonaparte. Dentro desta perspectiva, como foi possível o estabelecimento da democracia nos EUA?

Na perspectiva tocquevilleana, conceitos como igualdade e liberdade foram fundamentais para o nascimento de uma sociedade impessoal. Ou seja, “as relações tanto políticas, econômicas, religiosas como sociais não são mais patrimoniais, baseadas na tradição ou nos vínculos pessoais e/ou de intimidade, típicas do período medieval e/ou monárquico” (MALHEIROS, TORRES e CAMERINO, 2011: 122). Essa nova sociedade que emerge traz como características o individualismo e a racionalidade, permeando os mais diversos aspectos da vida social estadunidense, inclusive a religiosa.

### **Metodologia**

Partido do pressuposto de que a melhor maneira de se entender um fenômeno é não dissociá-lo das causas que os influenciam e são influenciadas por ele, este artigo analisa a origem da democracia liberal nos Estados Unidos e sua relação com a religião e a questão da racionalidade. Para tanto, se procurou, como a própria metodologia weberiana ensina, compreender o fenômeno democrático a partir das peculiaridades da sociedade da qual faz parte, estando essas peculiaridades historicamente situadas. Nesse sentido, fez-se uso dos conceitos weberianos de tipo-ideal que, como um instrumento de investigação, permite ao pesquisador elaborar modelos conceituais sobre determinado fenômeno no intuito de melhor dominá-lo intelectual e cientificamente. Assim, a construção de tipo ideal consiste em apontar os aspectos mais gerais e mais puros do objeto em estudo, ou seja, é a valorização do que lhe há de mais típico.

(...) o tipo ideal apresenta o desenho racional, isto é, a estrutura lógica independente das flutuações do real. Em suma, ele consiste em uma representação ideal e conseqüente de uma totalidade histórica singular, obtida por meio de racionalização utópica e de acentuação unilateral dos traços característicos e originais, para dar uma significação coerente e rigorosa ao que aparece como confuso e caótico em nossa experiência puramente experimental. (FREUND, 2003: 50)

Lembrando que os tipos-ideais são categorias puramente classificatórias e servem de meio para a aproximação com o objeto e, uma vez que são construções teóricas, funcionam

---

<sup>4</sup> O “Reino do Terror” (ou “O Terror”) foi um período da Revolução Francesa, compreendido entre 1793 e 1794, no qual as garantias civis foram suspensas e os opositores foram perseguidos para assegurar a manutenção do governo revolucionário. O apoio da população foi conquistado com a promulgação de leis de assistência e de preservação dos direitos humanos estabelecidos pela Revolução (liberdade, igualdade e fraternidade).

apenas como ferramenta de investigação da realidade, não significando a própria realidade.

Desse modo, no intuito de melhor apreender o fenômeno democrático e suas variantes nos Estados Unidos, tomou-se como categoria analítica os tipos-ideais (pensados por Tocqueville e Weber) de democracia bem como do indivíduo que construiu a sociedade estadunidense.

No que se refere ao campo de investigação, foram utilizadas, principalmente, as obras de Aléxis de Tocqueville (*Democracia na América*, 2005) e de Max Weber (*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, 2004). Os autores selecionaram os conceitos que consideraram essenciais para a apreensão da realidade observada. Assim, a abordagem e a interpretação utilizadas aqui são apenas uma dentre outras tantas possibilidades.

### **A gênese da democracia na América**

Como foi possível a democracia na América? Como se caracteriza essa democracia? Qual sua influência no caráter nacional do povo que se autodesignou americano? Por que a democracia nos Estados Unidos assumiu aspectos liberais? Quais suas possíveis consequências? É na busca de responder a esses questionamentos que Aléxis de Tocqueville escreveu sua mais conhecida obra: *Democracia na América*. Nela, Tocqueville se debruça sobre as bases que sustentam a democracia, a igualdade e a liberdade, e a partir disso tece suas críticas, observa as peculiaridades do regime americano e percebe como cada uma dessas bases se reflete nos mais diversos aspectos desse povo.

O livro foi publicado em dois tomos, o primeiro em 1835 e o segundo em 1840. Nele o autor analisa a influência dos aspectos democráticos, aponta possíveis “males da igualdade” (entendendo a igualdade extrema com um risco à liberdade) e a importância de um regime democrático, baseado no equilíbrio entre igualdade e liberdade (todos são livres porque são iguais e são iguais porque são livres).

A democracia, para Tocqueville, representa mais um estado da sociedade do que um modo de governo. Para atingi-la, é necessário: a) a extinção da aristocracia e o nivelamento das condições (o que não significa propriamente a igualdade econômica); b) a possibilidade de igual participação nos assuntos do Estado; c) a proteção das leis (todos são iguais perante a lei); d) a soberania do povo; e) a participação dos cidadãos na gestão dos assuntos públicos e f) a redução das desigualdades econômicas (não sua extinção, o que considera impossível).

Neste sentido, o ideal democrático tocquevilleano seria o equilíbrio em uma sociedade na qual todos os indivíduos são iguais e livres. A liberdade, considerada mais

importante que a igualdade, é caracterizada pela segurança de cada um sob a proteção das leis. No que tange à igualdade, o autor aponta o risco decorrente de uma possível “ditadura da maioria”, reflexo da extrema igualdade em que a maioria (formando, então, uma aristocracia da maioria) suplantaria a vontade da minoria (que ficaria desprotegida das leis). A mais temível tendência dessa extrema igualdade nas sociedades democráticas seria, assim, a criação de um regime servil, no qual homens apáticos e individualistas estariam sujeitos totalmente às decisões do Estado no que diz respeito a aspectos da convivência social.

A partir da perspectiva toquevilleana da influência democrática no “intelecto nos Estados Unidos”, observa-se o que o teórico denomina de “método filosófico dos americanos”. Este diz respeito não só ao modo de se ver e perceber o mundo como ao método científico propriamente dito. Assim, para os americanos, seu método filosófico é extremamente racional, sendo que foge a qualquer tipo de:

(...) máximas de família, opiniões de classe, e, em certo grau, de preconceitos nacionais (...) e procura[am] por si mesmos, e somente em si mesmos, a razão das coisas; tende[m] para os resultados sem escravizar os meios, e visa[m] a substância através da forma. (...) cada americano apela para o esforço individual de seu próprio entendimento. (TOCQUEVILLE, 1969: 167)

Esse método filosófico é fruto do sentimento de igualdade fortemente impregnado nos estadunidenses, já que, ao se sentirem iguais, percebem que possuem igual capacidade de tirarem conclusões e “construírem” suas próprias verdades (forte tendência ao individualismo). O que os torna extremamente racionais em relação à ciência e à ideia que formam sobre sua realidade e sobre o mundo.

Tal ideia se reflete na própria religião, que acaba por impor limites, passando a não interferir em assuntos alheios aos próprios fenômenos religiosos. O protestantismo, que se instituiu nos Estados Unidos desde a colonização, permitiu o desenvolvimento racional do cidadão e, inclusive, admitiu o estabelecimento de um Estado laico, diferentemente de outras nações democráticas burguesas que conquistaram a separação entre Igreja e Estado a duras penas.

Observa-se, então, que os Estados Unidos, como nação recém-fundada, instauram de imediato o Estado laico e a liberdade religiosa. Entretanto, segundo Anthony Giddens, “a liberdade de expressão religiosa foi legalizada pela instituição americana muito antes de existir tolerância religiosa em qualquer outra sociedade ocidental” (GIDDENS, 2004: 553). E como a democracia sobreviveria sem liberdade religiosa?

Como todo homem é capaz de produzir conhecimento/saber pelo seu próprio esforço intelectual e, com isso, resolver problemas cotidianos, acaba por acreditar que pode elaborar as verdades de que necessita. Mas, para Tocqueville, é inviável qualquer um produzir todas essas verdades, o que acaba influenciando parte da minoria a adotar as ideias aceitas pela maioria. É por isso que o autor alerta para o risco da igualdade suplantar a liberdade, na medida em que a vontade geral se impõe à vontade individual e transforma esse homem, antes livre, em servil.

Recorrendo a Tocqueville, no que tange o fenômeno religioso e a relação que mantém com a democracia, mais particularmente com o sentimento de igualdade, percebe-se que este último está associado com o amor, cada vez mais presente e forte, pelo bem-estar. Em contrapartida, a religião tem como maior preocupação a purificação da alma, a restrição do gosto excessivo pelo bem-estar (luxúria). O que leva a concluir que, em nações democráticas, toda religião que se impõe à busca pelo bem-estar acaba por se destruir (Tocqueville, 2004).

O gosto pelo bem-estar constitui como que o traço saliente e indelével das eras democráticas. É permitido crer que uma religião que empreendesse destruir essa paixão-mãe acabaria sendo destruída por ela (...). O afazer principal das religiões é purificar, regrar e restringir o gosto demasiado ardente e demasiado exclusivo pelo bem-estar que os homens sentem nos tempos de igualdade; mas creio que elas estariam equivocadas se tentassem domá-lo inteiramente e destruí-lo. (TOCQUEVILLE, 2004: 30)

Entretanto, os Estados Unidos, como uma nação de raízes protestantes (maioria da população protestante – puritana), trazem em sua ética a vocação para o trabalho como um uma dádiva divina, e por isso, um dever a se cumprir com dedicação. Nesse sentido, a valorização da profissão como o cumprimento de um dever (fruto da Reforma), mesmo que no mundo profano, carrega a ideia de auto-realização moral do indivíduo. Assim, acredita que a melhor forma de dar glórias e agradar a Deus seria através da entrega e dedicação com que assume sua “vocação profissional”. Até mesmo o princípio de amor ao próximo toma parte no sentido de vocação, na medida em que o zelo com que pratica suas atividades profissionais permitirá essa ajuda ao próximo – exteriorizando/externalizando o amor ao próximo. Tocqueville lembra que “o homem não pode se curar pelo gosto pela riqueza; mas pode ser persuadido a enriquecer apenas por meios honestos” (Op. Cit.: 179). O que nos remete à tese defendida por Max Weber no que se refere à ética protestante: o trabalho, para o protestante, não é visto como um meio de se atingir riqueza (a grande crítica feita pelo catolicismo). A



riqueza se apresenta como uma consequência, não um fim.

Isso nos leva a entender o que Tocqueville percebe como a influência da democracia na religião. À medida que a democracia fomenta nos homens sentimentos de igualdade faz com que sua relação com o mundo seja mediada pela racionalidade. Dogmas, explicações baseadas no sobrenatural não são mais aceitas e a própria religião acaba por impor limites e admitir, em certo grau, a racionalidade. Em sua ética, passa a reconhecer a conquista do bem-estar (e a riqueza) como uma dádiva de Deus aos que cumprem seu dever e sua vocação profissional com dedicação e merecimento.

A racionalidade inerente à democracia americana reflete, também, o que Tocqueville chama de “preferência às ciências práticas em detrimento das ciências teóricas”. Os americanos, a partir da ideia de igualdade, não se submetem facilmente a outrem e, pelo contrário, buscam sempre descobrir o ponto fraco da teoria de seus vizinhos. Por isso, se ocupam mais em alcançar os aspectos principais do assunto que os preocupa e dar-lhe respostas. Daí sua tendência a se prenderem às ciências práticas. Fazem uso das ciências teóricas quando são necessárias ao entendimento e à aplicação das ciências práticas. Nas palavras de Tocqueville:

(...) quanto mais democrática, esclarecida e livre for uma nação, maior será o número dos promotores interessados no gênio científico, e mais as descobertas imediatamente aplicadas à indústria produtiva conferirão lucros, fama e até poder aos seus autores. (2004: 194)

Ainda em relação à igualdade, Tocqueville observa o “amor mais ardente e duradouro à igualdade do que pela liberdade”. No seu entendimento, numa democracia, não pode haver igualdade sem liberdade ou o inverso. E, por maior que seja o amor pela igualdade, é na liberdade que devem se apegar. A igualdade pode se estabelecer no âmbito civil, mas não aparecer no político. O que equivale dizer que, por mais que todos os cidadãos gozem dos mesmos direitos e possam exercer a mesma profissão, não participam igualmente da vida política do Estado. Ou ainda, a igualdade pode se mostrar no campo da política, entretanto não haver liberdade política, ou seja, todos são iguais na esfera política, entretanto se submetem a um soberano que decide tudo dentro do Estado.

No que diz respeito ao amor que a igualdade suscita nos homens Tocqueville explica que:

A liberdade apareceu no mundo em épocas diferentes e sob várias formas;

nunca esteve ligada exclusivamente a qualquer condição social, e não está limitada às democracias. A liberdade não pode, portanto, formar a característica distinta das épocas democráticas. O fato peculiar e preponderante que caracteriza essas épocas é a igualdade de condições; a paixão dominante do homem nesses períodos é o amor dessa igualdade. Não se pergunta qual o encanto singular que o homem das épocas democráticas acha em ser igual, ou que razões especiais podem ter para agarrar tão tenazmente à igualdade mais do que às outras vantagens que a sociedade lhe proporciona; a igualdade é a característica distinta da época em que ele vive; isso, por si mesmo, é suficiente para explicar que a prefira a todo o resto. (2004: 220)

Crê-se que as comunidades democráticas têm um gosto natural pela liberdade: deixadas a si próprias, procuram-na, acarinham-na e vêem qualquer privação da mesma com pesar. Mas sua paixão pela igualdade é ardente, insaciável, incessante, invencível; eles exigem igualdade na liberdade, e se não a podem obter, exigem ainda igualdade na escravidão. Podem suportar pobreza, servidão, barbarismo, mas não suportam a aristocracia. (2004 : 222)

Dessa forma, o apego à igualdade (em detrimento da liberdade) se justifica não apenas pelo preço caro que pagou para conquistá-la como pela sensação mais plausível e duradoura inerente a ela. Além disso, os males advindos de uma extrema liberdade logo são sentidos por todos, enquanto que os de uma extrema igualdade vão se mostrando aos poucos, sutilmente.

Daí sua preocupação com a extrema igualdade, o que pode levar os homens ao individualismo. Na sua perspectiva, em períodos de igualdade, todos os homens buscam, pelo esforço próprio de seu intelecto, as respostas em si. O que faz com que acabem se fechando em seu próprio mundo, se isolando do resto da sociedade e deixando a cargo do Estado (ou da maioria que não se afastou do convívio de seus semelhantes) a responsabilidade de decidir sobre os assuntos relativos à vida pública. Assim, corre-se o risco de levar a sociedade inteira ao despotismo (por parte do Estado) ou à tirania da maioria.

Este era o grande perigo que Tocqueville enxergava na democracia. Por isso ficou impressionado com as artimanhas estadunidenses para fugir dos males da extrema igualdade – ou do individualismo. Através de instituições livres, as famosas associações de cidadãos, se reuniam para defender seus interesses.

Cada homem, em uma democracia, quando confrontado a outro é completamente igual. Mas comparado a todos os outros, seus compatriotas, torna-se insignificante, sem força, frágil e incapaz de defender sozinho seus interesses perante a maioria. Assim, ao defender um interesse particular percebe que estando unido a outros com interesses semelhantes se

torna mais forte. Nessa associação acaba por transformar um interesse individual em público. Por isso, o grande número de associações dentro do país, sendo elas das mais diversas, desde aquelas que defendem interesses civis a interesses públicos. Além disso, as associações permitem que o povo participe e opine nos negócios do Estado.

Daí resulta que os jornais se tornam tão importantes nos Estados Unidos, não só porque representam e protegem a liberdade, mas porque combatem os males da igualdade extrema. É através deles que os cidadãos dos mais longínquos lugares, dos mais diversos interesses se comunicam. Numa nação de tão grandes proporções os jornais exercem papel fundamental já que, através deles, tornam seus interesses públicos, o que permite contatar outros que possuem o mesmo interesse e assim formar coalizões.

Na América, Tocqueville observou que há uma tendência cada vez maior para a dedicação ao comércio e/ou à indústria. Isso é fruto da busca sempre crescente pelo bem-estar material como pela riqueza e progresso. Os próprios fazendeiros combinam suas atividades agrícolas com atividades comerciais. Todos querem desfrutar desse progresso, desenvolvimento e riqueza, o que os move num mesmo caminho.

Em se tratando do desenvolvimento industrial americano, Tocqueville aponta o risco de formação de uma aristocracia. Entretanto, essa aristocracia não tem relação alguma com outras aristocracias territoriais europeias, estando diretamente ligada às atividades industriais e/ou manufatureiras.

Traçando um paralelo entre a aristocracia territorial europeia e a que emerge na América, observa que as primeiras mantinham uma relação de “compadrio” com seu servo. Sempre que o servo passava por alguma dificuldade, o senhor tinha por dever (ou por tradição) socorrê-lo. O que não acontece nas segundas:

(...) a aristocracia manufatureira de nossa época, primeiro empobrece e avilta o homem que a serve e depois o abandona à ajuda da caridade pública. (...) Entre empregado e patrão há relações frequentes, mas não há uma verdadeira associação. (TOCQUEVILLE, 2004: 253)

Tocqueville reconhece o perigo dessa nova aristocracia, mas não acredita que ela se torne obstáculo ou mesmo possa destruir a democracia. Entretanto alerta para que “os amigos da democracia” mantenham “(...) seus olhos ansiosamente fixos nessa direção, porque se alguma vez a desigualdade permanente de condições e a aristocracia voltarem a penetrar no mundo, pode-se prever que será esse o portão por onde entrarão” (Idem, p. 253).

## **Diálogo entre Tocqueville e Weber em torno da democracia, da racionalidade e da religião nas origens dos EUA**

Diante do que foi exposto acima, como é possível a ética puritana americana e a racionalidade influenciarem a democracia liberal no país? Partindo da ótica weberiana a respeito das religiões protestantes, principalmente aquelas derivadas do Anglicanismo, observa-se sua preocupação no que se refere à independência do indivíduo em relação a sua própria salvação<sup>5</sup>, que, agora, não depende de um pregador, mas apenas do próprio fiel. Em países de populações originariamente protestantes, como os Estados Unidos, por exemplo, trazem, em seu caráter nacional, esses aspectos do individualismo de maneira bastante exacerbada, como bem foram analisadas por Tocqueville.

Além disso, Weber atenta para o que chamou de desencantamento do mundo, tendo em vista que a racionalidade, inerente ao pensamento científico da época, adentra na própria religião protestante. O que pode ser ilustrado – em relação à ética puritana – pela racionalização de suas práticas religiosas e pelo repúdio a outras práticas de caráter mágico-sacramentais. O que significa dizer, por exemplo, que a salvação e perdão do fiel não serão mais atingidos por intermédio de rituais mágicos e/ou no outro mundo. A salvação é conquistada nesse mundo, através do trabalho – observa-se aqui a racionalização intramundana da salvação.

(...) o puritanismo renunciou ao universalismo do amor e rotinizou racionalmente todo o trabalho neste mundo, como sendo um serviço à vontade de Deus e uma comprovação do estado de graça. A vontade de Deus, em sentido último, era incompreensível, e não obstante era a única vontade positiva que podia ser conhecida. Sob esse aspecto, aceitou a rotinização do cosmo econômico, que, como a totalidade do mundo desvalorizou como coisa da criatura e imperfeita. Esse estado de coisa parecia ordenado por Deus, e como material e dado para o cumprimento do dever de cada qual. (WEBER, 1982: 381)

Assim, o racionalismo puritano funcionava como um instrumento por meio do qual se dominava racionalmente o mundo.

E como isso se reflete na democracia? Para o estabelecimento do capitalismo ocidental moderno é indispensável um regime político que atenda suas necessidades. Tal

---

<sup>5</sup> Aqui, cabe destacar Tocqueville quando reflete sobre a influência da igualdade, aspecto da democracia burguesa, na religião: o sentimento de igualdade permite aos fiéis buscarem a salvação de suas almas por esforços próprios, não recorrendo a interseção de santos e desacreditando em fenômenos religiosos de cunho mágico-sacramental. Tal “independência e autonomia” do indivíduo são estendidas as mais diversas áreas da vida social. A própria relação interpessoal entre esses indivíduos perde o caráter pessoal dando lugar a relações de cunho mais impessoais.

regime, no caso, o democrático, exige do Estado uma postura racional e impessoal perante os seus cidadãos e o mundo. A religião protestante também absorveu esses aspectos de impessoalidade no que se refere às relações entre seus fiéis e a sociedade. Nas palavras do sociólogo:

(...) o puritanismo imprimia a tudo um cunho objetivo, dissolvia tudo em ‘empresas’ racionais e relações ‘comerciais’ puramente objetivas, e punha o direito e o acordo no lugar da força da tradição, do costume local e do favor pessoal e concreto do funcionário. (WEBER, 2003: 156)

No que se refere à relação entre a ascese protestante e o capitalismo, Weber retoma a ideia de que a riqueza, buscada como fim último, é abolida pelas religiões. Entretanto, quando diz respeito a uma vida ascética, exigida como meio de salvação da alma, glorificação de Deus, purificação, etc., observa-se a importância do trabalho duro; Já que atua como um “remédio contra as tentações do mundo”. Segundo Weber, “a adoção dessa nova perspectiva trazida pelo protestantismo permite aos empresários reverter suas posições de baixo prestígio social e se transformarem nos heróis da nova sociedade que se instala” (QUINTEIRO, BARBOSA e OLIVEIRA, 2003: 135).

A busca da riqueza para a satisfação do bem-estar é algo permitido e moralmente lícito, pois parte do cumprimento de uma vocação dada por Deus. Enquanto que a riqueza como pecado é aquela com o fim do gozo, da luxúria, da preguiça, do ócio.

Nota-se a questão da racionalidade perpassando aspectos das religiões protestantes e lhes dando rumo e influenciando a emergência do capitalismo moderno ocidental. A religião é racional (se afasta dos aspectos mágicos, supersticiosos), o trabalho deve ser exercido de maneira racional (ter uma utilidade social e religiosa) assim como o lazer (descontrair, de forma organizada, moralmente correta e com a finalidade de repor as forças do homem).

Na bíblia, segundo o evangelista Paulo (Weber, 2004), percebe-se claramente a preocupação com o trabalho. A diferença é que, no período medieval, o trabalho funcionava como instrumento de sobrevivência – trabalhar o necessário para a sobrevivência da espécie (a regra não se aplica ao indivíduo, mas à espécie) – enquanto que na moral protestante, o trabalho é visto como um caminho para o indivíduo cumprir a vontade de Deus. A salvação é uma busca individual e “(...) cada um de nós está só diante de Deus. O sentido da comunidade com o próximo e o dever para com os outros enfraquece. O trabalho racional, regular, constante, acaba por ser interpretado como a obediência de um mandamento de Deus” (ARON, 2008: 512).

É importante lembrar que a própria divisão do trabalho e especialização, por parte do indivíduo, é uma forma de agradar a Deus, tendo em vista o maior benefício que uma profissão pode provocar à coletividade (ou, ao número maior de pessoas). Até a mudança de profissão, exceto no luteranismo, pode ser considerado como algo positivo, quando essa escolha se mostra mais útil para a coletividade (e, principalmente, para Deus). O próprio lucro, no exercício do trabalho, é um aspecto importante. Pois, se Deus indicou um caminho, uma profissão, é porque tem uma intenção. Isso explica a exigência no que se refere à dedicação do homem em relação ao seu trabalho.

Nesse sentido, para o puritano:

(...) trabalhar racionalmente em vista do lucro e não gastar o lucro é por excelência um comportamento necessário ao desenvolvimento do capitalismo, porque é sinônimo de um reinvestimento contínuo do lucro não consumido. É aqui que surge com máxima clareza a afinidade espiritual entre uma atitude protestante e a atitude capitalista. O capitalismo supõe a organização racional do trabalho, implica que a maior parte do lucro não seja consumida, mas poupada a fim de permitir o desenvolvimento dos meios de produção. (ARON, 2008: 513)

Dentro do que se convencionou chamar de igualdade [o que Tocqueville interpretou como nivelamento de condições entre os homens] houve o surgimento de um processo de racionalização nunca antes experimentado. Essa racionalização atravessou os mais diversos aspectos da sociedade chegando à religião, onde fincou bases e financiou a Reforma Protestante.

(...) toda a ética tipicamente burguesa foi desde o princípio comum a todas as seitas e conventículos ascéticos, sendo idêntica à ética praticada pelas seitas na América até o momento presente [durante o período investigado pelo sociólogo alemão]. Os metodistas, por exemplo, proibiam: 1) conversar enquanto compravam ('regatear'); 2) negociar as mercadorias antes de pagos os tributos aduaneiros sobre elas; 3) cobrar juros mais altos do que o permitiam a lei do país; 4) 'amontoar tesouros na terra' (significando isso a transformação do capital de investimento em 'riqueza consolidada'); 5) tomar de empréstimo sem ter certeza da capacidade de pagar a dívida e 6) luxos de todos os tipos. (WEBER, 1982: 359-360)

As religiões que nasceram da Reforma adotaram a racionalidade como mecanismo de interpretação e atuação no mundo e acabaram por favorecer o estabelecimento de uma nova ordem tanto social, quanto econômica e política.

### **Considerações Finais**

É interessante reforçar que a perspectiva apresentada aqui foi apenas um recorte dentre as possibilidades apresentadas aos autores do trabalho. E que esta investigação diz respeito à relação entre religião e racionalidade (fruto dos ideais burgueses de igualdade e liberdade) no que se refere à formação da democracia nos Estados Unidos.

Como foi observado, a influência dos ideais de igualdade e liberdade foi muito forte no que tange a ética protestante. O que, por sua vez, patrocinou o desenvolvimento do capitalismo e a emergência da democracia como forma de governo. Além disso, o tipo ideal de puritano considerado nesse trabalho (Tocqueville e Weber), leva em conta o caráter de sua utopia racional, ética e motivações psicológicas – que tem origem em suas crenças e práticas religiosas. Tais aspectos se mostraram de grande importância para a formação não só do “espírito do capitalismo” como da democracia norte-americana.

E para concluir, cabe lembrar Weber quando chama a atenção para a diferença entre os elementos que colaboraram para o surgimento do fenômeno econômico nos Estados Unidos e aqueles que contribuíram para seu funcionamento. Assim, no que tange o capitalismo ocidental moderno entendemos o ascetismo protestante como um dos aspectos que favoreceram a emergência do capitalismo. Entretanto, esses aspectos, após a consolidação desse regime econômico, não são mais tão importantes. O capitalismo que se apresenta hoje tem seus próprios elementos que impulsionam e/ou sustentam seu funcionamento.

### **Referencias**

- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas/Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- MALHEIROS, Irlena; TORRES, Monalisa e CAMERINO, Andréa. O patriotismo nos Estados Unidos. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v.7, n.12, p. 119-140, 2011.
- QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira e OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- TOCQUEVILLE, Alexis. **Democracia na América**. Edição condensada. São Paulo: Companhia

Editora Nacional, 1969. (Coleção Para o Leitor Moderno). Apêndice: Segunda Parte, Livro I e II.

\_\_\_\_\_. **A Democracia na América:** sentimentos e opiniões: de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Livro II)

\_\_\_\_\_. **A Democracia na América:** leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (2º volume)

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: JC Editora, 1982.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 2003.



# Ensaio

## O *Pathos* dionisíaco manifestado em *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar

Pâmela Bueno Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio faz uma análise do *pathos dionisíaco*, exaltado no personagem André, do romance *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar. Nos referenciamos na obra de Friedrich Nietzsche *O Nascimento da Tragédia*, onde encontramos primeiramente as definições das pulsões apolíneas e dionisíacas, segundo o filósofo elas se mantêm em constante conflito no homem, importante ressaltar, que vamos visitar a primeira fase intelectual de Nietzsche para analisar o romance. Nesse sentido, investigamos, como André entrega-se ao *pathos dionisíaco*, ou melhor, como deixa aflorar seu êxtase pela vida. O amor por sua irmã, trará o seu aniquilamento. Dionísio é o deus bárbaro que vem do oriente, e traz à tona o lado humano mais vivo e criativo, de entrega e amor. O que nosso ensaio analisa é o *pathos* do personagem, que rompe com os padrões da época e de sua família em busca de seu eu no mundo, amor e desejos.

**Palavras – Chave:** *Pathos*; *Lavoura Arcaica*; dionisíaco; pulsões.

Desde a filosofia platônica que temos a cisão de poesia e filosofia. A relação entre arte e filosofia nem sempre foi harmoniosa, pois diferentes perspectivas podem ser adotadas. Seria possível dizer que no concerne à formação de um indivíduo há quem prefira privilegiar a filosofia em detrimento da arte. Contudo, entramos na contramão dessa perspectiva, pois pensamos que ambas não são excludentes, mas colaboram entre si. Não precisamos vê-las como distintas, nos propomos, analisar filosoficamente o romance de Raduan Nassar *Lavoura Arcaica*. Investigando a pulsão dionisíaca, sem deixar de lado a pulsão apolínea do personagem. É visto de nota, que o livro proporciona muitas reflexões filosóficas, faz o leitor percorrer um misto de agonias e desejos exaltados dentro de uma família de princípios tradicionais.

Em suma, muitos filósofos utilizaram a literatura (poesia) para fazer sua filosofia. Desde os pré-socráticos que “pensaram o ser e o vir a ser como poetas que escreviam em versos, a exemplo de Parmênides, ou em aforismo sibilinos, como Heráclito. A partir deles, nenhuma filosofia viveria mais sem metáfora” (NUNES, 2010: 06). Os antigos, Platão em Fedro, Fédon, O Banquete em modo de diálogos e Aristóteles. Na modernidade Nietzsche -

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia - PRO-FILO da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Graduanda em Letras- Espanhol pela Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Formada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: costapamela58@gmail.com.

dispõe da poesia e poemas em suas obras, Rousseau em *O Emílio* e *A Nova Heloísa* que expõe seus pensamentos em forma de romance e Voltaire, *Cândido ou o Otimismo*. Também muitos escritores de romances, poesias, com suas abordagens literárias, utilizam de reflexões filosóficas, podemos citar: Clarice Lispector, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, enfim, muitos exemplos poderíamos destacar. Os personagens da literatura podem produzir representações filosóficas.

Benedito Nunes compreende a relação filosofia poética e poesia filosófica, poetas/filósofos e filósofos/poetas como: “seria o mesmo que dizer que um corre para o outro, como rios confluente [...]. Há poetas sensibilizados pela filosofia, como, entre outros, o foi declaradamente um Fernando Pessoa, e outros não” (2010: 06). Por fim, ressaltamos que o texto literário é capaz de fornecer ferramentas para compreensão do conteúdo filosófico, pois a filosofia em si já é um tipo de literatura, uma vez que é um modo próprio de transmitir pensamentos. E de acordo com Nunes, a Filosofia não deixa de ser Filosofia tornando-se poética nem a Poesia, ou também a arte literária dos romances, deixam de ser poesia-literatura tornando-se filosófica. É de extrema importância uma leitura filosófica em romances, e assim, de modo a desvelar e invocar o profano que as palavras de Rotterdam devem ser exaltadas:

Que seria esta vida, se é que de vida merece o nome, sem os prazeres da volúpia? Oh! Oh! Vós me aplaudis? Já vejo que não há aqui nenhum insensato que não possua esse sentimento. Sois todos muito sábios, uma vez que, a meu ver, loucura é o mesmo que sabedoria. Podeis, pois, estar certos de que também os estoicos não desprezam a volúpia, embora astutamente se finjam alheios a ela e a ultragem com mil injúrias diante do povo, a fim de que, amedrontando os outros, possam gozá-la mais frequentemente. Mas, admitindo que esses hipócritas declamem de boa fé, digei-me, por Júpiter, sim, digei-me se há, acaso, um só dia na vida que não seja triste, desagradável, fastidioso, enfadonho, aborrecido, quando não é animado pela volúpia, isto é pelo condimento da loucura. (2002: 30)

Loucura? Assim como *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes – que enxergava a realidade completamente diferente, seguimos nossa reflexão “brigando com os moinhos de vento” (2005: 10)<sup>2</sup>! Ou melhor, nos embalos dessa loucura, dos rastros de Erasmo de Rotterdam elucidamos a questão dos devaneios:

“Não espereis que, de acordo com o costume dos retóricos vulgares, eu vos dê a minha definição e muito menos a minha divisão. Com efeito, que é definir? É encerrar a ideia de uma coisa nos seus justos limites. E que é

<sup>2</sup> Abordagem remete a Dom Quixote que briga com os Gigantes, que na verdade são grandes moinhos de vento – “Que louco! — pensei — Até um cego poderia ver que se trata de moinhos de vento e não de gigantes. Estranhava-me que não se importasse com as palavras razoáveis do prudente Sancho!”

dividir? É separar uma coisa em suas diversas partes. Ora, nem uma nem outra me convém. Como poderia limitar-me, quando o meu poder se estende a todo o gênero humano? ” Assim, como poderemos, ou como poderei encontrar um sentido único para a vida, definindo-a? (2002: 06)

Nossa pretensão não é definir, mas sim proporcionar reflexão. E, não queremos encerrar a ideia de algo com uma resposta indubitável e irrefutável. Nos embalamos pelas reflexões de Nassar, o personagem que chama atenção é André. Mas, por que André? Ele é o personagem da *Hýbris* - que vem do grego e significa a desmedida, e assim que suas ações provocam desmedidas, que o proporcionam felicidade e infelicidade, mas todas vividas intensamente.

Todos na família possuem características notórias, mas é André quem irá dar o primeiro passo à concretização da loucura. É profano, efêmero e poético! Podemos caracterizá-lo como a personificação de Dionísio, deus da desmedida, deus bárbaro do vinho, do teatro, das orgias, da exacerbação dos sentidos. Ele é a manifestação do bárbaro, é aquele que coloca seu falo em questão, seu corpo, seu *pathos* em ritual – quando observa o teto, o chão e umidade, são características dionisíacas, o desejo de uma vida úmida! O olfato – “o ruído das batidas na porta vinha macio”, o tato – “as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito ainda quente” – e a sua visão – “Os olhos no teto...” É através deles que o personagem experimenta em seu corpo esse outro mundo (NASSAR, 2006: 05)<sup>3</sup>.

Estar vivo é desfrutar da vida em todas suas possibilidades, é amar, mesmo que esse amor seja imoral. Os padrões de uma sociedade, não podem privar os indivíduos de entregar-se à vida. E assim, a figura de André, faz o leitor entrar em contato com um novo modo de ver a vida. Dito isso, precisa-se entender que sua família era patriarcal e tradicional, ou seja, pregava o seguimento da boa moral e dos bons costumes, pautados nos mandamentos da religião cristã. O amor era válido somente no âmbito familiar, o homem deveria seguir o caminho do espírito e não de suas paixões, não deixar-se levar pelos seus instintos mais primitivos, e sim, apenas, e unicamente seguir a religião. Cultivar a terra, ajudar seus irmãos, cultivar a boa união entre a família, ajudar nos afazeres da casa, dando valor para o trabalho. “O trabalho faz o homem dignificar-se”, dizia seu pai, e assim, seguir o caminho pautado pelos valores éticos e morais de um homem de bem.

O avesso, a desmedida, o exacerbamento, a personificação do amor, é André. Ele não leva a sério os ensinamentos e os sermões de seu pai. Ele é o sujeito apaixonado, que vê o

<sup>3</sup> Reflexões retiradas do primeiro capítulo intitulado A Partida.

mundo às avessas, como Roland Barthes (2003) em seu *livro Fragmentos de um discurso amoroso*, enfatiza, o homem apaixonado é aquele que enxerga o mundo de uma outra maneira, é possuído pelas musas, é o sujeito que vive sua loucura atravessado pela ideia que está ou vai ficar louco. Nesse sentido, André chama atenção por ser a figura que rompe com os padrões estabelecidos.

André fugiu da repressão e da prisão que era sua casa, entregou-se à sua volúpia e a loucura. No ato, mas polêmico da obra, onde o amor desmedido e imoral foi consumado pelos irmãos. Esse amor surge, do mesmo modo que contemplava a natureza, a terra úmida, ao tocar seus pés nus, que lhe proporcionava um imensurável prazer. Nesse sentido, tentando caracterizar André como o sujeito da desmedida, o homem da relação com a natureza, de amor e entrega. Efêmera é a sensação, alucinante se torna o seu desejo quando está em contato com a terra, com seus pés nus sentido a úmida sensação da terra! Era seu grito de prazer e seu delírio. André deleita-se com isso, ama a terra assim como ama Ana, pois a via como um ser úmido, cheio de vida, mesmo não falando nada, seu corpo falava e chamava a atenção do irmão. André é envolvido pelo olhar de Ana, sendo arrastado para um abismo sem fim, apaixona-se demasiadamente. Nesse jogo de sedução, cometem o ato, a consumação do seu amor, no ato carnal e libidinoso do seu sexo. Cometem o ato incestuoso. Eis que começa sua tortura mais interminável. Ao deparar com o silêncio de Ana, depois de terem vivido um momento de entrega e amor, foi concebido por uma volúpia, um misto de fúria e desespero. O silêncio, fala! Não foi preciso dizer nenhuma palavra. Ele havia entendido sua recusa, e assim, abandona o lar, para ir em busca de seu próprio caminho, longe de todos.

Ao analisarmos os outros personagens da casa, o mesmo pensamento é levantado pelo seu irmão caçula Lula – que era apaixonado por André. O que se torna nítido no personagem do pai: é a negação do corpo, a negação das emoções para a valorização da fé. No lar, dentro da família, há inúmeros instintos reprimidos e vontades negadas. A família era dividida, os filhos que seguiam os ensinamentos do Pai Lohána – era Pedro, Rosa, Zuleika e Huda, ao lado da mãe os filhos que seguiam o *pathos*, Ana, André e Lula. Isso fica claro, quando vemos a colocação de cada um na mesa na hora das refeições, momento santo e sagrado para seu pai. A mãe, é a figura do amor, a personificação de Afrodite - deusa grega do amor! Exacerbada em seus afetos, apaixonada por André, deixa esse sentimento falar mais alto quando ele foge de casa. Quando André vai embora, abandonando o seio familiar, todos ficam inconformados e tristes com sua partida. O caos e (Des)equilíbrio é instaurado. A família perfeita, começa a se desestruturar.

Portanto, ele é o homem dionisíaco, de entrega e afirmação. O filósofo Nietzsche, aborda que essas pulsões estão em constantes conflitos dentro do homem. Assim, quando o lado dionisíaco fala mais alto, o trágico é manifestado, entendendo aqui o trágico não como hoje relacionamos o termo.

André ama intensamente e profanamente a irmã, esse amor proibido, vai manifestar o trágico e trazer o aniquilamento no âmbito familiar. Como podemos analisar esse ato de amor? De fato, de acordo com os valores que a sociedade cristã preza, é algo extremamente errado, mas não estamos fazendo julgamentos de ações certas e erradas, pois são questões metafísicas. Ademais pensando em Adão e Eva, duas criaturas que eram vistas como irmãos, também provam do fruto proibido, assim como Ana e André. Devoram, devoram-se! Amar a vida, em uma filosofia afirmativa como a de Nietzsche, não negar seu destino, entregar-se a ele, é o *amor-fati*. Essa entrega em nada quer diferente seja para trás ou para frente. Destarte, são vários os personagens da literatura que buscam uma entrega total à vida e ao *pathos*. Podemos citar, como exemplo, *Emma Bovary* de Gustave Flaubert em sua obra ícone do realismo *Madame Bovary* – a personagem Emma entrega-se ao mundo onírico, ou seja, ao mundo que ela projeta com a literatura, seus medos, incertezas, desejos e paixões. Ela vai encontrar no mundo literário uma saída da realidade que vivia. Seu marido pacato Charles, sem vida, sem gozo, sem paixão, sem *pathos*! Não era o homem que a fazia transbordar e exacerbar seus sentimentos. Não, ele não proporcionava nada, somente o tédio. Onde ela encontra o sentido de sua vida?

Na literatura, mas quando isso não foi suficiente, quis viver e desfrutar dos amores e sabores na vida “real”. Assim, entregou o seu eu para a vida. Buscando encontrar na vida real o que ela vivia no mundo literário. Como Fernando Pessoa nos diz: “a literatura é a melhor forma de ignorar a vida” (2006: 140)! Sim, exatamente isso que Emma fazia, em relações fora do seu casamento, obteve sensações e prazeres jamais vividos, a exacerbação dos sentidos fez ela amar a vida! Mas, cabe ressaltar, que sua traição, vista do âmbito moral é pecado. Mas, a traição de Emma foi seu escape da dura realidade que vivia dura porque ela não amava o esposo e conviver com ele era uma tortura. Seu marido não tinha nenhuma poesia. E os seres sem poesia, são pó. O que fazer de uma vida sem amor? Ela estava secando e queria uma vida úmida, obteve por curto período, sua entrega trouxe consequências. Outra obra que possui uma personagem marcante, de entrega ao *pathos*, é Ana, na obra de Tolstói *Anna Karenina*. Ela mulher, mãe, casada com um oficial do governo, Karenin. Uma família, perfeita. Mas, que não a satisfazia, desse modo, vai abandonar o marido e seu filho, traindo o

papel primordial de uma mulher: o de esposa e mãe. Desobedece a uma instituição sagrada - o vínculo matrimonial, para fugir com seu amado *Vronsky*. Anna representa a crítica mais feroz e ao mesmo tempo a demonstração de todos os subterfúgios e as mentiras nas quais se fundamenta a boa sociedade russa. Ao lembrar desses exemplos, voltemos para André, quando sai de sua casa, deixa para trás o que mais desejava. E encontra no mundo infinitos prazeres mundanos, entregando-se para a vida, rompendo com o equilíbrio que seu pai pregava na mesa, na divisão do pão e do vinho. A paixão tudo devora... É com entusiasmo que Nietzsche nos diz: “a criatura nobre não peca, é o que o poeta profundo nos quer dizer: por sua atuação pode ir abaixo de toda e qualquer lei, toda e qualquer ordem natural e até o mundo moral” (2005: 64). Inquestionavelmente o homem é um animal racional, mas, a razão é abandonada, e a emoção fala mais alto, assim, lutar contra as paixões e os sentimentos que afloram no coração não é possível. Bovary desfruta dos prazeres que a vida tem a oferecer, traindo seu esposo, em uma entrega a uma vida material, consumista, cheia de desejos, mas, perde-se em si mesma, sua busca constante por amor, vai ser seu tormento assim como André, o amor que sente pela irmã vai ser sua crucificação.

Não obstante, esse devaneio essa busca por explicar um sentido para vida é ilimitado, cada ser humano, cada homem dá o sentido que ao ser ver é mais plausível. Cada um segue o caminho que deseja em nome do que acredita. Somos livres para procurar o próprio sentido para nossas vidas, podemos romper, (des)construir como Derrida e criar nossos próprios rastros. Antes de tudo, digamos: haverá no mundo coisa mais doce e mais preciosa do que a vida? E nesse sentido que a outra personagem utilizada como exemplo, *Ana*, de Tolstói, rompe com os paradigmas e acaba por experimentar o *pathos dionisíaco* ao extremo, aniquilando-se, a vida que desejou seguir, assim, como sua antiga vida não lhe foi suficiente. Bovary ao tomar veneno para acabar com seu sofrimento, pois o mundo que sonhava, não encontrou, aniquila-se e agoniza até o seu fim.

André, Emma e Ana o que eles tem em comum? Eles tem o desejo pela vida, pela ruptura dos padrões, entregam-se a *Eros*, entregam-se para vida! Amar, amar e amar... entregam-se e embriagam-se no dionisíaco – são trágicos! E principalmente André, é embriaguez, é êxtase e entusiasmo – lembrando a fala de André para seu irmão Pedro, quando foi buscá-lo para voltar ao lar, o amor pela irmã foi exaltado em palavras:

'Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome' explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carnegão maduro e pestilento, 'era Ana a minha enfermidade, ela a minha

loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arpejo, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos' gritei de boca escancarada, expondo a textura da minha língua exuberante. (NASSAR, 2006: 107)

Com essa fala, podemos compreender o amor e a paixão desmedida pela irmã. O *pathos*, a entrega, a sede de vida e a sua afirmação, *transborda o pathos dionisíaco* e pode causar o devaneio como uma loucura: uma aniquilação do ser. O homem é por natureza racional, mas em certos momentos deixa a razão de lado, para aflorar o corpo e suas paixões.

Ana a irmã, também embriaga-se no êxtase de vida dionisíaca:

Roubou de um circundante a sua taça, logo derramando sobre os ombros nus o vinho lento, obrigando a flauta a um apressado retrocesso lânguido, provocando a ovação dos que a cercavam, era a voz surda de um coro ao mesmo tempo sacro e profano que subia. (NASSAR, 2006: 188)

Não teremos uma resposta para o *pathos* de André, porque definir é limitar, e a vida não permite essa limitação, como Rotterdam enfatiza (2002: 06) – definir, então, é encerrar a ideia de uma coisa nos seus justos limites, e isso não pretendemos, com os personagens literários, conseguimos pensar a vida, e o que nos é nítido? A vida deve ser gozada, ser poética e afirmativa!



**Referências**

- BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**, São Paulo: eBooksBrasil, 2005.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- GAZOLLA, Rachel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MILAN, Pietro. Disponível em: <<http://segundo-plano.com/livro-anna-karenina>>. Acessado em 15 de junho de 2016 as 16h e 30min.
- NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
- NUNES, Benedito. Poesia e Filosofia: uma transa. In: **Ensaios Filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- PESSOA, Fernando, **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Antena, 2002.
- TOLSTOI, Leo. **Anna Karenina**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

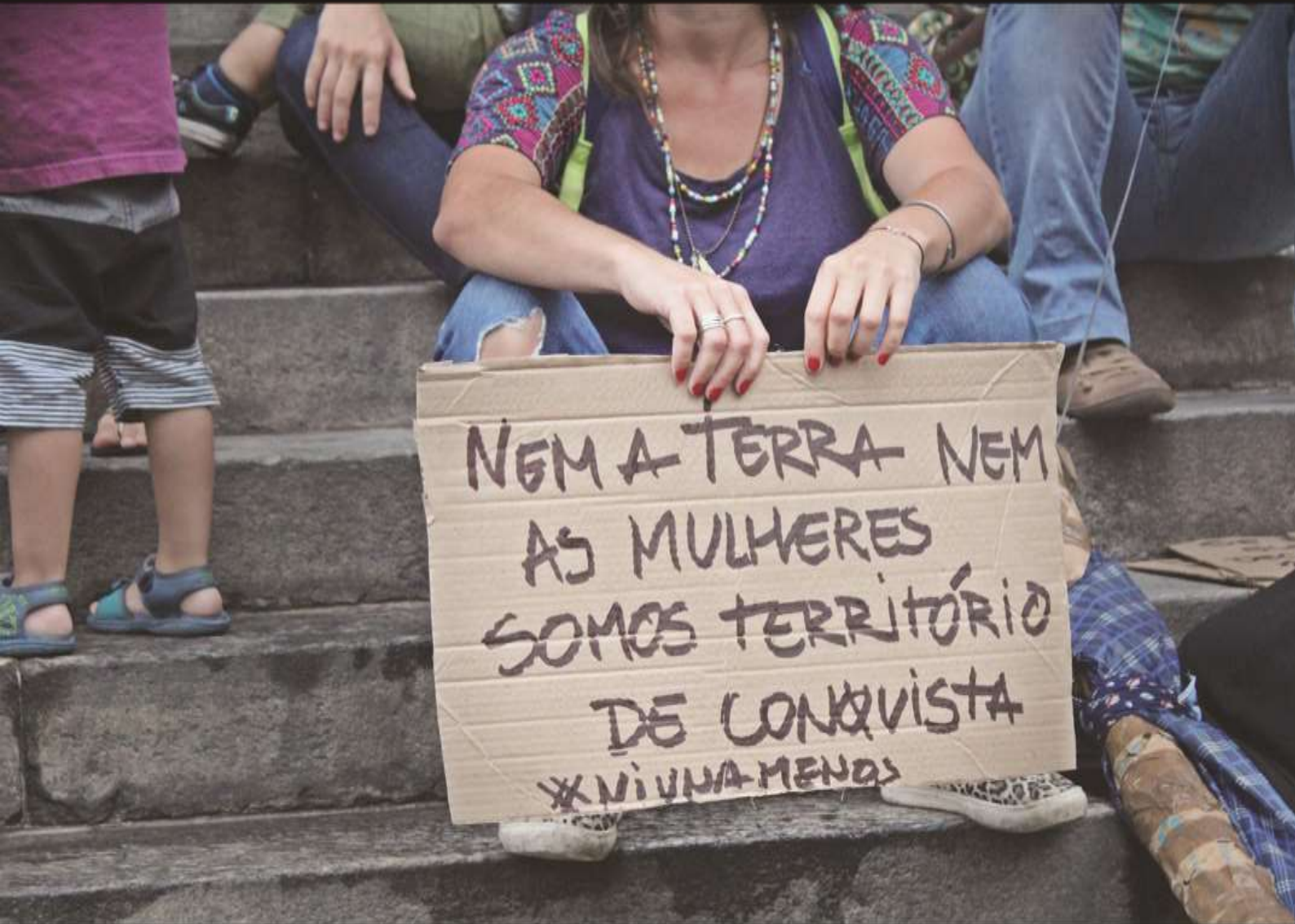
# Fotografias



© Bruna Navarro







NEM A TERRA NEM  
AS MULHERES  
SOMOS TERRITÓRIO  
DE CONQUISTA  
X NI UNA MENOS





© Andreza Cunha





© Bruna Navarro



© Andreza Cunha